



ANA CAROLINA DE CAMPOS ALMEIDA

Tecendo investigações sobre rendas: o trocar dos bilros no Piauí

Campinas

2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Carolina de Campos Almeida

Tecendo investigações sobre rendas: o trocar dos bilros no Piauí

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Suely Kofes

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
para obtenção do título de Mestra em
Antropologia Social.

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação
defendida pela aluna Ana Carolina de Campos Almeida
orientada pela Profa. Dra. Maria Suely Kofes.

Campinas– SP

Março 2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

AL64t Almeida, A. C. C., 1985-
Tecendo investigações sobre rendas : o trocar dos bilros no Piauí / Ana Carolina de Campos Almeida. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Maria Suely Kofes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Rendas de bilro. 2. Rendeiras e rendeiros - Piauí. 3. Aptidão. 4. Estética. 5. Desenho. I. Kofes, Suely, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Weaving investigations about lace : the movements of the bobbin lace in Piauí

Palavras-chave em inglês:

Bobbin lace

Bobbins of lace - Piauí

Ability

Aesthetics

Drawing

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestra em Antropologia Social

Banca examinadora:

Maria Suely Kofes [Orientador]

Carlos Emanuel Manzolillo Sautchuk

Fabiana Bruno

Data de defesa: 31-03-2014

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 31 de março de 2014, considerou a candidata ANA CAROLINA DE CAMPOS ALMEIDA aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Profa. Dra. Maria Suely Kofes

Profa. Dra. Fabiana Bruno

Prof. Dr. Carlos Emanuel Manzolillo Sautchuk

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo investigar os diversos modos de existência das rendas de bilros confeccionadas pelas mulheres rendeiras da “Casa das Rendeiras”, no município de Ilha Grande (Morros de Mariana, PI-Brasil) em seu processo de produção e confecção, desde a coleta da matéria-prima até a comercialização das rendas. Uma etnografia que busca alcançar, ainda que provisória ou sucintamente, as relações que se constituem entre rendas e rendeiras no espaço da Casa. Tomando como referência teórica o autor Ingold (2007, 2012) interessa-me expressar e enfatizar as diversas relações que se estabelecem entre rendas e rendeiras nos movimentos das linhas que compõem os pontos das rendas. Para expressar as diversas relações que pude apreender no local, baseio-me no desenho de meshwork, tal como proposto por Ingold (2012), em que as linhas são os vestígios dos materiais das rendas conjuntamente com o conhecimento técnico e habilidade de cada rendeira mostrando o aprendizado de render, a técnica, as relações das rendeiras na Casa, enquanto um espaço de sociabilidade e, ainda, os aspectos emocionais e estéticos envolvidos no ofício de render. Nessa perspectiva, o ofício de render é pensado como um modo de conhecimento transmitido na Casa das Rendeiras na relação rendas e rendeiras.

Palavras chave- Rendas de bilro, Rendeiras e rendeiros – Morros de Mariana (PI), Aptidão, Estética, Desenho.

Abstract

This work has as objective to investigate the several ways of the existence of bobbins lace made by the lace-makers, women from “Casa das Rendeiras”, in Ilha Grande (Morros de Mariana, PI-Brazil), in its production and confection process, from the very gathering of the raw material to the sale of the laces. It presents an ethnography that intends to apprehend, though briefly, the relations that are constituted between laces and lace-makers in the space of Casa das Rendeiras. Drawing upon Ingold’s theoretical ideas, my interest is to focus on the several relations established between the laces and lace-makers in the movements of lines that shape the lace’s points. In order to express the relations observed in the place I took for basis the meshwork drawing as proposed by Ingold (2012), where the lines are traces of the lace’s material conjugated to the technical knowledge and the ability of each lace-maker showing the lace making learning, the technique, the lace-makers relations in Casa das Rendeiras as a place of sociability, and yet the emotional and aesthetic aspects involved in the work of making laces. Upon this perspective the work of making laces is thought as a kind of knowledge transmitted in Casa das Rendeiras in the relation between laces and lace-makers.

Keywords: Bobbin-lace, Bobbins of lace – Morros de Mariana (PI), Ability, Aesthetics, Drawing

SUMÁRIO

Abstract	ix
Agradecimentos	xix
Apresentação.....	1
Introdução	9
<i>Contextualizando as rendas de bilros em circulação</i>	<i>9</i>
<i>As rendas de bilros no Brasil</i>	<i>14</i>
<i>Contexto do local de minha pesquisa</i>	<i>15</i>
<i>Morros de Mariana</i>	<i>16</i>
<i>Pesquisa e entrada em campo em Morros de Mariana, Ilha Grande</i>	<i>19</i>
Etnografia do ofício de rendar	27
Parte 1 – A Casa, as rendeiras e as coisas	27
<i>A reforma da Casa e os seus eventos, conforme a narrativa de Socorro</i>	<i>30</i>
<i>Apresentando as rendeiras “nas rendeiras”</i>	<i>39</i>
<i>Período da tarde na Casa.....</i>	<i>44</i>
<i>As rendas de bilros: seus materiais</i>	<i>45</i>
<i>Sobre almofadas e bilros em confecção</i>	<i>47</i>
Parte 2.....	57
Transmissão e Aprendizado: desenhos e pontos das rendas de bilros	57
<i>Modos de transmissão: o fazer rendar</i>	<i>57</i>
<i>Aprendizagem por meio de Cursos.....</i>	<i>57</i>
<i>Ensina-se rendando e aprende-se fazendo</i>	<i>60</i>
<i>As rendas de bilro: em ofício</i>	<i>66</i>

<i>Quando uma rendeira inicia renda na almofada</i>	<i>70</i>
<i>Aprende-se fazendo, ensina-se mostrando.....</i>	<i>73</i>
<i>Os primeiros pontos da aprendiz.....</i>	<i>75</i>
<i>Pontos Básicos</i>	<i>81</i>
<i>Os desenhos elaborados por Socorro</i>	<i>88</i>
<i>Um passeio pelo tempo: entre fotos, caixa e cadernos guardados</i>	<i>91</i>
<i>Metodologia para abordar o render</i>	<i>93</i>
Parte 3.....	99
Interação – Socialidade	99
<i>Interação entre as rendeiras na Casa</i>	<i>99</i>
<i>Relações entre as rendeiras e eu-pesquisadora</i>	<i>101</i>
<i>A presidente e as outras rendeiras.....</i>	<i>104</i>
<i>Entre elas: as afinidades.....</i>	<i>105</i>
<i>Dividindo a confecção da renda</i>	<i>108</i>
<i>Rendas e rendeiras e os turistas.....</i>	<i>109</i>
<i>Encomendas.....</i>	<i>111</i>
<i>A Relação de cada rendeira com as rendas de bilros.....</i>	<i>113</i>
<i>Aspectos da subjetividade e estética nas relações das rendeiras com as rendas.....</i>	<i>116</i>
<i>Relação Rendeiras Extra-Casa.....</i>	<i>119</i>
<i>O evento Fashion Week</i>	<i>123</i>
<i>As rendas prontas na Casa ou As peças.....</i>	<i>125</i>
<i>Relação das rendas em exposição e venda</i>	<i>130</i>
Parte 4.....	143
Intersecção de linhas das rendas de bilros – O Tempo.....	143
<i>Etnografia Visual de um acervo comum: o caderno.....</i>	<i>145</i>
<i>Minha primeira incursão à etnografia visual</i>	<i>149</i>
<i>Disposições, pontos e sinais do tempo</i>	<i>152</i>
<i>O acervo do caderno.....</i>	<i>152</i>

<i>Moldes no papelão.....</i>	<i>164</i>
<i>O ponto aranha.....</i>	<i>168</i>
Considerações Finais	171
Bibliografia.....	175

Olhar o mundo
Com a coragem do cego
Ler da tua boca as palavras
Com a atenção do surdo
Falar com os olhos e as mãos
Como fazem os mudos

Diário de Cazuza - 1978

Dedico ao meu avô (Toninho), que me ensinou a buscar e a reconhecer o que não tem preço.

(In memoriam)

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais por me incentivarem à leitura e à escrita. Mas mais do que isso, por respeitarem a filha lúdica e arruaceira desde pequenina. Por respeitarem a minha necessidade de partilhar a vida com e sem os livros. E por me apoiarem a fazer uma pesquisa de campo, sozinha, no norte do Piauí simplesmente porque eu vi uma reportagem sobre as rendeiras do Piauí e decidi que iria. Acho que o agradecimento, aos meus pais é, simplesmente, por me reconhecerem e me respeitarem.

Ao meu cachorro Dengo, por latir e pedir atenção quando estou escrevendo. Ou por dormir.

Agradeço à vó Laura que era a costureira do bairro, sempre sentada em sua máquina mostrando-me seu ofício. À minha tia Maria Ângela por bordar ao meu lado. A minha avó Lela pelo movimento de suas mãos cortando cabelos (cabeleireira).

Ao me avô Toninho por ser carpinteiro. E passarinheiro. Por sempre me lembrar de que meu nome é Curió “o passarinho de maior valor” e por me dizer que eu ia longe. Por estar a minha espera na porta de sua casa cada vez que eu vinha de Araraquara e, posteriormente, de Campinas. E por me colocar em uma cadeirinha de ferro, pintada na cor verde e acolchoada de cor amarela, em sua bicicleta, e me levar para passear quando pequenina.

Aos tios Jamir e Ana Luiza que me incentivam e torcem por mim, sempre!

Aos colegas de turma de mestrado de 2011, na Unicamp, por partilharem o espaço da sala de aula, especialmente aos amigos queridos que tantas vezes me incentivaram a prosseguir com a pesquisa:

Diego, o galego, que partilhou seu conhecimento e seu espírito selvagem comigo nas festas e bares.

Ao Hugo, por ser o cara mais rabugento e sarrista que eu conheço. Hugo, você faz falta no meu dia a dia!

À Bruna pela afinidade instantânea na sensibilidade. Você também faz falta no meu dia a dia!

À Aline, por ter uma risada gostosa e um espírito de guerreira. Mas, mais do que tudo, pelo abraço.

À Stella, por falar e por a mão no cabelo para pensar no que está dizendo. E por seu lindo livro de poesias!

À Camila, por compartilhar comigo os sentimentos e a sensibilidade. Por que você não está mais em Barão? Não me acostumo.

À minha maior surpresa: Julian, eu não sabia que tinha um irmão. Por ter feito graduação na Unesp. Por ser a pessoa que mais me acompanhou nesses três anos de mestrado. Por saber cuidar. Por, muitas vezes, estar ao meu lado, simplesmente, nos momentos em que isso é preciso. Por me fazer rir e chorar ao mesmo tempo. Por partilhar a vida comigo, com bolsa e sem bolsa. Por ser amavelmente preciso comigo. E por me suportar diariamente, claro!

À Maria, que está sempre por perto, cantando e tocando violão comigo. A Maria é a poesia e a prosa quando tudo ao redor está desmoronando.

À Pati, pela firmeza, sensibilidade e preocupação com minha pesquisa, me apresentando interlocutores preciosos. É um prazer enorme ser amiga dessa grande antropóloga!

À Julia Brussi, que compartilhou comigo sua pesquisa e inúmeras informações. Obrigada pelo carinho e pelos vários e-mails trocados.

À Ana Piu, pelo carinho constante.

Ao Carlos, pelas palavras carinhosas e pela força!

Aos meus amigos da Unesp: Rodrigo, Yvonne, Thiago da Hora, Renan, Valéria, João e Lívia (Chicão).

À minha graduação em Araraquara e a todas as bandas do circuito.

Ao Christiano K. Tambascia por contribuir para minha formação desde que cheguei à Unicamp. Obrigada pelo incentivo e por sua disposição à leitura e às discussões a respeito da minha pesquisa. Por ter participado da minha banca de qualificação de modo generoso e atento. E pela amizade.

Ao Bernardo, pelo carinho e puxão de orelha. Sem você meu projeto de mestrado não seria tão parecido comigo. Pelos diálogos e indicações de leitura sempre.

Ao Thiago, pelo incentivo e partilha de alguns anos.

À Fabiana Andrade, Ernenek e à Mariana, pelos abraços.

Ao Albergue Espanhol, por ter me acolhido tão carinhosamente e me alimentado: Dennis, Henrique, Lucas e Helô, vocês melhoram muito o meu dia.

À Larissa Nadai por sempre ter apostado em mim enquanto ser humano. Por ter cozinhado para mim. E por ter me apresentado o Albergue. Você mora no meu coração.

À Lari morena, pelas tantas vezes em que foi me buscar no aeroporto. Por me apoiar sempre, com uma conversa, um café e um sorriso. Pela presença cotidiana. Pela sintonia.

Ao Belleza, pela escalada na FEF. Ainda subo aquele muro.

À profa. Vanessa R. Lea por ter sido minha orientadora de mestrado por um ano. E pela amizade e carinho nesse período.

Aos professores Ronaldo Almeida e Ana Maria de Niemeyer, por se interessarem por minha pesquisa e por contribuírem para minha formação de antropóloga. Mas, mais do que isso, pela generosidade dos diálogos nas Jornadas de Antropologia de 2011.

A todo que participaram e tornaram possível as Jornadas de Antropologia de 2011 e 2012 na Unicamp, IFCH.

A todos que participaram e tornaram possível o IV ReACT (IV Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia) de 2013, na Unicamp.

À profa. Dra. Fabiana Bruno, por ter aceitado fazer parte de minha banca de qualificação, pelo carinho e sensibilidade nas palavras e pelas inúmeras e valiosas sugestões. E por aceitar participar da banca de defesa do mestrado com prontidão e gentileza.

Ao Prof. Dr. Carlos Sautchuk por ter aceitado participar da minha banca de defesa no período da tarde mesmo já tendo compromisso pela manhã. Obrigada pela generosidade.

À Lígia, pessoa de coração aberto que me mostra minha força interior e minha simplicidade na vida.

À minha orientadora Profa. Dra. Maria Suely Kofes, primeiramente, por ter se interessado por meu projeto de mestrado e por ter aceitado prontamente me orientar. Pelas aulas de antropologia que tanto me inspiraram e pelas orientações que tanto me acrescentam. Pela dedicação, carinho e atenção. Você, sem dúvida, foi uma das pessoas que mais contribuíram para que eu me animasse a seguir e expandir minhas investigações no doutorado.

Ao Prof. Dr. Roberto Lima que aceitou ser suplente da banca de defesa.

Aos funcionários das bibliotecas do IFCH, IEL e IA.

Agradeço, ainda, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela aposta em meu projeto de mestrado, possibilitando-me a pesquisa no Piauí.

Às rendeiras da Casa das Rendeiras pelo carinho e disposição em partilhar a comida, os sonhos, as angústias, a Casa e todo o conhecimento (amplo e extraordinário) sobre rendas. Sou fã n.1 de todas vocês. Minha gratidão eterna pela paciência para me ensinarem a render. Pela simplicidade com quem lidam com o dia a dia. Isso não tem preço.

Aos movimentos das rendas de bilros que me levaram ao norte do Piauí!

Obrigada aos moradores dos Morros de Mariana pela simplicidade amorosa com que me acolheram e pelo contínuo vínculo de emoção e aprendizado. Logo estarei de volta!

Obrigada às crianças dos Morros por brincarem comigo.

Apresentação

Em meu projeto de pesquisa de mestrado¹ propus a investigação dos diversos modos de existência das rendas de bilro produzidas por mulheres associadas da “Casa das Rendeiras”, na cidade de Ilha Grande (Piauí-Brasil) em seu processo de produção e confecção, desde a coleta da matéria-prima até a comercialização das rendas. Mantendo este objetivo, pretendo evidenciar, por meio de uma etnografia, as histórias das rendeiras em sua relação com a produção das rendas no cotidiano, e alcançar, ainda que provisória ou sucintamente, as relações rendas e rendeiras que se estabelecem na “Casa”².

Há confecção das rendas de bilro em várias regiões do Brasil³, como por exemplo, no estado do Ceará, conforme mostra Brussi (2009), em sua pesquisa sobre as rendas de bilro de Alto Alegre e Prainha. Há confecção das rendas de bilro também no município de Raposa, no Maranhão, bem como no estado do Rio de Janeiro e no estado de Santa Catarina. Também em outros países como Holanda, Bélgica, Portugal, Espanha e Itália também é possível encontrar as rendas de bilro.

Pretendo analisar e refletir a partir de minha proposta de pesquisa etnográfica, meus dados de campo, partindo da seguinte questão: a circulação das rendas de bilro na Casa das Rendeiras, PI, consideradas em relação com as rendeiras, no ofício de rendar. Isso comporta e compõe uma análise que se preocupa em mostrar, a partir dos dados de campo, a relação rendas e rendeiras, em que o objeto “renda” não significa uma questão

¹ Como aluna regular do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, IFCH, Unicamp, carolavenca@gmail.com. Orientadora: Maria Suely Kofes.

² Utilizo a palavra “Casa” como “Casa das Rendeiras”.

³ De acordo com o Art. 216 da Constituição Federal de 1988, o patrimônio cultural brasileiro se compõe de “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. As rendas de bilro compõem o patrimônio brasileiro. E o Iphan é o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atualmente vinculado ao Ministério da Cultura que atua como órgão de proteção, fiscalização, identificação, restauração, preservação e revitalização dos monumentos, sítios e bens móveis do país, há mais de 75 anos, por meio de diretrizes, instrumentos de preservação e relatórios que informam a situações dos bens. Elabora programas e projetos que integrem a sociedade civil com os objetivos do Instituto, bem como busca linhas de financiamento e parcerias para auxiliar na execução das ações planejadas.

exclusivamente econômica. As rendeiras, em sua maioria, começaram a rendar para receber a renda, isto é, dinheiro, relação monetária, no sentido de que a renda é um ofício no qual se recebe dinheiro, é vendida. Mas os sentidos estabelecidos no ofício de rendar estão longe de revelar uma relação unicamente (e objetivamente) monetária entre rendas e rendeiras.

Existe o aspecto financeiro, mas este ofício e esta relação não podem ser reduzidos a esta perspectiva. Ou melhor, é necessário utilizar um conceito que, embora diga respeito a este aspecto, possibilite também mostrar os aspectos emocionais e estéticos envolvidos no ofício de rendar baseados, por exemplo, em uma frase dita pela rendeira Socorro⁴: “essa renda não tem preço”. Para realizar tal investigação e reflexão, buscarei evidenciar estes aspectos.

Nesta etnografia a respeito do ofício de rendar, pretendo mostrar, pelos dados de campo, alguns dos sentidos neste ofício, como por exemplo, o aprendizado de rendar, a técnica, as relações entre as rendeiras e a Casa das Rendeiras enquanto espaço de socialidade, o preço das rendas e sua relação com o tempo da renda e o tempo do mercado.

Com isso, tenho o intuito de refletir e discutir sobre o ofício de rendar, enfatizando aspectos que evidenciem a relação que as rendeiras têm com as rendas, no contexto diário, com os envolvimento emocional desta relação. Isto é: o riso, as risadas, as conversas, as expressões das rendeiras na Casa das Rendeiras, em ofício. A cumplicidade entre elas e aspectos que mostrem a relação e motivação que as impulsiona a frequentarem a Casa.

Devo esclarecer que nesta investigação da circulação das rendas de bilros, evidencio a matéria-prima ou os materiais que compõem as rendas, confecção das rendas e a venda das rendas na Casa. No entanto, esta divisão feita para apresentar tais dados ao leitor não tem como finalidade definir tais aspectos como etapas na experiência do rendar e não intento com essa apresentação dar conta de uma suposta totalidade que uma abordagem de etapas colocaria para a análise da circulação das rendas. Portanto, enfatizo que esta forma de

⁴ Presidente da associação da Casa das Rendeiras, tem 59 anos, e assim como todas as rendeiras da Casa não possui uma renda fixa. Mas calcula que recebe aproximadamente 300 reais por mês. É casada com ex-caminhoneiro que fica a maior parte do tempo em casa, pois está doente e não pode trabalhar. A rendeira é mãe de um casal de filhos, a filha mora em Santos/SP.

organização de dados e a análise que utilizo não dão conta de uma suposta totalidade, posta em questão nas reflexões acerca de método antropológico atualmente.

Início a dissertação introduzindo o leitor aos “Morros de Mariana”, numa tentativa de contextualizar historicamente a Casa das Rendeiras, nos Morros, as rendeiras da Casa e suas relações com a Casa enquanto associação, bem como a presidente da associação e as outras rendeiras, o ofício de rendar e suas características materiais, as peças vendidas na Casa e a relação rendeiras-rendas e turismo. E, por fim, as diferenças entre as rendeiras no ofício de rendar.

O modo como colhi meus dados, relacionando-me com as rendas e rendeiras, na Casa, mostra um pouco do método e o modo como cada rendeira se relacionou comigo, demonstrando suas particularidades enquanto rendeiras e sua coletividade de “rendeiras”. Logo abaixo, conto, resumidamente, como trabalhei a “coleta” de dados de campo, de acordo com as possibilidades e particularidades do local e do contexto vivido.

Os dados de campo foram anotados em meu diário, todos os dias em que estive nos Morros (isso totaliza aproximadamente três meses). Foram “colhidos” a partir de uma rotina “sistemática” de encontros diários com as rendeiras na Casa, de consulta a documentos encontrados nos armários da Casa das Rendeiras, à noite, estando eu sozinha na Casa⁵ e de conversas estabelecidas entre mim e as rendeiras e entre mim e cada rendeira, com suas particularidades. Essas conversas foram feitas na Casa das Rendeiras, enquanto estavam rendando, quando me sentava ao lado de cada uma e lhes falava quase particularmente, enquanto a conversa rolava solta ao redor entre as outras rendeiras.

Optei por não chamar uma a uma para fazer entrevista, pois, ao começar desta maneira, percebi que elas se sentiam intimidadas, com a câmera ou sem a câmera, mas com meu caderno, passando a falar menos comigo. Assim, os dados foram colhidos nestas condições, com todas elas juntas. Percebi que deste modo cada uma se sentia mais à vontade para me contar de suas experiências enquanto rendeiras, sua relação com o ofício, alterando, inclusive, o tom de voz, falando “baixinho” para mim, informações que não

⁵ É importante ressaltar que eu tinha a permissão das rendeiras para tal investigação de documentos.

deveriam ser ouvidas pela presidente da Casa, por exemplo. Foi esta percepção que me levou, então, a considerar que, especificamente para a minha pesquisa, este seria o método mais apropriado.

Mas, diante de tal experiência de pesquisa, como relacionar o que ali ouvi e vi com as reflexões teóricas?

O desafio na pesquisa me parece ser o de interpretar os dados de campo de modo a não dicotomizar a relação “dados de campo” e reflexões teóricas, tratando os primeiros como bases empíricas e provas para uma análise objetiva e precisa. Assim, o meu esforço é a conexão de diferentes modos de conhecimento. E esta parece ser, para mim, a maior dificuldade na dissertação.

As questões de método também parecem ser importantes de serem colocadas na pesquisa. A leitura a partir da qual estou situando questões de método antropológico é *Key debates in anthropology*, livro editado por Tim Ingold. No debate “1988 – Social anthropology is a generalizing science or it is nothing”, são discutidas questões metodológicas acerca do conceito “ciência” e “antropologia”. Okely (1996) sugere que, enquanto não redefinimos ou estendemos o significado de “ciência”, devemos reconhecer antropologia enquanto conhecimento, substituindo a expressão “generalizing science” por *knowledge*, isto é, conhecimento.⁶

Negar a menção de que a antropologia seja não é uma ciência generalizante, nestes moldes científicos, não significa que antropologia seja então uma ficção, no sentido de invenção e fantasia. É necessário rever também a noção clássica de ficção. A diferença entre a antropologia e os ficcionistas está na combinação e não na invenção enquanto criação.

⁶ De acordo com Okely, a palavra “ciência” vem da cultura clássica grega, que significa conhecimento. A partir do século XVIII, o significado da palavra ficou mais específico, na busca por ‘underlying laws’. Devemos considerar que o significado corrente da palavra ‘ciência’ está distante da ideia original de conhecimento, contaminada pelo positivismo. A reivindicação de Okely é que redefinamos a palavra ‘ciência’, ao invés de negá-la à antropologia.

Okely (1996) nos alerta para o fato de que esta pretensa imparcialidade, colocada pelo positivismo a que nosso conceito de ciência ainda se conjuga, não é real na antropologia, pois o antropólogo tem de fazer escolhas, omissões, sendo uma monografia antropológica um construto de seu tempo histórico.

Minha pesquisa tem a intenção de mostrar particularidades das relações das rendas e rendeiras na Casa das Rendeiras situada em um contexto histórico. Assim, parto do pressuposto de que a antropologia não necessita abarcar uma generalização tal como nos moldes definidos por esta ciência mencionada por Okely (1996) e que um tema de pesquisa a respeito da relação das rendas e rendeiras aborda o ofício de rendar como um modo de conhecimento antropológico que não se pretende total ciência⁷.

Para Okely (1996), há espaço para o trabalho da criação em antropologia associado à pesquisa de campo, pois uma pesquisa de campo não precisa se basear apenas em hipóteses. Pode expandir seus métodos e não aceitar apenas um método como único e possível, tal como em 'hard science'. Também parto desta reflexão para pensar a antropologia em que os dados de campo não sejam meramente provas de uma teoria. Assim, meus dados de campo indicarão uma perspectiva preocupada em mostrar as particularidades da relação das rendas e rendeiras dos morros de Mariana, sem exigir que tal pesquisa seja de cunho generalista e que meus dados de campo se apresentem como provas de uma pesquisa, com uma verdade.

Com essa reflexão em mente, procuro lidar com a relação pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica a respeito das rendas de bilros e teoria, de modo a escrever um texto em que estes modos de conhecimentos possam estar relacionados, interligados a questões comuns à antropologia.

Nesta pesquisa também menciono e utilizo o conceito de socialidade para pensar a interação e exercício de comunicar e conviver na Casa das Rendeiras, um dado que ao longo da pesquisa de campo mostrou-se importante como um dos componentes

⁷ De acordo com Okley (1996), o que devemos ter em mente é uma redefinição da noção de ciência, para pensar nos limites a que temos submetido a antropologia em nome de uma noção de ciência que tem como premissa hipóteses e objetivos bem delimitados.

fundamentais da relação das rendas e rendeiras. Utilizo o conceito de socialidade a partir de Ingold (1996), no debate proposto em 1989, a respeito do conceito de sociedade.

Socialidade, de acordo com Strathern (1996) e Toren (1996)⁸, é um conceito proposto para expressar o modo como pessoas, particularmente e individualmente, movimentam-se nas relações e criam novas formas de relacionar-se sem se deixar perder em um todo, coletivo, tal como o conceito de sociedade tem sido entendido. Socialidade é um conceito que possibilita expressar o movimento das pessoas nas relações e suas capacidades de reconfiguração e criação particulares, nas relações sociais⁹. As rendeiras da Casa das Rendeiras são pensadas e descritas nesta dissertação sob essa concepção.

A concepção de minha etnografia focalizando a relação das rendas e rendeiras em ofício de rendar na Casa das Rendeiras, que envolve a circulação das rendas de bilros, é baseada em Ingold (2007; 2011; 2012). O movimento das rendas de bilros é pensado de acordo com a perspectiva de Ingold (2007), quando propõe que tudo é composto de linhas, visíveis e invisíveis. Linhas formadas por gestos das mãos ao rendar. Destes gestos, apenas alguns traços ficaram na superfície e sobreviveram ao longo do tempo, deixando marcas e rastros.

Nesse sentido, as linhas que compõem as rendas de bilros podem ser pensadas como as relações de rendas e rendeiras, em ofício. Relações estas que, tal como a confecção de um bordado, formam traços possíveis de conhecimento por alguns momentos, pois, assim como na confecção de uma renda, as linhas estão em constante movimento, criando, por vezes, os traços que constituem o ofício de rendar em que materiais, corpo e gestos, em movimento, formam a peça de renda. Uma peça formada por linhas e destas linhas formam-se traços na superfície; traços possíveis de apreensão, como por exemplo, o ponto da aranha, um dos pontos das rendas de bilros que será explicado na dissertação.

⁸ Em *Key debates* (1996), *1989 debate: the concept of society is theoretically obsolete*.

⁹ Diferentemente do conceito de sociedade, dominante em antropologia social. Nesta concepção, sociedade submerge em um todo, formado pela soma das partes, o que engendra o conceito de indivíduo enquanto um ser pré-formado, uma entidade natural, moldada sob a imagem de um coletivo ideal. (Ingold, 1996).

Ousei também experimentar recursos que compõem uma etnografia visual mediante o conhecimento de uma dissertação de etnografia visual: *Os Argonautas do Manguê*. Faço um convite ao leitor para que vá até a parte quatro, intitulada *Etnografia Visual*, antes de ler a dissertação, para apreciar as fotografias anteriormente às informações sobre as rendas. É um convite à experiência etnográfica em que o conhecimento visual e o sensorial podem compor uma pesquisa antropológica.

Introdução

Início a dissertação introduzindo o leitor a uma breve contextualização histórica sobre as rendas de bilro na Europa e no Brasil, com o objetivo de situar o leitor a respeito de circulações das rendas de bilros entre alguns países. Apresento noções de alguns pesquisadores a respeito das rendas de bilros, suas supostas e hipotéticas origens e contextos em relação a alguns países da Europa e sua vinda para o Brasil. Mostro essas informações/dados para expor minha abordagem sobre a circulação das rendas de bilros em movimento constante.

Contextualizando as rendas de bilros em circulação

Pelo que minha pesquisa acerca das rendas de bilros tem me mostrado, “falar” de uma relação das rendas e rendeiras é abrir um leque de possibilidades de pesquisa, a começar pela bibliografia e pesquisas já existentes a respeito das rendas sob diversas abordagens¹⁰, tais como as supostas origens das rendas de bilros, a circulação das rendas por vários países e sua entrada no Brasil, aspectos estéticos das rendas com a finalidade de estudos de moda, pesquisas de turismo acerca das vendas de rendas em espaços turísticos, aprendizado da renda sob o olhar de educadores de arte, entre outros.

Minha abordagem a respeito da relação das rendas e rendeiras focaliza algumas relações apreendidas em campo, na Casa das Rendeiras, que passa por aspectos estéticos e de socialidade. Durante minha pesquisa de campo e meu interesse em aprender a render bilros, concentrei-me nas técnicas do render, sua prática e transmissão de conhecimento, partindo do pressuposto de que o ofício de render é, primeiramente, uma troca de saberes e que a confecção das rendas envolve a aplicação técnica e a troca de diversos saberes.

¹⁰Os primeiros pesquisadores, no Brasil, a respeito das rendas de bilros são os chamados folcloristas, preocupados em revelar artesanato e outros trabalhos de características nacionais, como as rendas. Exemplos dessa abordagem do folclore citados nesta pesquisa são Câmara Cascudo e Girão. Atualmente esses estudos estão associados à cultura material que é reconhecida como uma linha de pesquisa, na disciplina antropológica. E associa-se também o autor Ingold (...), cuja temática e abordagem reflete sobre *as coisas* em suas materialidades; abordagem em uma versão diferente da *cultura material*. Ingold (2007; 2012) será meu carro chefe na dissertação. Baseio-me em algumas de suas reflexões e dados acerca das *coisas* e suas materialidades para falar das rendas de bilros. Mais a frente explicitarei melhor a respeito de Ingold em minha pesquisa.

Saberes de diversos “nomes”, como saberes estéticos, envolvimento e saberes da emoção, sensibilidades e socialidade.

Para apresentar o contexto local de minha pesquisa, primeiramente, farei uma “breve” introdução a respeito da história de bilros. Minha preocupação com esta introdução não é eleger um país como originário da técnica de rendar bilros, mas, sim, mostrar que as rendas circularam e circulam em diversos lugares no mundo; a minha abordagem e interesse é a movimentação das rendas. Não defendo a ideia da renda de bilros como advinda ou ‘inventada’ por um único país. Procuro mostrar, aqui, os espaços por onde essas rendas circularam e parte da bibliografia já consolidada a respeito das rendas de bilros.

De acordo com Meneses (2006), embora não se saiba quando a renda de bilros chegou aos Morros de Mariana, é possível inferir que elas tenham chegado aos Morros por Dona Mariana, considerada a primeira moradora dos Morros, que por isso levam o seu nome¹¹. Do mesmo modo que no restante do país, a renda nos Morros teria sido introduzida por mulheres portuguesas que trouxeram ao Brasil esse saber de Portugal. Meneses supõe que as rendas se espalharam pelo litoral e pelo sertão nordestino por meio das rendeiras portuguesas que aqui chegaram.

De acordo com Girão (1984), foi no início do século XVII que as rendas de bilros adquiriram características e motivos tipicamente brasileiros, no Nordeste¹². Cascudo (1993), assim como Meneses (2006) e Girão (1984), escreve que os tipos de rendas confeccionadas no Brasil vieram de Portugal. A renda, aqui sendo transmitida, passou e passa por reconfigurações, ou seja, modificações de padrões e marcas locais, de acordo com a “cultura” local. A maioria das rendeiras dos Morros aprendeu o ofício pelo ensino de parentes como mãe, avó, tia, irmã ou por afins, como amigas e amigas de amigas.

No Nordeste, segundo Meneses (2006), a matéria-prima usada na produção de rendas era predominantemente linha de algodão nas tonalidades branca e bege, assim como

¹¹ Relatarei, mais a frente, a história de Dona Mariana e do que pude pesquisar a respeito dela.

¹² De acordo com Girão (1984), em 1940 ainda se tem notícia de grande exportação das rendas do Nordeste para o Sul do Brasil. Conta o autor que o comércio sulista fez transações muito lucrativas no Ceará, maior centro de produção de rendas de bilros.

o era na maior parte do Nordeste. “Posteriormente, houve a introdução, não só de novos tons, como também de outros tipos de fios, como o fio de viscose e o fio de seda, que já era utilizado na Europa antigamente” (2006:52). O algodão predominava no Nordeste do Brasil, devido à abundância de algodão na região a partir da segunda metade do século XVIII, de acordo com Meneses (2006). Atualmente, de acordo com Tavares (2011), a preferência para tecer renda, é por linhas industrializadas para crochê, como, por exemplo, a linha Camilla 1000.

A técnica do rendar foi transmitida de mãe para filha, geração após geração e, no ano 2000, foi transmitida também pela Casa das Rendeiras via cursos financiados pelo SEBRAE. “Voltando” um pouco no tempo, relato, sucintamente, referências da existência das rendas de bilros na Europa.

De acordo com Câmara Cascudo (1993), as rendas do Brasil vieram de Portugal e Portugal recebeu essas rendas de Flandres (Bélgica), França e Itália:

centros já notáveis desde meados e fins do século VX. No século XVII já era visto nas gravuras do Brasil holandês, enfeitando os trajes femininos e masculinos. O gosto pelas rendas está em todas as classes sociais. Ricas ou pobres, as mãos das moças brasileiras continuam tecendo os fios e criando beleza. (CASCUDO, 1993 p.583)

De acordo com Fleury (2002), a renda de bilro apareceu no final da Idade Média e início da Idade Moderna decorrente das técnicas de bordados no momento em que se criam tecidos sem o fundo. A grande diferença entre as rendas e os bordados é que, nestes, aplica-se o bordado a um tecido pré-existente, enquanto que a renda é parte integrante do tecido. A trama da renda é a formação do próprio tecido. Fleury diz até que “a renda é uma espécie de rede aperfeiçoada; e é precisamente a execução do ponto, que exige uma grande habilidade da rendeira, que confere ao trabalho o valor e a beleza” (FLEURY, 2002:47).

Segundo Fleury (2002), os padrões das rendas, em sua maior parte, eram italianos e a técnica das rendas de bilros também tem sua origem na Itália, em Veneza, final do século XV. À medida que passou a ser transmitida para outros países europeus, foi assumindo distintas características. E particularmente em Flandres a renda de bilros se desenvolveu de modo notável. No Brasil, a renda de bilros, segundo a autora, é a renda de maior

abrangência geográfica no Brasil, e, no Nordeste, é também conhecida como *renda de almofada*.

Fleury (2002) informa ainda que, anteriormente à renda de bilros, (do séc. XV), a renda de agulhas¹³ já existia na Antiguidade e “a arte de tecer (...) remonta a tempos pré-históricos¹⁴” (2002: 63).

Fleury (2002) considera que as mulheres, inspiradas pela observação de cipós e fibras vegetais, executando o entrelaçamento destes materiais, tenham criado as primeiras formas de tecelagem encontradas nas cestarias. A atividade tornou-se uma atividade habitualmente feminina, desde épocas remotas; com as mulheres tecelãs o ofício foi sendo aperfeiçoado na fabricação de tecidos mais finos e no desenvolvimento de entrelaçamentos mais complexos. A partir das técnicas de tecelagem é possível considerar a criação da técnica das rendas de diversas modalidades, inclusive a renda de bilros.

De acordo com Fleury (2002), Milão e Veneza foram centros de manufatura de rendas onde a influência oriental aparece nos ornamentos e técnicas de trançar fios e elaborar bordados. Antigamente, para rendar, usavam-se fios de algodão fiados na roca, mas há muito tempo já é usado o fio industrializado¹⁵. A renda de bilros apresentava-se como renda a metro. Da Itália, as técnicas de rendar expandiram-se para a França e para Flandres¹⁶. Flandres¹⁷ reivindica para a Bélgica a invenção da renda de bilros¹⁸. Apesar de

¹³ Rendas de agulhas são a renda renascença e renda holandesa. Retirado de: <http://rendadeagulha.blogspot.com.br/> Acessado em: 19/02/2014.

¹⁴ De acordo com Fleury (2002), há tecidos bordados na Antiguidade clássica e oriental, mas, por serem compostos por material perecível, não foram encontradas evidências materiais.

¹⁵ As cores branca e bege são as cores tradicionais, “mas atualmente outras cores são utilizadas, variando conforme a oferta dos fornecedores e a exigência dos consumidores” (2002: 49).

¹⁶ Fleury (2002) conta que Mme. Du Berry narra uma lenda veneziana sobre a origem da renda: “Conta-se, nas ilhas da laguna, que um marinheiro havia oferecido à sua noiva um ramo de coral dos mares do Sul, que tem por nome Mermaid’s lace, ou renda das sereias. Encantada com a delicadeza da planta marinha, a Veneziana tentou imitar com a sua agulha os lindos nós regulares do coral, tentativa de que resultou a criação da renda” (1907:18).

¹⁷ Flandres situa-se na região norte da Bélgica. A população conhecida como flamenga, de origem germânica, fala a língua holandesa. Dados retirados de: <http://mundofred.home.sapo.pt/paises/pt/belgica.htm>

¹⁸ A lenda é a seguinte: “Uma pobre moça, que estava noiva, prometeu renunciar ao casamento se a Virgem Maria a ajudasse a resolver os problemas de sua família, então vivendo na mais extrema miséria. Passeando no campo, sentiu a vista escurecer e então percebeu uns fios em seu avental preto. Ao chegar a casa, tentou reproduzir o desenho dos fios, inspirada por Nossa Senhora. Estava criada a renda, e muitas pessoas vieram a

haver discordâncias, Veneza é tida como o centro da criação da renda de agulhas e Flandres é, possivelmente, a criadora das rendas de bilros.

De acordo com Fleury (2002), na França, grandes centros de produção de renda de bilros, como Chantilly, Alençon e Argenon¹⁹, desenvolveram seus próprios desenhos. No século XVIII, com o desenvolvimento dos teares mecânicos, diminui o número de rendeiras das regiões de Auvergne e Velay. Em Portugal²⁰, o ofício de rendar, na segunda metade do século XVI, era praticado, inicialmente, nos conventos, com a finalidade de ornamentar as vestes sacerdotais e os paramentos da Igreja²¹. Segundo Fleury (2002), na Alemanha, atribui-se a Barbara Uttmann o início da confecção de renda de bilros.

De acordo com Fleury (2002):

Foi no vestuário, em que reinava a moda das grandes golas rendadas que a renda exerceu um verdadeiro fascínio. Os homens rivalizavam com as mulheres na ostentação do luxo no vestir, exibindo garbosamente suas rendas feitas nas manufaturas italianas, francesas, flamengas, ibéricas e em tantas outras espalhadas pelo continente europeu. É interessante notar-se que no início, não foi o gosto feminino que prevaleceu, mas sim o masculino: as mais belas peças de rendas foram fabricadas para os trajes masculinos da corte (...) o exagero foi tanto que se passou a lançar éditos proibindo o excesso de luxo. Para a confecção de um par de punhos de rendas *Vallenciennes*, por exemplo, uma rendeira hábil levava quase um ano, fazendo no máximo cinco centímetros por dia. Por aí pode-se calcular o valor de tal mercadoria. No fim do reinado de Luís XVI, o entusiasmo pelas rendas sofreu um declínio que se acentuou com a Revolução Francesa, mas foi em parte recuperado por Napoleão. A popularidade da renda caiu no século XX e atualmente ela é pouco usada, exceto em lingerie (2002:66).

fazer encomendas, levando a moça a resolver as vicissitudes financeiras da família. Fiel ao seu voto, não se casou. Um dia, seu avental cobriu-se novamente com os fios da Virgem Maria, desenhando uma coroa de rosas entrelaçadas com flores de laranjeira e a inscrição “Desligo-te do teu voto” (2002: 64).

¹⁹ Por exemplo, Chantilly, Alençon e Argenon. Fleury (2002).

²⁰ Os grandes centros de produção em Portugal eram: Peninche, Vila do Conde, Viana do Castelo, Setúbal e, mais tarde em Açores. Fleury (2002).

²¹ De acordo com Fleury (2002), é sabida a atração da religião católica pelas rendas “esse interesse talvez tenha propiciado a introdução da técnica de seu fazer nos conventos, onde as freiras, dedicadas aos serviços dos pobres e à educação, ensinaram sua técnica aos necessitados e àqueles que queriam aprendê-la. Se é verdade que o trabalho de renda executado nos conventos não era particularmente inovador, é provável que a silenciosa paciência e habilidade das religiosas, aliadas à disciplina, tenham contribuído em muito para o desenvolvimento do artesanato da renda, sendo responsáveis por autênticas obras de arte feitas em renda pelo mundo” (Fleury, 2002: 25).

A renda feita a máquina surgiu no final do século XVIII. As rendas mecânicas reproduziram padrões e efeitos semelhantes aos da renda de agulha e de bilros, diferenciando-se também em seu processo de fabricação. De acordo com Fleury (2002), as rendas mecânicas atuais, adaptadas às correntes da moda, se apresentam em variedade e quantidade quase ilimitadas e são produzidas com grande precisão em máquinas que possibilitam abundante produção. Hoje, as máquinas eletrônicas estão substituindo as rendas mecânicas e os moldes, antes feitos por desenhistas contratados especialmente para a sua criação, são substituídos por desenhos já criados, vendidos juntamente com as máquinas e com seus acessórios também eletrônicos.

As rendas de bilros no Brasil

As rendas de bilros podem ser encontradas em várias regiões do Brasil: no Nordeste, por exemplo, no Ceará, Maranhão, Piauí, Amazonas, bem como na região sudeste, no Rio de Janeiro e na região Sul, em Santa Catarina²², por exemplo. A maior parte da bibliografia lida a respeito das rendas de bilros, tem como consenso que a tradição da renda de bilros chegou ao Brasil, provavelmente:

pelas mãos das mulheres portuguesas que vieram acompanhando seus maridos marinheiros (...) No entanto, não há uma indicação precisa sobre a data em que foi introduzida e seu ponto de partida. Alguns autores consideram que, no Nordeste, sua introdução poderá ter sido feita pelos holandeses, já que Flandres era um importante centro de produção de rendas, tanto de agulhas como de bilros (Fleury, 2002:68).

Ainda de acordo com a autora (2002), “os estudos sobre as primeiras rendeiras são apoiados na pesquisa direta, com dados recolhidos da tradição oral” (FLEURY, 2002: 68). E relata que, a princípio, a confecção da renda foi feita por mulheres de todas as classes sociais. No século XX, ainda era comum ensinar trabalhos manuais às moças educadas em colégios religiosos. No Nordeste, os senhores de engenho julgavam importante uma

²² Segundo Fleury (2002), em Santa Catarina, em 1968, foi criada a Associação das Rendeiras da Ilha (ASSORI), com o objetivo de cuidar e preservar o artesanato da renda.

educação à semelhança da Europa e as moças eram educadas por freiras irlandesas e francesas²³.

A matéria-prima, algodão, já era cultivada pelos índios antes da colonização portuguesa. Com a colonização passou a fazer parte da economia de subsistência como matéria-prima para a fabricação de tecidos e os fios de tecidos também eram usados para rendar. Atualmente, devido às máquinas eletrônicas, as rendas confeccionadas manualmente ganham maior prestígio por serem de “tradição, passada de geração em geração” para os turistas que comprem, mas as condições a que são submetidas as rendas pelo mercado, algo que discutirei mais frente, geram a diminuição de rendeiras que tenham o ofício de rendar como trabalho para o sustento, pois o preço, muito abaixo das rendas feitas à máquina em *boutiques*, impossibilita que várias rendeiras exerçam o ofício.

Contexto do local de minha pesquisa

A “Casa das Rendeiras” localiza-se no Nordeste do Brasil, mais especificamente em Morros da Mariana, no município de Ilha Grande de Santa Isabel, localizado a sete quilômetros de Parnaíba e a trezentos e trinta e sete quilômetros de Teresina, no Piauí²⁴. Morros de Mariana é o nome usado pelos moradores desta cidade que tem 8420 habitantes com uma extensão de 62,7 km,² de clima tropical e estação seca²⁵.

²³ De acordo com Fleury (2002), as freiras irlandesas e francesas vieram para o Brasil como missionárias para educar, instruir e difundir a religião cristã.

²⁴ Retirado do site: <http://www.cabecadecua.com/noticias/42068/casa-das-rendeiras-do-piaui-e-premiada-do-top-100-de-artesanato.html>. Acessado em: 09/02/2013

²⁵ Dados de <http://pt.db-city.com/Brasil--Piau%C3%AD--Ilha-Grande> . Acessado em 11/04/2013 e imagem retirada de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Grande_%28Piau%C3%AD%29 Acessada em: 12/04/2013



Morros de Mariana

“Contam que Mariana foi a primeira moradora do Morro. E por isso ele tem o nome dela” (Socorro). Laurinha disse que a história que sabe também é essa aí, só isso. Então fui pesquisar em um arquivo e em uma biblioteca localizados em Parnaíba. A pessoa que administra o prédio mora em Ilha Grande, assim como as rendeiras e, após pesquisar livros que contassem histórias de Ilha Grande, o administrador me mostrou um “livro” mimeografado em que Silva Filho (2002) escreve sobre Ilha Grande e sua povoação.

Utilizo as informações deste livro como um dado histórico de pesquisa, mas não o único. Considero importante interpretar o contexto histórico de Ilha Grande a partir do que as rendeiras me contaram, ainda que brevemente, sobre a primeira moradora do Morro ser Mariana. Mas não tenho como finalidade, nesta dissertação, enfatizar essa história como a única que se pode contar sobre Mariana, o Morro de Mariana e a Ilha Grande.

De acordo com Silva Filho (2002), a Ilha Grande era chamada Coroa Grande do Igaracú, e, no final de 1692, dona Mariana Alexandre Viana se instalou na ponta da Coroa Grande, próxima às margens do igarapé ligado ao rio Igaracú, afluente do rio Parnaíba. Dona Mariana estava com seus seis filhos e construíram sua moradia ao pé dos morros. Essa região tinha muito caju e, no rio e lagoas, peixes, camarões e mariscos. Na mata caçavam-se raposas, guaxinins, cutias e tartarugas. A região fora ocupada pelo mar, formando a Praia “Pedra do Sal”, que se formou pelo recuo gradativo do mar. No inverno o acesso da Coroa Grande à Parnaíba era feito por canoas e as notícias eram transmitidas pelos caçadores, visitantes habituais de dona Mariana. De acordo com Silva Filho (2002), próximo à ponta da Coroa Grande havia uma ilha com elevações e nessas terras os filhos de dona Mariana plantaram batatas.

A região foi povoada, pouco a pouco, graças a dona Mariana e seus filhos. Os morros existentes próximos ao local eram avistados de longe, de areias brancas e cajueirais. Os caçadores, principalmente, associaram os morros “à desbravadora da região e passaram a se referir ao local como Morros da Mariana” (SILVA FILHO, 2002).

A Ilha foi ocupada pela tradicional família Silva, descendente do fundador da cidade de Parnaíba, sendo usada para criação de bovinos, pela existência de pastos nativos. Próximo aos Morros de Mariana desenvolveu-se o cultivo de cana-de-açúcar, com a implantação de alguns engenhos para a produção de rapadura e aguardente. Mas a atividade não prosperou e os engenhos foram desativados. Os moradores cultivaram lavouras de subsistência.

A partir dos anos 1840, de acordo com o autor Silva Filho (2002), iniciou-se o plantio intensivo de arroz, mas o escoamento da produção era prejudicado pela falta de estradas vicinais. A estrada que permite a circulação de automotores foi construída recentemente. A plantação de arroz não é considerável, por causa dos períodos de seca da região.

Houve uma tentativa de tentativa de emancipação política do povoado de Morros de Mariana em meados de 1942,²⁶ no período Vargas, quando a Ilha representava o celeiro de Parnaíba. A maior parte do abastecimento agropecuário provinha da Ilha, que era essencialmente rural. Pelo porto dos Tatus passava tudo o que chegava da vizinhança. “A urbanização deu-se em curto prazo” (SILVA Filho, 2002). No ano de 1993, de acordo com Silva Filho (2002), através de um plebiscito, o povoado de Morros de Mariana torna-se o município de Ilha Grande. Tal denominação ocorreu pelo fato de o município estar situado no extremo norte da Ilha Grande de Santa Izabel, principal Ilha do Delta do Parnaíba.

Segundo Silva Filho (2002), em dezembro de 1985, a Ilha emancipou-se religiosamente, com a criação da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Igreja Católica Apostólica Romana. Neste povoado há também quatro igrejas protestantes: “Assembléia de Deus”, “Igreja Pentecostes o Brasil para Cristo”, “Testemunha de Jeová” e “Assembléia de Deus do Brasil”²⁷.

De acordo com Silva Filho (2002), conta-se que Minervina, filha de dona Mariana, e o esposo João tinham uma filha chamada Maura. Maura, um dia, estava com Mariana lavando roupa em um poço natural e profundo ao lugar “Cubim”, um local de águas tranquilas. Então, de repente, as águas cresceram revoltas e no meio delas surgiu uma Sucujú, que enlaçou a criança com o rabo. Mariana gritou desesperadamente e uns caçadores que estavam na região se atiraram na água, conseguiram matar e trazer a cobra. Abriram a barriga da cobra com facas e retiraram o corpo da criança, de seis anos, sem vida. Com o sepultamento de Maurinha foi inaugurado o Cemitério de Morros de Mariana.

Os moradores mais antigos contam que Maurinha apareceu para dona Mariana, em 1755, e pediu para edificarem uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição

²⁶ Neste documento encontra-se a data de 1962, mas inferi e estou supondo que a data está datilografada erroneamente, já que os períodos em que Vargas governou o Brasil foram : 1940-34, 1934-37 e 1937-45. <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20091017112003AAThsK1>, Acessado em 08/03/2014

²⁷ Há também, uma igreja um quarteirão a frente da Casa das Rendeiras que se chama Shalom, além de outra igreja que se localiza em frente a Casa denominada “Testemunhas de Jeová”. Mas as rendeiras com quem convivi na Casa não frequentam essas igrejas.

dando-lhes instrução de como iniciarem a obra. Dona Mariana e o marido, ajudados pelos moradores do lugar, criaram a capela e, inauguraram-na em dezembro de 1755.

As rendeiras da “Casa das Rendeiras”, de *Morros de Mariana*, são frequentadoras das igrejas católicas dos Morros, de acordo com a localização de suas casas. A igreja central, chamada pela rendeira Laurinha (frequentadora assídua da paróquia) o núcleo religioso, é a Paróquia Nossa Senhora da Conceição. De acordo com Meneses (2006), essa paróquia era uma antiga capela de taipa, aparentemente levantada pela família de D. Mariana. Atualmente, é a paróquia de Nossa Senhora, em cima de um Morro de onde se avista a imagem de Nossa Senhora, e neste local, foi construído um santuário.

De acordo com Meneses (2006), “não se sabe ao certo quando começou a produção de rendas de bilros, mas os moradores acreditam que foi dona Mariana, a primeira moradora, quem introduziu o ofício no local” (2006:21).

Pesquisa e entrada em campo em Morros de Mariana, Ilha Grande

Os Morros de Mariana, atualmente, compõem, em termos políticos, a Ilha Grande, o Porto dos Tatus e o ponto turístico Delta. Os nativos me informaram que a praia “Pedra do Sal” atualmente pertence à Parnaíba. De acordo com eles, os Morros de Mariana emanciparam-se politicamente de Parnaíba²⁸, mas não puderam “ficar com a praia porque Parnaíba não queria perder a praia linda. Hoje ela é super mal administrada por Parnaíba, que não conhece as necessidades nossas daqui e das pessoas que vivem da praia”, isto é, as condições e necessidades das pessoas que vivem da pesca para seu sustento e da venda de comida, na praia, em barracas e como ambulantes.

Nos meses em que estive em Morros de Mariana pude conhecer um pouco os modos de vida local.

²⁸ De acordo com Meneses, em 1994 o local emancipou-se e “foi batizado de Ilha Grande por estar situado no extremo norte da Ilha Grande de Santa Izabel” (2006:21). Mas os nativos referem-se À Ilha como Morros de Mariana.



Mapa com localização de Ilha Grande ou Morros de Mariana ²⁹

Minha primeira visita ao campo foi em Julho do ano de 2011, por curto período de alguns dias, apenas para reconhecimento do local. Apresentei-me às rendeiras e pedi permissão para conviver com elas cotidianamente no ano seguinte, para realizar a pesquisa. No mês de Maio de 2012, cheguei à Casa das Rendeiras para minha segunda visita de campo.

²⁹Retirado de: http://4.bp.blogspot.com/-QzlGJeD3Uc/UGpGZQkR_9I/AAAAAAAAAuc/esBuxd0mwcU/s400/mapa-de-ilha-grande-no-piau-1348680484775_300x245.jpg Acessado em: 14/04/2013



Mapa do Delta do Parnaíba³⁰

O meio de transporte para os Morros de Mariana em direção à Casa das Rendeiras é van, cuja passagem custa entre R\$ 1,00 e R\$ 1,50, dependendo da distância que será percorrida no Morro. Ao sair de Parnaíba, passei por uma ponte chamada *Simplício Dias* que anuncia o Porto das Barcas, local por onde o rio Parnaíba, ali denominado de Igarapu passa e onde há uma vila de moradores conhecida como Santa Izabel. Passando pela ponte há uma estrada que nos leva a vários outros vilarejos, como o Barro Vermelho, até chegarmos aos Morros de Mariana.

³⁰ Retirado de: <http://www.deltadorioparnaiba.com.br/MapaRotaEd.jpg>. Acessado em: 14/04/2013.



A ponte entre Parnaíba e os Morros ³¹

Com um modo de vida possível de ser chamado de “rural” do Norte do Piauí, os Morros são conhecidos por tal denominação pelos moradores de Parnaíba. Suas casas são de cimento e telhado de forro de ripas de madeira, quintal de terra onde se vê sempre alguns coqueiros e criação de galinhas, marrecos, animais como cachorros e gatos, com pequenas vendas, panificadoras, mercadinhos, sorveterias, pastelaria e bares. Crianças correm pelas ruas, e mães desesperadas gritam seus nomes. Alguns carros percorrem as ruas, bem como motos, mas o transporte mais usado pela população local é a bicicleta, sendo as ruas, em parte asfaltadas e parte em terra batida. A canoa também é frequentemente utilizada, pois uma atividade significativa para os moradores do Morro é a pesca nos iagarapés, nos rios e no mar. Os Morros são cercados de água doce e salgada.

³¹Retirado de :
http://www.meionorte.com/imagens/2013/03/18/9877c6bb96cf22fa70d8d4a80890c1a7_400_300.jpg



Criação de marrecos no quintal da casa de Francisca





Praia de Ilha Grande, chamada Pedra do Sal, com cataventos

Durante o dia, um calor de aproximadamente 30 graus a partir das 7:00 horas da manhã, com leve brisa. Na hora do almoço, as pessoas saem às ruas vestidas com roupa de manga comprida e chapéu, para se proteger do sol; as crianças com roupas coloridas e curtas, ou apenas de roupas íntimas. Durante a noite, caminho pelas ruas do Morro, algumas com asfalto e outras de terra batida, e vejo mulheres na frente de suas casas rendando, acompanhadas de suas vizinhas. Algumas conversam enquanto rendam. Outras, a sós com suas almofadas, rendam caladas. As casas nos Morros de Mariana ficam com as janelas abertas, e por isso é possível ver também mulheres sentadas em cadeira ou sofá, assistindo televisão e rendando³².

³² De acordo com Meneses (2006), antigamente, as rendeiras trabalhavam somente em suas casas. Nos finais da tarde ficavam nas calçadas, produzindo renda, até anoitecer. Atualmente ainda há rendeiras que produzem renda em suas calçadas, mas há também a Associação de Rendeiras (...) Casa das Rendeiras” (2006: 22) em que há confecção de rendas também.

A temperatura, no período da noite, produz uma sensação térmica de 26 graus, amenizados por uma brisa nas ruas. E na Casa das Rendeiras há ótima ventilação, pois é cercada de árvores e é uma construção projetada para um lugar quente, que necessita de ventilação, luminosidade e claridade para o ofício de render³³.

³³ Mais à frente falarei da construção da Casa

Etnografia do ofício de render

Parte 1 – A Casa, as rendeiras e as coisas

Ao chegar a Casa, ³⁴ aproximadamente às onze e meia da manhã, vi Francisca sozinha, rendando. Ao entrar pela porta, Francisca me olha e diz: “Eu estava te esperando, me disseram que você ia chegar esses dias, hoje já é terça, eu pensei, onde será que ela tá?”³⁵

A Casa



³⁴ Em minha primeira pesquisa de campo, realizada em Julho de 2011, anotei o contato de Neili, que em 2011 rendava na Casa das Rendeiras. Este contato era o email da filha de Neili, chamada Paula. Mantive contato por email com Paula avisando quando eu voltaria para os Morros de Mariana.

³⁵ A rendeira me convidou para almoçar em sua casa e me levou de bicicleta. Ensinou-me a sentar de lado, na garupa da bicicleta. Fomos. Almoçamos em sua casa, tomamos banho e voltamos para a Casa das Rendeiras. Quando chegamos a Casa estavam rendando Socorro, que é a presidente da associação e as outras rendeiras Neguinha, Laurinha e Livramento.

A “Casa das Rendeiras”, atualmente, configura-se como uma associação de mulheres que têm como especialidade a confecção das rendas de bilros³⁶. Compõem essa Casa mulheres das mais variadas idades. É o espaço em que o ofício de rendar toma forma de maneira concentrada; nele, as rendas são confeccionadas (a maioria das mulheres também fazem renda em suas casas; no espaço doméstico) expostas e comercializadas. Localiza-se em uma avenida importante em Morros de Mariana, um local em que passam vans e ônibus de companhias de turismo de Parnaíba para conhecer o Delta³⁷, importante atração turística do Piauí. E os guias de turismo param na Casa “para os turistas conhecerem o artesanato da região”, de acordo com Socorro.

A Casa das Rendeiras possui sua história, lembranças e impressões que me foram relatadas pelas rendeiras quando lhes perguntei como começou a ideia e a materialização de uma Casa das Rendeiras. Partindo destas narrativas, objetivei evidenciar a circulação do ofício de rendar, iniciando pela fundação da Casa.

Para analisar a Casa das rendeiras é possível pensar em três formas de análise que conjugam três diferentes aspectos da Casa. Primeiramente, a Casa enquanto uma associação de mulheres rendeiras, em ofício; a segunda forma da Casa aparecerá enquanto uma micro empresa, em que o Sebrae³⁸ custeou cursos oferecidos na Casa. Esta forma aparecerá ao longo da dissertação na seção de “Cursos” e também estará relacionada com a questão dos preços das rendas. E a terceira forma será analisada a partir da expressão nativa “nas rendeiras”, que revela o espaço de sociabilidade entre as rendeiras em ofício, espaço este em que se criam laços extra-domésticos entre elas.

Primeiramente, descrevo aqui a forma da Casa enquanto uma estrutura material que passou por transformações e a formação de uma associação.

De acordo com Socorro, a “Casa das Rendeiras” foi fundada no ano de 1992, quando Dona Carlota, a esposa do governador do Piauí, Freitas Neto³⁹, que gostava muito de rendas, como me disseram as rendeiras, propôs às mulheres do Morro que se juntassem e

³⁶ Explicarei, mais à frente, as ferramentas que compõem as rendas de bilro.

³⁷ Encontro do Rio Parnaíba com o Oceano Atlântico, retirado de:
<http://www.deltadorioparnaiba.com.br/delta.htm>

³⁸ <http://www.sebrae.com.br/>

³⁹ Antônio de Almendra Freitas Neto, do partido Social Democrata Brasileiro (PSDB).

formassem uma associação, possibilitando uma concentração de rendeiras para produzir e vender. Neste período, as rendeiras faziam seu ofício em casa e a venda, de acordo com Socorro, era “sacrificada”, pois uma mulher chamada Neidi passava nas casas para recolher as rendas prontas e vender em Parnaíba. Do dinheiro das vendas Neidi ficava com uma parte pelos gastos com transporte.

Mediante a proposta de D. Carlota, as rendeiras reuniram-se várias vezes e, com sua ajuda, conseguiram uma casa. Esta era a primeira Casa das Rendeiras enquanto espaço de sociabilidade, de ofício de rendar e comercialização⁴⁰, porém ainda não se configurava legalmente como associação.

De acordo com Socorro, a associação teve duas presidentes antes dela. Socorro me informou, também, que a Casa das Rendeiras se situava em outro local, em Ilha Grande mesmo. Depois elas conseguiram a Casa atual que só tinha uma porta, uma janela pequena e um chão de concreto. Laurinha conta que o local tinha pouquíssima iluminação e ventilação, o que a incomodava para rendar:

“A casa não tinha quase janela, era escura”.



⁴⁰ Neste primeiro momento, preciso deixar claro que, metodologicamente, descreverei a relação rendas e rendeiras, como se o ofício de rendar tivesse etapas separadas de circulação, mas isto tem um efeito meramente didático, pois, no cotidiano, estas dimensões não se separam.

Foto encontrada na Casa sem autoria

A Casa passou por reformas, um processo que me foi narrado por Socorro. Nesta narrativa, desdobram-se alguns eventos significativos⁴¹ para a Casa das Rendeiras e para as Rendeiras, pois dizem respeito à melhoria de condições do estabelecimento da Casa das Rendeiras além de trabalhos que lhes trouxeram reconhecimento no Estado de São Paulo.

A reforma da Casa e os seus eventos, conforme a narrativa de Socorro

Em 2000, Juliana, pesquisadora de artes plásticas de São Paulo, que trabalhava em uma Ong chamada “A Casa”, e era uma das organizadoras do evento Fashion Week de 2000, foi até Ilha Grande conhecer o trabalho das Rendeiras da “Casa das Rendeiras” e convidou-as para apresentar uma coleção nesse desfile, com a coordenação do estilista Walter Rodrigues⁴². Mas, para participar desse evento elas tinham que ser, legalmente, uma Associação. Então, Juliana as ajudou a se tornarem uma associação de Rendeiras. O evento fazia parte de um projeto de “A CASA”, liderado por estilistas que conduziam o trabalho de artesanato em diversos estados do Brasil.

⁴¹ Numero aqui os eventos a que me refiro no texto, que foram relatados por Socorro: 1. A chegada da pesquisadora Juliana e o convite para as Rendeiras participarem na confecção de rendas para o desfile do Fashion Week trabalhando com o estilista Walter Rodrigues. 2. A formação da associação. 3. Projetos *A Casa* e *Sebrae*.

⁴² Renomado estilista de moda, de São Paulo. Mais sobre Walter Rodrigues em: www.acasa.org.br/autor/walter-rodrigues.



Foto na Casa das Rendeiras com a artista plástica Juliana e as rendeiras, em Morro Branco, Ilha Grande⁴³

Após o convite de Juliana, Socorro saiu pelas ruas chamando as rendeiras para uma reunião em que a artista explicava de que se tratava o evento. Após essa reunião, as rendeiras aceitaram participar deste evento e Juliana ajudou-as a legalizarem a Associação.

Socorro sempre ia à cidade de Santos, passar o fim de ano na casa da filha que lá reside e, em uma dessas visitas de Socorro, Juliana disse a ela que encontrasse Susana, uma das pessoas da equipe de Walter Rodrigues, e levasse algumas amostras de rendas. Socorro combinou de encontrar Susana no Terminal Jabaquara (SP). De lá foram para o ateliê de Walter. Então, Socorro marcou para Walter ir até a Casa das Rendeiras, comprometendo-se a conversar com as rendeiras sobre o evento e a empreitada, que seria uma superprodução

⁴³ Fotos expostas na em uma parede da Casa das Rendeiras, sem autoria.

com a confecção de duas mil camélias⁴⁴ para os vestidos do desfile, em um tempo de dois meses e meio.

De acordo com Meneses (2006), pesquisadora que também esteve nos Morros de Mariana⁴⁵, Socorro relatou que, com a confecção de rendas para o desfile, abriu-se um conjunto de novas possibilidades:

Nós ainda não fazíamos vestidos, nem camisetas. Os novos desenhos só apareceram a partir de 2000. Daquela época pra cá, muita coisa mudou e melhorou bastante (...) Temos mais firmeza no que fazemos, até pela experiência que adquirimos com o tempo. Os trabalhos melhoraram muito e temos tido sucesso. Fomos mudando, de acordo com as vivências e necessidades e, cada vez mais, adquirindo conhecimento: uma coisa leva a outra. Primeiro começamos a fazer camiseta, depois o Walter (nota: visitou a associação em 200 através da Ong A Casa) queria que fizéssemos um vestido, mas não sabíamos como. Então ele nos enviou o molde do vestido, mas não sabíamos como iríamos fazer, para que fosse confeccionado; pois, em virtude do tamanho da peça, haveria de ser uma almofada enorme para acomodá-lo em uma só almofada. Junto com Walter, estudamos um jeito de fazer o vestido, dividindo-o em pedaços. Assim, o primeiro vestido que fizemos foi dividido em 12 partes, para depois juntarmos as peças em um só objeto. O resultado foi muito bom. As camisetas, também, podem ser feitas divididas em aplicações, ou podem ser feitas inteiriças, quando são menores. Desse modo, fomos aprendendo a modificar um desenho após o outro, um molde após o outro. As coisas vão mudando e vamos nos habituando aos dias de hoje, porque tudo tem que ser renovado. (...) Agora já criamos os colares, coisa nova também: ideia de umas holandesas que passaram três meses conosco estudando, trocando ideias. Esse período de convivência foi muito interessante. Aprendemos muito com elas e creio que elas aprenderam com a gente. Algumas pessoas têm chegado aqui e nos ajudado. Nós agradecemos muito e tanto é bom pra nós como pra elas. (Meneses, 2006:41)

Walter Rodrigues (2002)⁴⁶ conta que, quando chegou à Casa das Rendeiras, as rendeiras colocaram todos os tecidos que ele havia trazido para tentar rendar (seda, linho, poliéster, fibra) no chão, bem como os desenhos que Socorro tinha feito com base no pedido de Walter Rodrigues, para planejarem as peças do desfile.

Elas tinham dois meses para dar conta de produzir os vestidos para o desfile Fashion Week (no mínimo seis vestidos com aplicações). Para dar conta do trabalho, as rendeiras tiveram a ideia de usar linha mais grossa do que a que estavam usando, para aumentar a

⁴⁴ Camélia é um gênero de planta que produz a flor do mesmo nome . Para ver mais: <http://plantaseflor.blogspot.com.br/2012/10/camelia.html>

⁴⁵ Meneses acompanhou, por duas semanas, um curso de rendas de bilros na Casa das Rendeiras. Este acompanhamento resultou em um trabalho chamado *Rendeiras - Professoras : o caso da associação de Rendeiras dos Morros de Mariana- PI (2006)*.

⁴⁶ Socorro me emprestou uma revista em que Walter Rodrigues conta sobre sua ida à Casa das Rendeiras e o trabalho com as rendeiras em: *Moda e Contexto*. 2002, n.02. p.78-81. BOOKMARK.

renda e fazê-la no tempo necessário, pois as rendas finas demoram mais tempo para render e arrebetam com mais facilidade no manuseio dos bilros. Tiraram fotocópias do modelo das peças em Parnaíba e mostraram o efeito da linha grossa com aplicação. Fizeram vestidos com fibra. Depois, tentaram render com lycra, mas não deu certo, pois na hora de fazer a renda ela não esticava para ser vestida. Socorro disse que “apesar de não usarem Lycra, a Lycra financiou a produção”.

Socorro conta que ela, acompanhada de outras duas rendeiras, foram para o desfile em que foram muito bem recebidas, fizeram muitas fotos e deram muitas entrevistas para reportagens em revistas.

Socorro afirma que, com o projeto *A Casa*, as rendeiras desenvolveram outras formas de fazer renda, pois antes só faziam bicos e rendas em metros. Com a introdução da moda, novos desenhos e modelos de trabalho com rendas foram experimentados. Esse projeto possibilitou o aumento do número de encomendas para as rendeiras: “trabalhamos muito depois de ficarmos conhecidas, nossas rendas foram expostas no desfile do Fashion Week, em São Paulo”.

Walter Rodrigues coordenou o projeto com as rendeiras do Piauí. Juliana e as rendeiras falaram com o prefeito Henrique Sertão⁴⁷ para arrumar a Casa, fazer uma reforma e pintá-la, mas foi somente com a ajuda de Juliana e as pessoas que faziam parte desse projeto que se viabilizou a reforma da Casa. Socorro relata que “não tem dedo nenhum da prefeitura aqui” para as melhorias da Casa.

A princípio, as rendeiras contaram com o apoio do Sebrae que, de acordo com Socorro, incentivou e possibilitou às rendeiras ministrarem cursos⁴⁸ feitos na Casa⁴⁹. Receberam da Ong “A Casa”, um computador e um telefone. A reforma da Casa aconteceu mesmo, como diz Socorro, pelo apoio da Ong e da artista plástica Juliana, que as ajudou a buscar esses apoios financeiros.

⁴⁷ PSDB

⁴⁸ O Sebrae pagava para as rendeiras darem aula de render, na Casa, o valor equivalente à venda de rendas, pois as rendeiras não podiam deixar de render para dar aula, deixando de vender e ganhar seu sustento. Mais à frente, há uma seção de “cursos”, com mais informações.

⁴⁹ De acordo com Meneses (2006), o Sebrae produziu um catálogo “sobre as rendeiras locais e órgãos de fomento à cultura tomaram conhecimento de sua produção”(2006: ?). Foi por esse catálogo que Juliana tomou conhecimento a respeito da Casa das Rendeiras. Para saber mais, ver: Meneses, 2006. Rendeiras-Professoras: o caso da Associação de Rendeiras dos Morros da Mariana – PI.

Socorro conta que a reforma da Casa tornou-se possível também pelo retorno que tiveram após trabalharem nesse projeto com Juliana e Walter Rodrigues, no “São Paulo Fashion Week”, onde se tornaram conhecidas pelo país, aumentando as encomendas, vendas e o próprio ânimo para render. Apesar de terem comentado sobre o apoio do Sebrae, de acordo com comentários das rendeiras, o Sebrae “tira mais do que dá”.

Para a reforma da Casa, Juliana trouxe um arquiteto de São Paulo (Socorro não se lembrou do nome dele para me falar). A Casa foi projetada com dois andares (um sobrado), para que quem estivesse no andar superior pudesse ver quem entrava pela porta no andar de baixo.

No andar superior, a Casa possui um banheiro, um grande espaço aberto, como um salão, onde os cursos foram ministrados pelas rendeiras, e uma mesa grande, no centro do salão. Possui também um “quarto” onde estão guardados um computador e cadeiras de plástico. Além disso, há dois armários em que se guardam pastas grandes com as rendas que são carregadas para eventuais exposições⁵⁰. Há duas portas que se abrem para duas varandas, uma na frente da Casa e outra no fundo. Na varanda do fundo, uma rede. As paredes das varandas são construídas com cerâmica (elemento vazado) em formato de rendas, por onde entra uma brisa deliciosa deixando a Casa mais iluminada e ventilada, além de possuírem duas janelas. Para descer ao andar inferior há uma escada com aproximadamente dez degraus.

⁵⁰ Participei de uma exposição com a rendeira Edinalva, descreverei o evento logo mais.



Ao descer pelas escadas, vê-se um quadro de vidro na parede em que foram agrupadas fotos das rendeiras, rendando, dando cursos e passeando com os netos nas dunas em Morros de Mariana. Há, nas fotos, rendeiras que conheci e com quem convivi, como Laurinha, rendeiras mais idosas (atualmente) que não rendam mais na Casa e sim em suas próprias casas. E rendeiras que não rendam mais na Casa das Rendeiras por outros motivos que desconheço.





No andar de baixo há duas portas, uma de entrada e outra nos fundos. Ao sair pela porta dos fundos da Casa vê-se um carro que o filho de Socorro guarda na garagem da Casa, mas que não é usado pelas rendeiras; uma mangueira e uma caixa d'água, de onde é tirada a água para o uso do banheiro (vaso sanitário), pois há um banheiro também neste andar inferior, usado pelas rendeiras e eventuais turistas.

Nos fundos da Casa, a parede também é construída com cerâmicas em formato de renda, propositalmente, como no andar de cima. Possui quatro janelas, uma de cada lado da parede, e duas portas. Uma sala onde há um armário em que ficam guardadas reportagens sobre a Casa, um álbum de foto e uma caixa de papelão onde estão guardadas, no mínimo, trinta amostras de renda, em pano. Há também um móvel de madeira onde ficam guardados papelões em que estão desenhos em formatos de rendas. Em cima do móvel há um telefone, uma agenda anual que é usada como agenda telefônica em que há dez páginas para cada letra do alfabeto e um pote de cola de papel (branca, do tipo cola "Tenaz").

É no espaço térreo que as rendeiras sentam-se para rendar. Neste mesmo espaço ocorre a venda das rendas, que ficam expostas em cabides, estantes de vidro e painéis na Casa com um papel preso por um fio de linha em cada peça, informando o preço ao visitante-comprador. Foi nesta Casa em que pedi permissão às rendeiras para me alojar, nos meses em que ficaria nos Morros de Mariana. A Casa é ocupada, no período da manhã e da tarde, pelas rendeiras e por turistas que vão comprar as rendas⁵¹.



⁵¹ À noite ninguém dorme na associação, então tive permissão para me instalar no local e Bia, uma das rendeiras, ofereceu-se para dormir comigo na Casa, pois as rendeiras se preocupavam com o fato de eu dormir sozinha, já que há poucos dias atrás havia ocorrido um assalto em uma venda a dois quartos da Casa. Para dormirmos na Casa, Bia me emprestou um colchão, Laurinha me emprestou uma rede. Eu e Bia fizemos nosso canto no segundo andar, onde havia um banheiro. Não havia água encanada na Casa, pois de acordo com Socorro, a conta de água estava muito alta e elas não davam conta de pagar, então foi cortada. Assim, usamos água da caixa d'água da Casa para lavar louça e usar o banheiro. No primeiro andar, eu levava alguns baldes de água para o banheiro que eu e Bia usávamos. Pelo fato de me alojar na Casa, pude acompanhar o cotidiano das rendas todos os períodos dos dias e tive livre acesso às rendas, às almofadas das rendeiras que ficavam cobertas após o ofício. Pude perceber um pouco da dinâmica do lugar no que diz respeito às rendas e rendeiras.

Apresentando as rendeiras “nas rendeiras”

A Casa das Rendeiras tem aproximadamente trinta associadas, grande parte das quais fazem renda em casa e levam seu trabalho para vender na Casa. Conversei com algumas rendeiras que não fazem renda na Casa, à medida que iam levar suas peças prontas para vender na Casa. Diziam-me que rendam em casa, ou porque o marido trabalhava e elas tinham que fazer almoço, janta e cuidar dos filhos, ou porque os maridos se encontravam doentes e elas tinham que cuidar deles. Algumas me disseram que a razão é que têm filhos pequenos, ou ainda porque não gozam de boa saúde e preferem ficar em casa. Mas nem todas as rendeiras rendam somente em casa. E a expressão das rendeiras quando se dirigem a Casa é “tô indo nas rendeiras”.

No período da manhã, Francisca, 36 anos, chega a Casa, comumente às sete horas, para rendar. Ela diz que na Casa ela se concentra e consegue rendar mais, pois, se fica em casa, acaba se envolvendo com a bagunça que os filhos fazem, e que “é uma zoadá só”. Francisca, 36, é casada e tem três filhos. Estudou até o colegial. Contou-me que prestou um concurso na Prefeitura da Ilha e que passou, mas não foi chamada porque “a prefeita Joanna não chamou... colocou seus parentes lá”. E assim, Francisca ficou na Casa, mas queria ter ido à prefeitura porque é um trabalho com salário fixo. Com as rendas ela ganha quando vende peças na Casa e quando há encomendas, mas isso varia de mês em mês e “a renda leva tempo para fazer”.

Diz que não é rápida para rendar, então suas peças demoram para ficar prontas. Seu marido vai pescar, às vezes, quando é convidado pelos vizinhos pescadores, pois está desempregado; ganha dinheiro fazendo almofadas e bilros. Francisca recebe “Bolsa Família”⁵², mesmo assim “com os três filhos, fica apertado”. Gosta de ir rendar na Casa porque revê as colegas, conversa, fica sabendo das coisas que acontecem no Morro e dá risada com as companheiras.

Socorro é a presidente da associação, mora a poucos quarteirões da “Casa das Rendeiras”, e costuma ir e voltar para a sua casa frequentemente. Passa algum tempo no

⁵² <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. A média do valor do benefício do Bolsa Família é R\$97,00. Retirado de: <http://bolsafamilia.net/bolsa-familia-2012-reajuste-valor-bolsa-familia.html>.

período da manhã na Casa rendando, colocando preço em peças prontas, ligando para as encomendas, contatando rendeiras para novas encomendas e trazendo peças prontas de outras rendeiras e dela mesma. Socorro tem um casal de filhos adultos. O filho mora nos Morros de Mariana e possui uma loja de artigos de papelaria. A filha é casada, mora em Santos e tem um filho. Socorro mora com o marido, motorista de caminhão aposentado, que ela diz ter problemas de saúde.

Ela diz que se dedica muito à associação: “vivo com problemas em casa e quando venho pra cá me distraio, corro atrás do meu trabalho e faço algo que gosto”. Observei que ela não tem netos e filha morando no mesmo estado e, por isso, tem menos pessoas da família para cuidar, podendo dedicar mais tempo à associação. Diferentemente de Laurinha, por exemplo, que faz o almoço para os netos.

Socorro me conta que a renda é tudo para ela, por vários motivos: é o trabalho dela, o seu sustento, o seu reconhecimento no mundo. Gosta de rendar e caracteriza seu ofício como “trabalhoso e custoso”:

“o meu dia a dia é isso, eu num sei nem o que seria de mim se não fizesse isso, a renda é a minha vida, porque eu gosto e porque é o meu ganha pão, porque *é a renda que traz renda*⁵³, né? Quando eu tô agoniada assim eu faço renda aqui, na minha casa, vendo novela...”

Socorro, 59 anos, estudou até a quarta-série do primeiro grau. Costuma receber em média um salário mínimo por mês, a depender das vendas mensais. Atua como rendeira, faz os desenhos das rendas nos moldes e costura. Socorro é falante, gosta de conversar enquanto renda e, às vezes, canta músicas religiosas. Fala alto e está a todo instante ligada na entrada dos turistas na Casa. É ela quem os recebe dizendo “bom dia” ou “boa tarde, fiquem a vontade” e administra a Casa. Diz que fala tanto que “tem dia que chego em casa minha língua parece língua de papagaio, sabe, toda seca de tanto que eu falo”.

Ednaira, 12 anos, cursa a quarta série do ensino fundamental no período da manhã, mas vai a Casa rendar quando perde hora da escola (o que acontece frequentemente). Mora a poucos quarteirões da Casa, almoça e se dirige ao local para rendar toda tarde. Ednaira é

⁵³ Grifo meu. Neste enunciado é possível perceber a importância do ofício de rendar enquanto ganha pão, para complementar a renda da Casa. Receber por seu ofício significa para Socorro e para as outras rendeiras autonomia, bem como o reconhecimento de ajudar financeiramente na casa com seu próprio ofício. Tratarei do reconhecimento das rendeiras mais à frente, na parte 3.

solteira, mora com a mãe adotiva e o irmão. Disse-me que faz renda na Casa das Rendeiras há pouco tempo. Começou a rendar porque gostava de ver as mulheres fazendo. Aprendeu a fazer “o caracol” com a amiga Mariane. Ia até a Casa pedir restos de linha para rendar, até que um dia Francisca a convidou para trazer sua almofada e ficar rendando na Casa. A partir de então, Socorro pediu para ela fazer “traças” e começou a comprar suas rendas para aplicar⁵⁴ em vestidos e outras peças que ela costura para vender na Casa.

Ednaira fez várias camélias para Dona Edna e recebeu R\$ 56 reais por essa encomenda. Ednaira me disse que faz por gosto mesmo e que se diverte muito na Casa. Está aprendendo a fazer vários pontos de renda. Percebo que ela costuma rir muito das brincadeiras que as outras rendeiras fazem enquanto estão rendando.

Apresentei, primeiramente, essas três rendeiras, pois são estas mulheres que frequentam a Casa cotidianamente, no período da manhã e também à tarde. O momento em que a Casa se encontra com maior número de mulheres rendando é o período da tarde, de segunda à sexta das 13:30 às 17 horas. Neste período, além das três rendeiras já mencionadas, frequentam a Casa também: Laurinha, Neguinha, Livramento, Bia⁵⁵ e Ednalva.

Laurinha, 56 anos, destaca-se por ser bastante comunicativa, falante e animada. Senta-se em sua cadeira para rendar e já começa a conversar, perguntando como estão as colegas, o que se fez ontem, hoje, e as boas notícias da Ilha. Diz que se esforça muito para rendar e que gosta muito. Diz que para fazer renda é preciso persistência e paciência. Quando termina uma peça agradece a Deus. É frequentadora assídua da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e está sempre dando notícias da igreja, da missa e convidando as rendeiras mais jovens para irem à missa. Laurinha levanta-se com frequência da cadeira para dançar e está sempre cantando. Uma lembrança marcante, por sua frequência, é vê-la rendando e cantando e dançando a música “Assim você mata o papai” da novela “Avenida Brasil”⁵⁶.

Laurinha é viúva, seu marido era caminhoneiro. Tem seis filhos “três príncipes e três princesas”, é como ela os define. Estudou até a quarta-série do primeiro grau e

⁵⁴ A aplicação é feita pela costura, com agulha, da renda em um tecido.

⁵⁵ Bia, de acordo com Socorro, vai a Casa “quando dá na telha”.

⁵⁶ Novela do canal Rede Globo, que era exibida de segunda à sábado, às 21:00 horas.

atualmente voltou aos estudos por meio de um programa de alfabetização nos Morros. Disse-me que a renda mensal depende das encomendas e das vendas na Casa. “esse mês estou fazendo um vestido, por encomenda, com a rendeira Livramento, o vestido vai custar 350 reais, e nós vamos dividir para as duas”. Laurinha diz que deve terminar o vestido em dois meses. Recebe pensão de um salário mínimo do marido falecido.

Neguinha⁵⁷, 26 anos, ao conversar comigo sobre o ofício de rendar, riu e ficou toda envergonhada ao me dizer que trabalha como doméstica de manhã, na casa de parentes e que à tarde vem para a Casa rendar. Ela é uma das rendeiras mais sorridentes da Casa e conversa bastante. Diz que não ganha muito com a renda de bilro, dependendo das encomendas do mês. Disse-me que há mês em que ela não recebe nada. Aprendeu a rendar o “meio-trocado” porque “vovó me ensinou”. Aprendeu a renda também em curso ministrado na Casa das Rendeiras, quando o SEBRAI ajudou, entre 2003-2004. E estudou até o fim do colegial.

Livramento é a rendeira mais calada da turma da Casa, fala pouco e em tom de voz baixo, na maioria das vezes conversa com Neguinha, que se senta ao seu lado. Não gosta de tirar fotos nem de dar entrevistas. Livramento não quis me dizer sua idade, algo que respeitei. Percebi que o fato de eu ter dito a ela que não colocaria sua idade fez com que ela começasse a conversar mais comigo. Sentava-me no chão, às vezes, ao seu lado e ao lado de Neguinha, ficava conversando sobre assuntos corriqueiros e perguntando sobre a renda que estavam fazendo. Livramento me disse que aprendeu a rendar observando uma prima fazer: “aprendi só de olhar”. Está na Casa há quatro anos e disse que não sabe quantificar quanto ganha mensalmente, com as rendas de bilro, “mas não é muito, não”. Livramento também completou o colegial. A meu ver, ela é cuidadosa, põe muita atenção no que está fazendo.

Beatriz, ou Bia, como é chamada nos Morros, tem 19 anos, solteira, mora com a mãe, o padrasto e o irmão mais novo. Não possui renda fixa, e recebe quando faz renda para encomendas de Socorro. Começou a rendar quando tinha sete anos, com sua avó, pois a via fazendo e queria aprender. Começou a frequentar a Casa há três anos, pois Socorro

⁵⁷ Chama-se Roseane e todas da Casa a chamam de “Neguinha”.

chamou-a para ajudar a render uma encomenda de 1000 camélias, para o desfile de São Paulo. Disse-me que gostaria de trabalhar em algo que lhe possibilitasse um salário fixo.

Edinalva, 39 anos, é casada e tem duas filhas. Diz que gosta muito de fazer renda, é o trabalho dela, e que gosta de ficar na Casa rendando na companhia das outras rendeiras, “suas companheiras”, como ela denomina. E que precisa do dinheiro advindo da renda de bilros. Desde que começou a render consegue ajudar na casa com o sustento das filhas. Também não possui renda fixa, pois depende das vendas. Ela não fala alto nem baixo, conversa enquanto renda e costuma contar as histórias de sua família e do que acontece no Morro. Aliás, esta é uma característica marcante das rendeiras da Casa: falar sobre o corriqueiro, o cotidiano⁵⁸.

Também frequenta a Casa das Rendeiras uma senhora de classe média⁵⁹ chamada Dona Araceli, tem aproximadamente 80 anos, é viúva, moradora de Parnaíba, começou a render por meio do curso oferecido pela Casa das Rendeiras, feito há aproximadamente seis anos, depois que o marido morreu. Costuma render em casa, mas quando termina sua renda vai até a Casa para que Francisquinha retire o papelão da almofada e coloque outro. Dona Araceli não consegue fazer essa troca de papelão, pois sofre de mal de Parkinson e suas mãos tremem. Mas consegue render. Esta senhora, quando vai a Casa, no período da tarde, ao terminar um papelão, fica ali a tarde toda rendando. Ela disse que não vende suas rendas. Tem uma gaveta cheia delas que são para dar de presente. Disse-me que gosta muito de render.

A filha de D. Araceli, atualmente a acompanha e fica na Casa sentada conversando com as rendeiras. Francisca me contou que sua filha a acompanha porque uma vez ela passou mal na Casa⁶⁰.

⁵⁸ Tal característica me fez lembrar de Overing (1999) quando diz que a corrente dominante da “teoria moral ocidental” não leva em consideração a domesticidade e as relações cotidianas do “agente moral ordinário” em torno dos quais gira a socialidade amazônica.

⁵⁹ Caracterizo Dona Araceli como senhora de classe média, pois ela chegava a Casa das Rendeiras de táxi (no trajeto de Parnaíba para Ilha Grande) diferentemente das rendeiras, que não possuem carro (exceto Socorro cujo filho possui um carro) e nem utilizam taxi. Acompanhando Francisca quando foi buscar o dinheiro de uma encomenda, tive a oportunidade de conhecer a casa de Dona Araceli. Dona Araceli possui uma casa própria, espaçosa e confortável com vários empregados para manutenção das instalações como jardim e piscina. As rendeiras possuem casa própria, porém não espaçosas com piscina e jardim.

⁶⁰ O comentário das rendeiras é que a filha de D. Araceli é uma pessoa bastante desagradável, que encomenda rendas e depois muda de ideia, “quer que a gente faça a peça de renda de outra cor, dizendo que já havia

Francisca diz que tem dó de D. Araceli, e que é difícil para ela (Francisca) ajudá-la sempre, pois diz que quase não dá conta das encomendas que ela própria tem pra fazer. Assim, no dia em que D. Araceli vai a Casa, o trabalho de Francisca acaba não rendendo. Quando Francisca diz que seu trabalho “não rende” ela quer dizer que o fato de ter que parar de render para ajudar D. Araceli a trocar o papelão na almofada ou corrigir algum ponto da renda, faz com que ela deixe de render a sua própria renda naquele momento, o que a faz atrasar seu trabalho e possível venda da renda. No ofício de render, tal como me foi explicado pelas rendeiras, o tempo faz muita diferença. Assim, ter que parar de fazer sua própria renda para ajudar outra pessoa a render, interrompe sua concentração em seu ofício, o que faz com que demore mais para fazer a renda e, conseqüentemente, para vendê-la.

Francisca conta que D. Araceli sempre quer lhe pagar pela ajuda, mas que ela fica “sem graça” de aceitar e que a filha de D. Araceli fica brava quando vê D. Araceli pagando Francisca. Então, D. Araceli dá o dinheiro escondido, na mão de Francisca, “rapidinho, pra filha não ver... mas eu fico muito sem jeito e não gosto de aceitar”.

Eu me sentava ao lado de Francisca, pois foi ela quem começou a me ensinar a render, mas, quando Dona Araceli ia a Casa, eu me sentava em uma cadeira que se situava depois de Neguinha, visto que Dona Araceli se sentava sempre ao lado de Francisquinha, a rendeira que a ajudava.

Período da tarde na Casa

Diariamente, pela porta de entrada chegam as rendeiras entre 13:00 e 14:00 horas, sozinhas ou em duas, três, de acordo com a proximidade das suas casas. O andar de baixo é o local em que as rendeiras fazem seu ofício, sentam-se em cadeiras de plástico ou de madeira, posicionadas em roda.

falado a cor que queria”, de acordo com Socorro. Francisca comenta “além disso, reclama com os próprios turistas que acha o preço das rendas muito caro. Dona Araceli morre de vergonha, mas é a filha, né, fazer o quê? Nem pra ajudar a mãe a trocar de papelão, tirar os alfinetes, nada”.

Cada rendeira pode sentar-se onde quiser, mas percebi, pelo cotidiano que Neguinha, Livramento e Laurinha costumam sentar-se sempre no mesmo lugar. Já Socorro e Ednaira movimentam-se mais na Casa, trocando de lugar quando sentem calor ou quando desejam apenas se movimentar. Mas, mesmo com essa movimentação, cada uma tem o seu lugar, para o qual sempre voltam no outro dia.

Da porta de entrada para a porta do fundo usualmente posicionam-se sentadas: Ednaira, Bia, Laurinha, eu, Francisca, Socorro, Livramento, Neguinha. Às vezes Ednaira senta-se depois de Neguinha. Às vezes eu me sento depois de Neguinha para ficar mais perto do fundo da Casa onde há mais ventilação.

A rendeira Ednaira, 12 anos, diariamente, almoça e se dirige a Casa para render. Francisca sai da Casa, pela manhã, para almoçar às 11:20 horas, “se não chega turista nessa hora”, vai para sua casa de bicicleta e volta às 13:30 horas, de bicicleta. Socorro também vem de sua casa, a pé, após ter feito almoço para o marido e para si.

Laurinha, 56 anos, mora a alguns quarteirões da Casa e, após fazer o almoço para si, duas filhas e cinco netos, vem às 13:30 horas, para a Casa, rendando todas as tardes.

Edinalva, Neguinha e Livramento, são vizinhas e chegam na Casa às 13:30 horas, a pé. Edinalva, 39 anos, é casada e tem duas filhas; Neguinha, 26 anos, solteira, mora com os pais e Livramento, que não gosta de falar sua idade, é solteira e também mora com os pais.

Ao longo de minha estadia na Casa, desenvolvi alguns métodos para poder conversar com todas as rendeiras que rendam no local, no período da tarde, quando o movimento é maior. Aos poucos, fui me movimentando pela Casa a fim de me sentar ao lado de cada rendeira para conversar. No período de minha pesquisa de campo estive quase todas as tardes com essas rendeiras, observando, conversando e aprendendo a render.

As rendas de bilros: seus materiais

Certa vez, ouvi na Casa das Rendeiras o termo “materiais da renda”. O contexto em que tal termo foi dito diz respeito à rendeira Ednaira⁶¹, que utiliza materiais das outras

⁶¹ A mais nova rendeira da Casa, em tempo cronológico.

rendeiras para rendar, como, por exemplo, as linhas de Socorro e, no momento em que se vende a peça, Socorro fica com uma parte do dinheiro ganho na venda da renda, por ter “dado o material”, em suas próprias palavras.

Refletindo sobre uma expressão genérica para o nome usado pelas rendeiras, com relação a seu material de ofício, utilizo a expressão “materiais da renda” de acordo com a expressão nativa. E designo o termo “materialidades” em conjunto com “materiais das rendas” pensando no conceito de “coisas”, de acordo com Ingold (2012).

Seguindo as contribuições de Ingold (2007; 2009; 2012), utilizo a noção de *coisas* para referir-me às rendas de bilro e ao material que compõe esta habilidade, observando como se dá o aprendizado, incorporação e transmissão da técnica, que envolve e cria a vida das rendeiras, de modo a considerar as rendas *coisas* fluidas e porosas, perpassadas por fluxos vitais. Trata-se de pensar essas *coisas* integradas às dinâmicas da vida e do meio ambiente (INGOLD, 2012).

Citarei e descreverei aqui a forma e o modo como alguns materiais das rendas se constituem, apresentando-os ao leitor, para que seja compreendida sua relação com as rendeiras, no ofício da rendar, ao longo da pesquisa. Em outra seção, mostro também a relação dessas matérias com o corpo das rendeiras em relação aos materiais da renda e, nesse sentido, podemos pensar os materiais da renda, por exemplo, os bilros, como um prolongamento do corpo da rendeira.⁶²

Os materiais componentes da renda são os alfinetes, uma agulha de crochê número 10, almofada (feita de palha de arroz e tecido denominado chita), grades de madeira, um pedaço de papel colado a um pedaço de papelão (o papel contém o desenho da renda), uma tesoura, linha cuja espessura depende da renda a ser feita, e os bilros, um pano de textura leve, macia, e um spray de cabelo. Além disso, mãos, olhos e corpo dispostos a executar os pontos exigidos pela renda.

Os alfinetes são vendidos na Casa das Rendeiras por Ednalva que tem a função de tesoureira do local. Ela vende também uma linha chamada “Camila”, tipo de linha grossa “boa pra quem quer começar a aprender a rendar porque não quebra fácil”, segundo

⁶² Na seção de Transmissão, p. 68, há foto das mãos de uma rendeira segurando os bilros.

Edinalva. Outros tipos de linha, além de “Camilla”, que as rendeiras me informaram que usam são:

Raíssa – para fazer camélia, fica mais durinha.

Esterlina 10 – mais grossa que a 20 (mais fina). Fazer bico de renda em metro

Renascer – tubo pequeno para fazer pala.

Sol – fazer os colares

Corrente Marrom – também dá para fazer colar e brincos.

Kron – para fazer colar.

A grade, material que sustenta⁶³ a almofada, é feita de madeira por um marceneiro que mora nos Morros. Socorro fala sobre ele “nossa... ele é enrolado... demora muito pra fazer o serviço”. O papelão, como é chamado pelas rendeiras, é um papel colado em cima de um papelão, neste há o desenho dos pontos da renda a serem traçados pela linha. Este papelão é preso à almofada por alfinetes, um em cada extremidade de modo a deixar o papelão esticado na almofada. O alfinete é também usado para finalizar cada ponto da renda, de modo a não deixa-lo desfazer-se.

Sobre almofadas e bilros em confecção

Estive na casa de Francisca, uma das rendeiras da Casa, para acompanhar a composição da almofada e dos bilros, confeccionados por ela e Nonato, seu esposo.

Francisca, sentada à máquina de costura de D. Raimundinha (sua sogra), fazendo uma almofada⁶⁴, diz que Nonato já está fazendo os bilros⁶⁵ e pede para que ele a espere costurar a almofada (momento em que estou filmando) para que eu possa vê-lo fazendo os

⁶³ A grade serve de suporte para a almofada.

⁶⁴ No caso, a almofada que Francisca estava costurando foi encomendada por mim.

⁶⁵ Os bilros são feitos por Nonato, na casa dele e de Francisca. Tive a oportunidade de filmar e tirar fotos, pois, um dia eu estava “nas rendeiras” (como elas costumam se referir à Casa das rendeiras) e, conversando com Francisca perguntei sobre os bilros. Ela me disse que o marido dela era quem fazia e que se eu quisesse podia filmar, porque “até a CBN dos EUA já filmou o Nonato fazendo bilro”.

bilros também⁶⁶. Então, Nonato vem até a cozinha de D. Raimundinha e espera Francisca costurar a almofada. Ouve-se o som de máquina de costura e da televisão no cômodo ao lado.

Não sei mais nem fazê a almofada só porque eu tô sabendo que tá filmando (...) Ó, Carol... primeiro eu faço a bainha desse lado e do outro .- A bainha? - É, porque tá embanhado...rsrsrs...ela fala “barrinha” (se referindo ao meu jeito de falar). D. Raimundinha diz... –é... é a a barra. Nonato continua: pra botar o cordão... o corrrdão (imitando o modo como pronuncio o r da palavra “cordão”⁶⁷). Francisca - é, pra passar o cordão.”

“Sabia que essa florzona aqui era boa pra enfeitar uma bolsa?”, disse Francisquinha, se referindo à estampa do tecido chita ⁶⁸.

Acabando a linha branca, D. Raimundinha a ensina a abrir a máquina para colocar outra linha e volta a costurar a *bainha*. A seu lado encontra-se Leila, sobrinha de Nonato, que enche seus bilros com linha de cor coral. Quando Francisca termina de costurar a *bainha*, senta-se no quintal próximo de Nonato e começa a pôr um cordão em cada extremidade do pano... Ao terminar, entra na casa para fazer outras coisas enquanto aguarda Nonato (terminar de) fazer os bilros, pois ele vai ajudá-la a encher a almofada com palhas de arroz. Enquanto isso, Nonato senta-se no chão para fazer os bilros.

⁶⁶ Nesse momento eu digo para Francisca em tom de “brincadeira”: “é, pede pra ele me esperar porque eu não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo. E Francisca completa a brincadeira “é, assim você mata o papai” (risos), fazendo referência à música, cujo nome é “Assim você mata o papai”, que Laurinha sempre canta e dança na Casa das Rendeiras.

⁶⁷ Francisca refere-se ao fonema [r].

⁶⁸ Tecido chita, com a estampa que escolhi, juntamente com Francisquinha em uma loja no centro de Parnaíba, para fazer minha almofada.



Nonato, na expressão das rendeiras, “é o marido de Francisca, que faz os bilros”, para as mulheres da Casa⁶⁹. Uma pessoa do sexo masculino rendando não é bem vista pelas rendeiras da Casa⁷⁰, mas o trabalho de fazer os bilros, utilizando as matérias-primas madeira, tucum e a faca, pelo que observei, não é considerado um trabalho de rendeiras e tem caráter de trabalho masculino, que aparece no uso da faca na madeira.

Nonato morou muitos anos no Pará, região Norte do Brasil, local em que há muitas árvores de tucum, cujos frutos são usados para fazer a cabeça dos bilros. Nonato, primeiramente, rala os frutos de tucum no cimento para ficarem lisinhos, bons para serem manejados pelas mãos das rendeiras em ofício. Então, senta-se no chão de sua casa, na área do fundo, que dá para seu quintal, terreno comum de Nonato e seu pai (Seu Loro). Na sua

⁶⁹ Nonato faz os bilros para as rendeiras da Casa, mas não é o único. Existe outro homem com quem não tive contato, que faz os bilros para Socorro, pois, devido a tensões existentes nas relações entre as rendeiras e Socorro, esta procurou outra pessoa para fazer seus bilros, uma vez que Francisca pareceu-me, em alguns momentos, agir com má vontade para com Socorro. O tema das tensões, na Casa, será analisado de forma mais aprofundada ao longo da dissertação.

⁷⁰ Exceto por Socorro que mantém contato com um homem famoso da região por render. Esta questão do homem na renda precisará ser descrita e analisado de modo mais aprofundado na dissertação.

frente, uma tábua de madeira, na qual ele, cuidadosamente, corta com uma faca um toco de madeira em pequenos filamentos que serão os cabos de madeira, dos bilros. Nonato usa uma madeira para o cabo do bilro, uma faca para dar a forma e o fruto tucum que será a ponta do bilro, onde as rendeiras seguram os bilros para render.

Francisca contou-me que conheceu Nonato no Pará e que vieram para os Morros de Mariana depois de casados. Francisca nasceu e cresceu no Pará. Seu pai e irmãos moram na região. Quando ela vai visitá-los, traz tucum “os do Pará são melhores porque são maiores, dá pra fazer mais (bilros)”, me explica Francisca, que gosta de ser chamada de “Fransquinha”.

Nonato conta que, nos Morros de Mariana, costumava pegar o tucum em pés de um terreno vazio, cujo fruto, em si, não tinha serventia. Mas, um dia, a dona do terreno viu e reclamou que o terreno era dela. Ele retrucou-lhe que só estava pegando o tucum das árvores pra fazer bilros. Quando Nonato voltou ao terreno para pegar mais tucum:

“a dona botou um cachorro pra correr atrás de mim”. Então não fui mais lá. Nonato diz “num tinha necessidade de fazer isso, eu num tava roubando nada, ninguém ía usar o tucum. E por causa disso tive que procurar em outro lugar. Mas por aí tem.”



Nonato chama a esposa e coloca uma lona branca no chão de terra batida de seu quintal, e pega um saco de mesmo material que contém a palha de arroz, retirando-a do saco e colocando-a em cima da lona.



“Francisquinha, vamo enche a almofada” – fala Nonato, em tom de voz firme, tom exclamativo, de chamamento, porém, não é um grito. Francisca vem com o pano da almofada, coloca um circulo de papelão na parte de baixo da almofada, fechando-a com o cordão que colocou nas extremidades. A outra extremidade fica aberta para ser enchida de palha. E me explica: “ó, Carol, agora a gente coloca palha de arroz até ficar bem durinha”. Francisca segura a almofada aberta pelos cordões para que Nonato a preencha com a palha e para isso, ele amassa a palha dentro do tecido da almofada.



Nonato, que é conhecedor da região pela atividade da pesca, que exerce quando é convidado pelos vizinhos, mostrou-me a região onde há plantação de arroz, no Morro, em volta dos igarapés. A palha do arroz é o que sobra depois da colheita do arroz e Nonato pede aos plantadores esta palha. Com ela, tem a firmeza necessária para preencher o tecido, costurado, que se tornará uma almofada de rendeira. A almofada precisa ser firme para aguentar o peso dos bilros e deve ser macia, ao mesmo tempo, para que seja possível “picar”, colocar o alfinete que, primeiramente, sustenta os bilros, no início do papelão e também sustenta os pontos finalizados.



Outro material que compõe o ofício de render é um pano; cada rendeira possui o seu. Este, de textura macia, cobre a almofada da renda quando a rendeira para de render. Tem por função não deixar que a renda empoeire. Mas algumas rendeiras, como Francisca, utilizam o pano mesmo quando estão rendando, pois sua renda é grande em tamanho, e ela precisa girar a almofada para continuar rendando, assim, enquanto está fazendo uma parte da renda, mantêm o outro lado da almofada coberto, para não empoeirar o ponto da renda que já está feito.

Como as almofadas das rendeiras não são, necessariamente, padronizadas, isto é, variam de tamanho, de acordo com a compleição corpórea de cada rendeira; o pano que cobre a almofada também varia de tamanho, pois deve cobri-la inteiramente no plano em que se situa a renda, no papelão, para que não entre pó. Com relação ao tamanho da almofada, que é feita por Francisca e Nonato, é dito que ela se faz pela medida “de olho mesmo”, Francisca diz:

eu pergunto qual o tamanho que a rendeira quer... se tiver alguma na Casa já com o tamanho que ela quer, eu olho e faço daquele jeito. Se não, ela me diz quanto mais ou menos, de tamanho, a partir de uma almofada na Casa.



Na foto acima é possível ver uma almofada semi-coberta pelo pano. Este cobrirá a almofada depois que a rendeira Francisca parar de render, isto é, depois das 17 horas. Esse pano é trazido por cada rendeira. E há também o spray, “fixador de cabelo”, que é usado após o término da confecção da renda na almofada. Coloca-se spray na renda e deixa-se que ela seque ao sol. O spray faz com que a renda fique “durinha”.

Uma das recomendações das rendeiras para minha viagem, carregando rendas até Campinas, é colocá-las em livros, para que não amassem. Mas as rendeiras costumam fazer um envelope⁷¹, com cartolina colorida, onde colocam rendas encomendadas, para serem guardadas, quando são peças pequenas. Peças maiores, como por exemplo, um bolero, são

⁷¹ Francisca fez um envelope vermelho, de cartolina, para uma encomenda dela e um para mim, para que eu guardasse minhas rendas, que, segundo ela, estavam amassando na caixa de papelão que eu tinha guardado.

colocadas em um saco plástico e guardadas no armário da Casa das Rendeiras até que a pessoa que a encomendou vá buscá-la.

Os materiais de cada rendeira são trazidos por elas em bolsas, contendo um recipiente onde são guardados alfinetes (vidrinho vazio), bilros, tesoura, linhas e agulha de crochê. Esses materiais são emprestados a outras rendeiras que estão começando a render agora, ou quando esquecem algum material em casa. Mas percebi que o material de cada rendeira é “propriedade” de cada uma, e é “bem visto” pelas companheiras, no ambiente de render, que cada uma possua o seu material, mesmo que seja ganho de uma amiga rendeira.

Ednaira, por exemplo, começou a render na Casa das Rendeiras trazendo apenas uma almofada e Francisca e Socorro lhe emprestaram linha, bilros, alfinetes e agulha. Quando Ednaira começou a vender suas primeiras peças, camélias encomendadas por Socorro, ela vendia suas camélias por um preço inferior às outras, pois o material utilizado (as linhas utilizadas) era de Socorro. E uma crítica que as rendeiras faziam à Ednaira, é que agora com o pagamento de alguma renda vendida ela já poderia comprar um spray de cabelo, tirar xerox de papelão⁷², que se desgasta ao longo do tempo, ou comprar uma linha. Isto é o que Socorro chamou de “investimento em seu material, ter um material seu...”.

⁷² Os desenhos dos pontos a serem feitos, compondo uma renda, são feitos em uma folha em branco, depois colada a um papelão, ou feito diretamente no papelão. Com o tempo de uso do papelão (o molde), este fica impróprio para ser usado novamente, pois já está muito marcado pelos alfinetes, e pode até rasgar com o tempo. Se o desenho estiver em uma folha, colada ao papelão, a cola pode ir se soltando, e o desenho vai se rasgando, ou até, apagando-se. Por isso, as rendeiras, constantemente tiram xerox do desenho para fazer novo molde/papelão para render.

Parte 2

Transmissão e Aprendizado: desenhos e pontos das rendas de bilros

Modos de transmissão: o fazer render

De acordo com Ingold (2007), bordar ou tecer, é transformar fios em traços na composição de uma superfície. O autor explica que a etimologia da palavra *line* é um exemplo da transformação de fios em traços:

Como Samuel Johnson nos lembra em seu Dicionário, um dos significados da palavra é *lint* (fibra de algodão) ou *flax* (linho). Linho é derivado do Latim *linea*, que originalmente significa um fio feito de *linum*. Esses fios foram tecidos em roupas que agora nós chamamos de linho⁷³ (Ingold, 2007: 61).

Do tecido linho é possível dizer que há uma trama, cujas linhas aparentam pontos ou traços. Nesta seção mostrarei como se dá a transmissão e o aprendizado na composição de uma trama de rendas de bilros. Falarei das formas de transmissão e aprendizado das rendas de bilros, no local em questão, sob duas formas de transmissão: via Cursos na Casa das Rendeiras e via ensino informal na Casa das Rendeiras, isto é, sem curso. Neste poderei relatar minha experiência enquanto aprendiz de rendeira e minha relação com a técnica.

Aprendizagem por meio de Cursos

Meneses (2006) pesquisou a respeito do aprendizado das rendas de bilro, em Morros de Mariana, na Casa das Rendeiras, momento em que ocorria o aprendizado da renda por intermédio de curso financiados pelo Sebrae, na Casa. Utilizarei grande parte de suas informações a respeito dos cursos, pois quando fui a campo eles não estavam ocorrendo.

⁷³ As Samuel Johnson reminds us in his Dictionary, one of the meanings of the word (...) is lint or flax. Lint is derived from the Latin *linea*, which originally meant a thread made from flax, *linum*. These threads were woven into cloth that we now call linen. (Ingold, 2007: 61).

Exponho aqui duas formas de conhecer a transmissão das rendas no mesmo espaço, em datas diferentes.

Meneses (op. cit)⁷⁴, conheceu o aprendizado do ofício na Casa das Rendeiras a partir de duas semanas de Cursos ministrados, na Casa, pelo Sebrae⁷⁵. A autora relata suas impressões:

O Curso de Renda de Bilros, aparentemente, oferece ferramentas para as mais jovens aprenderem as técnicas do feitiço da renda de bilros e talvez seja, a posteriori, uma fonte de recursos financeiros para as alunas que se tornarem rendeiras. (2006:11)

Meneses (2006) nos conta que o curso, com aulas de rendas de bilros, tem a duração aproximada de três meses, dividindo-se em dois turnos, período matutino⁷⁶ e vespertino⁷⁷, e, cada período com uma turma diferente, e destina-se a meninas e moças de diferentes idades. A maioria do público é de crianças e adolescentes. O Sebrae paga um salário às professoras, Socorro e Edinalva, pois durante o período em que as rendeiras ensinam elas param ou diminuem o ritmo de produção de sua própria renda.

De acordo com Meneses (2006) é comum algumas meninas aprenderem os primeiros “passos” da renda com a mãe, em casa, e, depois, no curso, desenvolvem a destreza necessária para fazer quaisquer trabalhos de renda. Uma das turmas tem quatorze alunas, que chegam aos poucos, sem muito rigor com o horário do início planejado para a aula. E o atendimento das professoras para com as alunas costuma ser individual, segundo, Meneses (2006).

Durante um curso⁷⁸ de rendas de bilros acompanhado por Meneses é possível perceber que a disposição das alunas e professoras, na Casa, revela as relações de afinidade

⁷⁴ Meneses (2006) ressalta que seu trabalho tem como intenção registrar a existência das mulheres que guardam consigo as histórias de sua família e que transmitem a técnica de rendar para as outras gerações, neste caso, sistematizada em cursos. Busca entender um cotidiano dessas mulheres que ensinam seu ofício. Ofício este que “se insere nas necessidades do mundo de mercado sendo (...) modo de produção e riqueza” (2006: 12).

⁷⁵ Meneses ressalta que foram duas semanas de observação direta, mas em ocasiões diferentes, com aproximadamente um mês de diferença entre as duas semanas.

⁷⁶ Período matutino das oito horas às onze horas, aproximadamente.

⁷⁷ Período vespertino o curso inicia-se às duas horas e termina às 17 horas.

⁷⁸ O planejamento do Curso discriminava, formalmente, os passos das alunas durante o aprendizado do ofício, da primeira à última aula. O planejamento dividia o Curso em três módulos em que se começava por aprender o ponto mais simples da renda e se seguia até o aprendizado de pontos para a confecção de panos de bandeja e blusas de renda de bilros. Os planos de Curso “descrevem técnicas de observação do desempenho das

entre alunas, a organização dos lugares das alunas mais experientes com relação às menos experientes e revela também as diferenças de gerações, sendo reconhecidas espacialmente, pelos lugares de rendar de cada aluna convivendo em um mesmo espaço. As informações de Meneses (2006), abaixo, me permitiram fazer essa reflexão e análise a respeito das posições:

as rendeiras se organizavam no espaço, formando grupos menores dentro do grande grupo da seguinte forma: as mais velhas sentavam-se agrupadas, bem como as adolescentes. Algumas pareciam estar próximas por afinidades e os locais pareciam ser mais ou menos fixos. As alunas sentavam-se próximas umas das outras e havia subdivisões, também neste pequeno grupo, onde se juntavam meninas, adolescentes e jovens já casadas, em cadeiras próximas (2006:24) (...). Na sala havia uma separação entre as alunas e as rendeiras mais experientes. Estas se sentavam de frente para a porta de entrada e próximo às janelas. As aprendizes agrupavam-se na parede oposta e laterais. Parece haver mulheres entre 30, 40, 50 anos, adolescentes e crianças na Associação: todas aprendendo e ensinado juntas. *Em dias de Curso, o espaço da Associação parece pequeno. As almofadas se acumulam e sobra pouco espaço para a circulação de pessoas.* (2006:27)

Pelo relato de Meneses, (grifo acima), as rendas de bilros, em relação às rendeiras aprendizes mais experientes e às rendeiras-professoras, ocupam um espaço físico bastante significativo pelo número de rendeiras que, em tempo de Curso, aumenta na Casa, tornando o espaço pequeno para tantas pessoas, e dificultando a circulação de pessoas na Casa. As professoras andando de uma almofada à outra para atender solicitações de alunas e as alunas andando pelo espaço da Casa, habitando-o. Além das rendeiras que estão exercendo seu ofício na Casa e não estão ensinando outras mulheres.

É possível pensar, neste espaço, a respeito da circulação de pessoas e a circulação das coisas, isto é, a circulação de aprendizados e conhecimentos compartilhados do ofício de rendar e de conviver em um mesmo espaço. Uma convivência de aproximadamente três meses, de acordo com Meneses (2006), de pessoas das mais diversas idades, gerações e histórias. Com o conhecimento adquirido, levarão a técnica do rendar para outros lugares, seja na forma de rendeiras ou na forma de vendedoras de peças de rendas. Assim, as rendas

alunas, explicações práticas, amostragem das ferramentas, entre outras, que aprecem esclarecer para as alunas, rendeiras iniciantes, os caminhos para o aprendizado.” (Meneses, 2006:55). Ainda, de acordo com Meneses (2006), os planos de curso descrevem explicações prática, e amostragem de ferramentas que esclarecem para as aprendizes os passos para aprender o ofício.

circulam e circularão, pois as pessoas, circulando, carregam seus saberes e podem transmiti-los.

Cada aluna que chega a Casa, diariamente, sabe localizar a sua almofada e seu lugar, senta-se e continua sua renda de onde havia parado anteriormente. Socorro divide-se entre as funções de presidente, professora e na tarefa de receber os visitantes:

Ela tem desenvoltura para isto e as demais parecem preferir que ela assume (sic) este papel (...) não faz chamada. Na folha de frequência, anota as presenças das alunas após as aulas. Diz que não é necessário fazer a chamada, pois as conhece todas e sabe quando alguém falta. As alunas parecem interessadas em aprender, conversam um pouco, mas em geral se concentram no trabalho. (2006: 26).

Ensina-se rendando e aprende-se fazendo

“As professoras, apesar de terem suas almofadas para trabalhar em seus locus (sic) habituais” (Meneses, 2006:25), passam a maior parte do tempo circulando pela sala olhando as almofadas das alunas e, quando necessário, auxiliando-as em caso de dúvidas ou erros. A forma com que a rendeira ensina a aluna é sentando-se diante da almofada da aluna “mostrando na prática o modo correto de fazer os pontos” (Meneses, 2006:25). As outras rendeiras fazem seu ofício durante o tempo da aula sem participar do ensino de rendar, embora conversem algo que todas participam, ouvindo, rindo...”⁷⁹.

As professoras parecem se dividir para ensinar o grupo:

uma fica responsável pelas que já vinham com noções, já sabendo trocar os bilros, conforme elas dizem, e a outra professora fica responsável pelas iniciantes. A forma de ensinar, porém, é semelhante para as duas. Ambas sentam-se e pegam os bilros das alunas para ensinar de forma prática. E ficam, vez por outra, caminhando para observar se as alunas estão fazendo tudo certo. (2006:28)

De acordo com Meneses (2006), as professoras de renda da Casa das Rendeiras tornaram-se professoras por suas experiências e convívio com o ofício de rendar. Minha perspectiva, baseada em Ingold (2007), a respeito do ofício de rendar, é que se trata de uma forma de saber, que se adquire⁸⁰ no cotidiano e convívio com o ofício e com pessoas que

⁷⁹ Segundo Meneses (2006) as rendeiras “conversam bastante, sobre os mais variados assuntos, veem televisão e realizam vendas quando aparece algum cliente” (2006:25).

⁸⁰ Perspectiva de Ingold (2007), também. A respeito das habilidades falarei mais à frente.

também rendam, pelo contato com as rendeiras do local que, justamente, por terem aprendido o ofício, transmitem-no a outras.

O conhecimento e universo das rendas de bilros envolve o contato constante com o ato de render, ou seja, contato constante com a técnica das rendas de bilros. É no cotidiano “em ações corriqueiras ou não, quando são negociados valores, desejos, obrigações, dores, descobertas” (Meneses, 2006: 33).

Socorro conta a respeito de sua experiência de vida e envolvimento com a renda de bilros dizendo que aprendeu a render aos oito anos, embora não gostasse muito, “todos os dias tinha uma tarefa para fazer na almofada” (2006: 34). Conta que aos 15 anos começou a gostar (“tomar gosto”, nas palavras de Socorro) de fazer renda. Depois de casada e com dois filhos, tornou-se costureira para ajudar no sustento da casa e, a partir da costura, começou a trabalhar com a confecção de renda.

De acordo com Meneses (2006), Socorro relata que, quando ela e suas irmãs aprenderam a render, o modo de ensinar era muito diferente de como ela própria ensina hoje; ela diz ter sido obrigada pela mãe a aprender a render e conta que:

Hoje, as meninas aprendem porque querem. Em primeiro lugar, pela curiosidade: elas nos veem aqui, se encantam com a beleza da renda e sentem vontade de aprender. A maioria, quando aprende, faz a primeira peça para si. Atualmente, as adolescentes e as crianças aprendem a fazer a renda. Há muitas meninas que querem aprender ainda quando pequenas. Ainda há essa tradição da mãe ensinar às filhas meninas⁸¹. A partir de oito, nove anos, a mãe já instala a filha ao seu lado e, enquanto trabalha, vai ensinando os primeiros pontos. (Meneses, 2006:36).

Socorro e Laurinha me contaram que, quando crianças, tinham que aprender a render e fazer os pontos corretamente, caso contrário, a mãe batia-lhes com bilros na cabeça.

Laurinha conta:

Naquele tempo... oh, meu Deus como era difícil... eu apanhava que só. Sabe, Carol, eu sempre fui lerda pra aprender porque, quando eu era criança, eu fiquei doente (nesse momento Socorro me chama pedindo a tesoura) ... viu Carol... eu tive uma doença muito séria e deve ser por isso que eu fiquei assim, lerda. Quem me ajudou muito a aprender foi a Socorro e a Dona Mazé⁸², que tinha paciência...

Socorro diz:

⁸¹ Quando estive na Casa, aprendendo a fazer renda, uma das netas de Laurinha, chamada Nailiany, oito anos, foi para a Casa aprender a render também. Mas ela já sabia alguns pontos, porque viu sua mãe e avó fazendo, desde pequenina.

⁸² Dona Mazé é uma das rendeiras mais antigas da Casa e atualmente renda na sua casa e leva suas peças para vender na associação.

E eu falava pra Laurinha que para aprender a render tem que persistir e continuar. Só assim é que se aprende a render. Mas eu também apanhava de bilro, olha... era ruim que só. Naquele tempo a mãe da gente não tinha paciência não, tinha que aprender na marra, hahaha (solta uma risada). Hoje em dia, as meninas não querem mais aprender renda, ficam aí sem fazer nada, não pode. Eu não consigo ficar sem nada pra fazer, a cabeça fica ruim. A renda é, também, um jeito de fazer as pessoas mais velhas usarem a cabeça, né, exercitar... se a pessoa fica muito parada fica mais doente, esquecida. E também faz bem pra alma da gente, quando a gente tá triste... nem vê tempo passar rendando. Ou vendo uma novela... tem noite que olha, eu tô fazendo renda e vendo televisão e quando vejo já é tarde e eu nem vi a hora passar. Mesmo que eu esteja cansada, com sono, eu fico fazendo, eu gosto.

Segundo Meneses (2006), Edinalva, a outra professora de rendas, aprendeu o ofício com sua avó aos sete anos de idade. Sua avó lhe fez uma almofada e ensinou-a a render e Edinalva ensinou o ofício às suas filhas, pois, segundo ela, “na convivência, a gente vai vendo, vai gostando de trabalhar” (2006:48). Edinalva gosta de ensinar as meninas a render, do mesmo jeito que sua avó lhe ensinou:

observando e falando quando está certo e quando não está (...) Ensino como trocar os bilros e às vezes até conto como uma forma de facilitar a aprendizagem das meninas na confecção da traça⁸³. Porque acho que com a contagem fica mais fácil de desenvolver essa técnica.

Edinalva, assim como Socorro, relata que o ensino da renda, atualmente, está facilitado para as meninas, pois, quando ela aprendeu, os pontos iniciais eram mais difíceis e as meninas eram obrigadas pelas mães a aprender a render. Conta que as mães castigavam as filhas que não queriam aprender. Edinalva diz não obrigar sua filha a fazer renda quando ela não quer e que, o fato de não obrigá-la a render, faz com que ela queira aprender mais e a torna mais curiosa quando vê a mãe rendando: “Minha filha mais velha muitas vezes pede para aprender coisas que eu ainda não havia pensado em ensinar-lhe. Há pouco pedi para aprender a fazer aplicação...” (Meneses, 2006: 50).

Socorro deu seu primeiro curso de renda em 1994 (aproximadamente) e disse que ser professora de renda foi muito difícil para ela. De acordo com a pesquisa de Meneses (2006), Socorro disse que precisou a aprender o ofício de ensinar:

No primeiro dia de aula, eu não sabia bem o que fazer; como orientar as aulas. O grupo tinha entre dez e vinte pessoas. As alunas, quando começaram a aprender, ficaram ansiosas, querendo conhecer tudo de uma só vez. Várias me chamavam ao mesmo tempo e eu não sabia a quem atender primeiro. Aquela ansiedade me deixou tão agitada que, nos primeiros três dias, fiquei doente. Depois vi que necessitava mudar. Aos

⁸³ Traça é um dos pontos das rendas de bilro, comumente feito na Casa das rendeiras.

poucos, fui me acalmando e, hoje, sei como lidar com as alunas e todas elas aprendem. (2006:36).

Meneses (2006) relata que, nos cursos, as professoras se revezavam, observando o trabalho na almofada das alunas⁸⁴, interferindo quando achavam necessário, Às vezes explicando oralmente o que deve ser feito e, às vezes, na prática, isto é, mostrando com seus próprios movimentos da mão nos bilros o trançado do ponto em questão.

Nas palavras de Meneses:

Uma aluna pede explicação à professora, que se senta junto à almofada da moça e esclarece como se faz o desenho de um galho. Mostra que ela havia feito uma parte errada e a desmancha. Depois diz que toda aquela parte se faz só com quatro pares de bilro: a moça estava fazendo com seis pares. Francisca tira os bilros e mostra como se faz. Outra moça pede uma explicação. A professora faz o mesmo ritual: senta-se individualmente com a aluna e expõe na prática como se resolve aquele problema. (2006: 28)

Socorro me pareceu ser uma das rendeiras da Casa que tem mais habilidade para ensinar a render, pela experiência de já ter ensinado muitas mulheres a render, conforme ela mesma contou a Meneses (2006). Acha que ensinar a render é algo muito importante, pois mais pessoas podem aprender e continuar.

Para Socorro, a transmissão do aprendizado é fundamental para que não se acabe o ofício. Ela mesma me disse que atualmente há poucas meninas querendo aprender a render e que isso a deixa muito preocupada: “eu fico pensando no futuro das rendas, né? Porque uma hora quem tá aqui vai embora e se não houver meninas pra continuar, como é que fica? Acho uma tristeza” (Socorro).

Preocupada com o futuro das rendas, e curiosa para conhecer diversas criações, Socorro diz que está sempre procurando modelos em revistas para poder criar peças “porque temos sempre que acompanhar as mudanças” (Meneses relata a fala de Socorro, 2006:44).

Socorro me disse que no período da noite, quando está em sua casa, pensa no que pode inventar para render e sente-se muito ansiosa se demora meses para criar algum desenho para confeccionar uma renda. Mulher das relações públicas, Socorro conversa com

⁸⁴ Segundo Meneses, as alunas “compenetradas se concentram no trabalho, embora, por vezes, fiquem, com um olho na renda e outro na TV” (2006, 28).

todas as pessoas que entram na Casa e gosta muito de fazer, mediar essas relações. Contou-me, de modo bastante engraçado: “nossa, tem dia que eu saio daqui minha língua tá que nem língua de papagaio, sabe? Toda seca de tanto que eu falo. Olha, cansa, viu? Mas é tão bom!”.

Há alunas que aprendem o ofício só de olhar, como, por exemplo, Livramento, que aprendeu a render de tanto olhar sua prima fazer renda, em sua casa. Meneses (2006) relata que, apesar de o Curso ter hora marcada para começar, as aprendizes costumam chegar cada qual em um horário. E isso não é motivo para brigas ou repreensões, observando que as rendeiras costumam respeitar o ritmo de cada aluna.

Como bem observa Meneses (2006), as rendeiras dizem que não são todas as pessoas que conseguem fazer renda e que o ofício requer inteligência e habilidade, características que podem ser adquiridas com o tempo, vivência, dedicação e vontade. De acordo com Meneses (2006), as rendeiras “parecem entender, empiricamente, que há múltiplas formas de inteligência. Neste sentido, observei a existência de uma troca constante de saberes” (2006:68).

Assim como Meneses (2006), eu tive a percepção de que as rendeiras entendem o ofício de render como um saber, uma habilidade e também um modo de exercer e “usar” a inteligência. Como, por exemplo, em um dos momentos em que eu estava aprendendo um ponto e estava errando muito, uma das rendeiras me disse “Ih, acho que essa menina não serve pra render, não”. Diferentemente de outra rendeira que me disse “não, cada uma tem um tempo pra aprender, tem umas que pegam com mais facilidade, mas tem outras que demoram um pouco mais pra pegar o jeito”. A opinião entre as rendeiras varia⁸⁵.

Ingold (2007) explica o desenvolvimento da habilidade da escrita e do desenho. Para o autor, escrever e desenhar não são naturais, isto é, capacidades intrínsecas ao seu humano com um corpo pré-programado, mas trata-se de “adquirir uma habilidade” (2007: 147). Utilizo sua concepção para pensar a habilidade de render.

⁸⁵A opinião, entre as próprias rendeiras varia, sendo difícil usar a palavra “rendeiras”, de cunho generalizador. Embora assim o faça, nessa dissertação, procuro evitar indicar uma abordagem que privilegie o cunho geral de rendeiras. Em algumas características isto é possível, como, por exemplo, todas as rendeiras exercem o ofício, todas são rendeiras da Casa usam bilros para render, mas o modo como cada rendeira o faz é distinto e não deve ser evitado ou relegado a segundo plano na análise.

Procuro explicar que as rendeiras têm opiniões diversas sobre o ato de render e o modo como cada rendeira aprendeu seu ofício tem suas particularidades, algumas delas explicitadas nessa pesquisa. Assim, o modo de ensinar a render e a abordagem utilizada também variam em função das características pessoais, próprias de cada rendeira. Socorro, professora de rendas com histórico de longa experiência em ensinar o ofício, diz que, embora existam pessoas que não consigam aprender a render, o que atrapalha é o medo.

Socorro cita o exemplo de Laurinha, uma das rendeiras da Casa, que diz não conseguir aprender alguns pontos da renda. Socorro conta que Laurinha é medrosa e, por isso, não consegue aprender novos pontos; conta que sempre teve que insistir com Laurinha para ela aprender a render, pois, diferentemente do que a própria Laurinha pensava, ela não era incapaz de aprender a render. Hoje, Laurinha é estudante no período da noite⁸⁶. Saber que consegue aprender a render é um estímulo para buscar aprender outros afazeres como estudar.

As rendeiras concordam que o ofício de render exige um tipo de inteligência que pode ser diferente de outras inteligências e habilidades. Por exemplo, quando elas me dizem que não têm habilidade para serem pesquisadoras, como eu, dizem que é porque não conseguiriam ficar sentadas lendo muito e escrevendo. Chegam a dizer: “eu não sirvo para isso”. Referem-se ao ofício de render como um dos muitos modos de ofício e de conhecimento.

As rendeiras se mostram interessadas em saber a respeito de minha profissão de pesquisadora. Interessam-se em saber como é o meu trabalho e como eu me sinto enquanto pesquisadora. Elas comentam comigo que o trabalho de pesquisador muito solitário. Dizem que gostam de um ofício em que possam estar perto de outras pessoas.

As rendeiras convivem diariamente com turistas e perguntam a eles qual é profissão deles e, mais uma vez, interessam-se em ouvir e “aprender sobre outras coisas,”⁸⁷ aprendendo e ensinando com as pessoas que visitam a Casa.

Pude perceber que há, entre as rendeiras, uma troca de saberes com relação ao próprio ofício, pois, enquanto estão rendando, perguntam umas às outras, quando têm

⁸⁶ Laurinha está fazendo o ensino fundamental novamente, pois disse que quer aprender melhor.

⁸⁷ As rendeiras referem-se a outras formas de trabalho que não o render.

dúvida, com relação a um ponto e outras informações acerca da renda que estão confeccionando. Nesse sentido, e na relação com pessoas de outros lugares que visitam a Casa, a socialidade é uma categoria fundamental para a etnografia de relações das rendeiras e rendeiros, pensando nessa troca constante de saberes.

Minha descrição, a respeito da troca de saberes que circulam e são transmitidos na Casa, resultará principalmente da minha relação com as rendeiras, na qualidade de “pesquisadora” aprendendo a render. Esta relação possibilitou-me trocar saberes a respeito da renda, criando relações de amizade, afeto, emoção, confiança e sensibilidade das rendeiras para comigo⁸⁸ e de mim para com elas.

Para falar de minha relação de aprendiz de rendeira utilizo, além de meus dados de campo materiais bibliográficos que me ajudam a descrever e tornar visíveis alguns pontos das rendas de bilros.

As rendas de bilro: em ofício

O ofício de rendeira possui uma nomenclatura e gestual próprios “um acervo comum das pessoas daquele lugar (...) mediante suas vivências” (Meneses, 2006:57).

Minha intenção nesta seção é etnografar o momento de fazer a renda, na Casa das rendeiras⁸⁹. Para transmitir informações sobre o aprendizado da renda, proponho mostrar o movimento das rendas em partes e, tal como Ingold (2007), penso o movimento das rendas como linhas que, quando investigadas, permitem-nos conhecer suas direções e relações no caminho. Revelo aqui algumas características do ofício de trocar bilros, mostrando que este possui uma nomenclatura e um gestual próprios.

⁸⁸ Esta relação se estabeleceu a ponto de uma das rendeiras e, uma das netas de rendeira, chorarem quando fui embora. Inclusive de eu receber ligações, meses depois de minha volta a Campinas, para saberem como eu estava.

⁸⁹ Proponho-me a etnografar o ofício de render de modo a não separar o ofício em partes. Gostaria de lembrar ao leitor que a coleta de materiais, venda, compra, encomenda e ofício na almofada acontecem conjuntamente, pois, enquanto uma rendeira encomenda uma almofada, Francisca está rendando e faz a almofada em sua casa, e as outras rendeiras estão começando ou terminando peças ou fazendo mais de uma renda no dia. Nesse mesmo momento podem entrar na Casa clientes de diversas regiões do Brasil perguntando e pedindo informações sobre o ofício. Enquanto uma das rendeiras atende o cliente, outra continua em sua almofada rendando.

Aprofundando o olhar sobre os Movimentos do fazer renda

As rendeiras, comumente, chegam com suas bolsas, contendo o material da renda, a tiracolo. As almofadas costumam ficar guardadas em cima da grade, com um pano, embaixo da escada, na Casa das Rendeiras. Assim, as rendeiras, ao chegarem, pegam suas almofadas e grade, uma cadeira e sentam-se em seus lugares.

Depois de localizadas suas almofadas, cada rendeira observa o que será necessário para dar continuidade ao ofício, por exemplo, se há que terminar alguma renda ou se deve começar uma nova trama com outro motivo. Se o caso for continuar uma renda, é necessário verificar se os bilros possuem linha suficiente (as linhas ficam enroladas nos bilros, no lado oposto ao tucum, que fica nas palmas das mãos das rendeiras).

Para começar uma peça de renda⁹⁰ é preciso, antes de qualquer coisa, procurar um papelão onde é rabiscado o motivo da renda, isto é, o desenho da renda. Em seguida, é necessário fixar o papelão na almofada colocando alfinetes em cada ponta do papelão, prendendo-o à almofada. Então, a rendeira verifica quantos bilros serão usados para o ponto com o qual ela começará a rendar e enche cada bilro com a linha que será utilizada para a peça da renda. Em seguida, a rendeira dá um nó na linha para deixa-la presa ao bilro.

Para enrolar os bilros, de acordo com Dawson (1984):

Os bilros são enrolados em pares. Segure um bilro com a mão esquerda, tendo o carretel voltado para a direita. Deite a ponta do fio no sentido do comprimento do bilro cerca de 2,5 centímetros e enrole-o no carretel na direção contrária a seu corpo, com movimentos para cima e para baixo, suavemente, uniformemente (...) Prenda o fio com um *meio-ponto*⁹¹ para impedir que se desenrole. Passe o fio em volta do polegar esquerdo e deslize-o duas vezes sobre a ponta do bilro para executar o *meio ponto*. Em seguida, puxe alguns metros de fio do novelo e corte-o. Enrole o segundo bilro e faça um meio ponto para prender o fio. Enrolando os bilros em pares você não precisa dar nós, o que é útil acima de tudo quando se tem que unir as duas pontas de uma peça rendada, uma vez que reduz à metade o número de extremidades a serem fixadas (1984: 28).

Coloquei esta informação, de um manual de rendas de bilros que Socorro me mostrou e que eu fotocopiei para trazer no momento da escrita, para mostrar o processo de colocar as linhas nos bilros. O uso do manual, nesta pesquisa, tem o propósito de ajudar na

⁹⁰ Baseio-me em Ingold, no livro, *Being Alive* (2012).

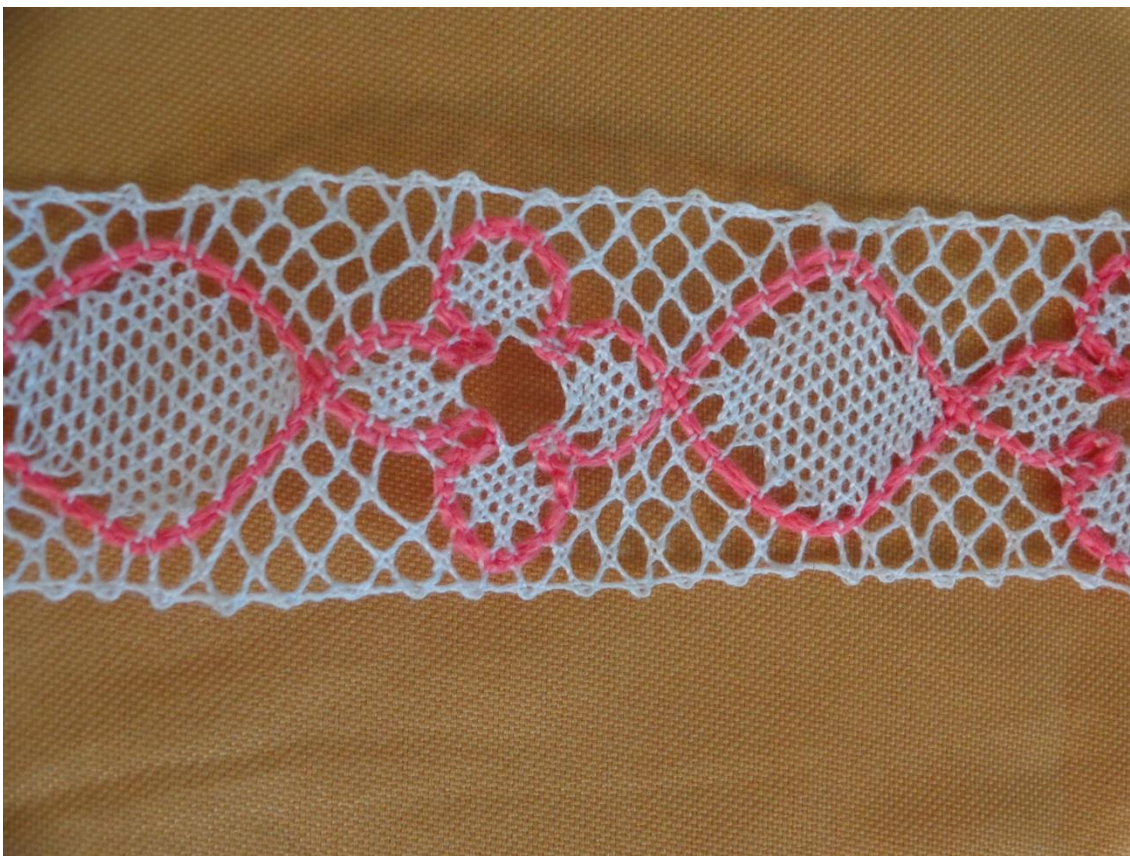
⁹¹ Explicarei mais à frente este ponto da renda.

organização dos movimentos, em descrição, tornando mais inteligível o processo de render. Mas é preciso explicar que seus dados não devem ser equalizados com os dados das rendeiras, pois há variações significativas no modo de fazer de cada processo de aprendizado, isto é, há variações no modo de fazer rendas na Casa das Rendeiras e no aprendizado pelo manual. Embora a técnica tenha semelhanças, por isso meu uso do manual, não pode ser considerada única, sem variações.

Para uma rendeira com prática de ofício isto é feito em quinze minutos aproximadamente, mas, quando eu comecei a render tive muita dificuldade para fazer um “nó” em *meio ponto*, pois, não estava acostumada a manusear os bilros. Percebi já no início do “aprender a render”, ao colocar a linha, minha falta de contato com os materiais da renda.

Feito isso, a rendeira senta-se na cadeira em posição de rendeira; o corpo, assim como todos os outros materiais da renda, é ferramenta importante para a composição do ofício. As rendeiras me explicaram a posição, o modo correto de sentar-se e postar-se na cadeira para que os movimentos do corpo conjuntamente com a almofada, grade, bilros e linha realizem o movimento necessário dos pontos a serem executados para tramar a renda.

Comumente, as renderas posicionam-se com as pernas abertas, pois, a almofada, em cima da grade, fica entre as pernas das rendeiras. Coluna ereta e pés no chão ou na grade da almofada. Os braços e cotovelo devem estar com espaço suficiente para se movimentar, com os bilros, de modo a manter os braços e cotovelo flexionados no movimento da troca de pares dos bilros e esticados ao finalizar um ponto, para que a renda tenha a aparência de “esticada”, isto é, com os pontos bastante delineados. Finalizado o ponto, “mete o alfinete” (na linguagem das rendeiras) para que o ponto não se desfaça até o finalizar da peça.



Apreendi que a beleza da renda está nos detalhes dos pontos que, ao se combinarem em uma peça, são belos por serem diferentes entre si e bem formados. Por exemplo: a beleza de um marcador de livro de renda está nos contornos de cada ponto e na sua diversidade de pontos combinados. Para manter a firmeza dos pontos ao manipular os bilros a postura do corpo é fundamental.

Ingold (2007) descreve os fios de linha do ofício de bordar como exemplo para mostrar como as superfícies são constituídas de linhas e como os traços são gerados nesse processo. O ponto de um bordado é um nó cuja movimentação repetida, pelos fios de algodão da bordadeira formará uma superfície inquebrável. No entanto, a superfície, como vemos em um bordado, “não é o nó em si, mas o espaço tomado por ele” (2007:62)⁹². Associo este exemplo ao ofício de render bilros em que um ponto das rendas é formado

⁹² Tradução minha de: “The surface we perceive, however, is not the knot but the space taken up by it” (INGOLD, 2007: 62).

pelo constante e repetido movimento de trocar bilros, gerando a renda composta de diversos tipos de pontos, em que a própria renda é a superfície inquebrável.

De acordo com o autor, quanto mais apertados estão os nós, mais impenetrável é a sua superfície, o que me lembra do ensinamento das rendeiras para que o ponto fique aparente, dando vida à trama da renda, mostrando, inclusive, as diferenças entre os pontos, ressaltando a beleza da renda em sua variedade de pontos combinados e bem delineados.

Socorro orienta as rendeiras para que fiquem sempre com a coluna reta, para não ter dores nas costas, pois o corpo precisa estar revigorado para render todos os dias e não ser prejudicado. Nesse sentido, Ednaira é constantemente corrigida a respeito de sua postura.

Quando uma rendeira inicia renda na almofada



Primeiramente, é necessário colocar o papelão sobre a almofada, que ficará fixo ao ser preso por alfinetes. Depois de colocado o papelão, enche-se de linha o número de bilros necessários para a renda em questão. Os bilros serão trocados e trabalhados sempre em pares. Mas cada renda tem um número específico de pares de bilros, a depender do ponto que essa renda exige para sua composição. A ponta de cada bilro será enchida de linha, tal qual um “carretel ou retrós” de linha escolhida pela rendeira (é com essa linha, na troca dos bilros, que se formarão os pontos da renda).



As mãos e os bilros tecendo

Os bilros serão fixados ao papelão com alfinetes na almofada, para iniciar o primeiro ponto (os alfinetes sustentam os bilros no primeiro ponto). Após ser feito este ponto, segue-se a troca de bilros de acordo com as características estéticas da renda (os pontos exigidos pela renda para sua composição) e o alfinete continua sendo usado quando

se finaliza um ponto para que ele não se desfaça e a renda fique “esticada” na almofada, o que, segundo as rendeiras, é esteticamente mais bonito. A forma de sentar-se na cadeira e segurar os bilros faz diferença na confecção e na qualidade estética da renda.

Os bilros também precisam ser segurados de modo que a linha, nos mesmos, fique esticada, para que os bilros trabalhem, cruzando, em pares, continuamente. A linha “esticada” permite que os pontos fiquem mais alinhados, uniformes e menores, dando à renda a aparência de um trabalho bastante delicado. Quando a rendeira trabalha com linha fina, os pontos parecem mais delicados ainda e a linha com os bilros é manuseada com um cuidado extra, pois é muito fácil de se romper no movimento do cruzamento dos bilros e, caso isso ocorra, a rendeira torce para que a linha não se quebre muito próxima do ponto de modo que ele não se desfaça. Por esse motivo, as aprendizes de rendeira iniciam suas rendas com linha grossa, até possuírem habilidade e bom manejo dos bilros para fazer uma peça de renda com linha fina.



Renda que é composta por mais de 60 pares de bilros



Os braços, 10 pares de bilros, as linhas e as mãos compoendo a renda

No caso de a linha se quebrar, a agulha de crochê será utilizada para remendar linhas. As agulhas de crochê também são utilizadas para dar acabamento às rendas. Muitas vezes, a linha acaba-se em algum bilro no meio da confecção da renda e a rendeira tem que enchê-lo novamente.

Aprende-se fazendo, ensina-se mostrando

Para falar a respeito de meu aprendizado, na Casa das Rendeiras, no ofício de rendar, assumo a concepção de Ingold (2007), acerca da reflexão sobre o aprendizado de escrever e desenhar fazendo um paralelo com o aprendizado de rendar. Utilizo sua concepção para pensar a habilidade de rendar.

De acordo com Ingold (2007), escrever e desenhar são formas de adquirir habilidade de fazer linhas. Não são atividades naturais, isto é, não são capacidades intrínsecas ao ser humano com um corpo pré-programado⁹³ mas, trata-se de “adquirir uma habilidade” (2007: 147). Para o autor, adquirir a habilidade de “line-making” é como aprender a tocar violino e adquire-se tal habilidade através de crescimento e desenvolvimento no ambiente onde ocorre a transmissão desse saber.

O novato violinista tem que praticar regularmente sob a supervisão de um guia, idealmente desde cedo (em termos de idade) quando seu corpo ainda se desenvolve rapidamente. No curso deste treinamento certos padrões de postura e gesto, de concentração e responsividade, são incorporados ao seu corpo enquanto ele se desenvolve. Dos novatos é esperado que sigam certas regras enquanto aprendem seus primeiros passos. Mas isto está na natureza das regras de manuseio (...). Enquanto o novato vai se tornando proficiente, e não precisa mais do seu apoio, elas podem ser simplesmente descartadas (Ingold, 2007:147)

Com relação aos movimentos das linhas no ofício de render e observando as fotos da página 71 e da página 73, respectivamente, é possível citar Ingold (2007) quando ele diz: “Cada linha é o traço de um delicado gesto da mão que segura o pincel, um gesto inspirado pela observação, do calígrafo, dos movimentos do mundo ao redor dele”⁹⁴ (INGOLD, 2007:131). O autor conta, ainda, que um calígrafo chinês descobriu como sua caneta deveria ser manuseada ao observar o movimento do corpo de um homem remando um barco.

Assim como os movimentos de um homem remando o barco pode inspirar um movimento e modo de usar a caneta para a caligrafia chinesa, as rendas de bilros também exigem uma posição corporal para a técnica usual. É possível notar posições das mãos das rendeiras, segurando e trocando os bilros, nas fotos “fotos de bilros” e “fotos de mais de 10 pares de bilros”.

Na primeira é possível ver a mão da rendeira com a palma levemente erguida, segurando o tucum dos bilros em movimento de composição de um ponto da renda. Na foto da página 71 vê-se uma posição diferente da mão da rendeira, com as palmas para baixo,

⁹³ Nas palavras de Ingold “Não é uma capacidade que, de alguma forma, se instala em todos os seres humanos, indivíduos no processo de sua entrada no mundo” (2007:147).

⁹⁴ Tradução minha de “Every line is the trace of a delicate gesture of the hand that holds the brush, a gesture inspired by the calligrapher’s observation of movements in the world around him” (2007:131).

também segurando os bilros e executando um ponto. A diferença está na exigência de movimentos de cada ponto e da adequação de cada rendeira mediante a tessitura da renda.

Os primeiros pontos da aprendiz

O aprendizado do ofício de rendar me foi transmitido pelas rendeiras da Casa, em especial Francisca, Socorro e Edinalva nos momentos em que cada uma podia.

Sentei-me pela primeira vez para aprender alguns pontos da renda de bilro em minha primeira visita ao campo, em Julho de 2011. Minha estadia no local durou cerca de uma semana, o que me permitiu aprender um ponto, que é, segundo as rendeiras, o ponto mais simples, “o primeiro que se ensina pra principiante” (Socorro), chamado de “espinhaço-de-urubu”, ou mais comumente citado pelas rendeiras, o “meio-trocado”.



O ponto *meio-trocado* sendo feito por mim

Em minha segunda visita ao campo, no ano de 2012, voltei a rendar, com outra almofada que estava disponível, da Casa das Rendeiras. Quem me ensinava pontos da renda era Francisca, mas as outras rendeiras também me ajudavam emprestando linha e outros materiais antes de eu comprar o meu próprio material⁹⁵, algo que fiz durante o tempo em que estive lá.

Comecei novamente com o ponto “meio-trocado”, para lembrar. No início era Francisca quem colocava o papelão, e o número de bilros necessários na almofada e a linha enrolada em cada bilro. O papelão é preso à almofada por alfinetes e os bilros, depois de serem enrolados à linha, são presos por alfinetes no papelão. Após um mês na prática de rendar, comecei a perguntar quantos pares de bilros são necessários em cada ponto que as rendeiras me ensinavam.

Comecei a enrolar os bilros e a aprender o nó dado na linha após o bilro ser cheio, que é comumente chamado de “nó de rendeira”. Mas uma senhora, Dona Mazé, rendeira experiente, que aparecia na Casa para levar suas rendas prontas para vender, tentou me ensinar o que ela disse ser realmente o “nó de rendeira”. O nó de rendeira é feito quando a linha colocada no bilro acaba e é necessário ligar a linha dos pontos já feitos na almofada com a outra linha que será colocada no bilro em questão. Este nó também é feito quando a linha que está no bilro arrebenta, separando-se da linha que está no ponto da renda que está sendo feita.

Os outros pontos que me foram ensinados: “trocado-inteiro”, ponto no qual o número de bilros utilizados é maior do que o “meio-trocado” gerando uma renda com espessura maior; “a traça”, cujo ponto tem o formato de um inseto chamado “traça” e a “camélia”, que tem o formato de uma rosa. Para ter uma camélia é necessário rendar três flores, uma de tamanho pequeno, outra de tamanho médio e outra de tamanho grande, e para finalizar, “o pistilho”, que é o miolo da flor, costurado no meio após serem costuradas as três flores, uma sobre a outra, da maior para a menor (isto é, em ordem decrescente).

⁹⁵ Trouxe para Campinas uma grade, almofada e bilros feitos para mim, além de comprar linha “Camilla” e uma agulha de crochê.



Ponto trocado inteiro



Camélias

As rendeiras, em seu ofício, conversam, riem, gargalham e, às vezes, assistem à televisão, que pertence a Casa. De quando em quando, uma rendeira levanta-se para beber água, esticar as pernas, dar uma volta pela Casa, passa pela minha almofada, olha para a renda que estou fazendo e diz: “olha, já tá saindo”, ou “Ih, essa aí não serve pra ser rendeira, não”. Na maioria das vezes, apenas me perguntam se estou aprendendo e me ajudam.

Ao sentar-me na cadeira para aprender um dos primeiros pontos da renda, percebi que havia uma demanda para trançar os bilros que até então só havia experienciado em minha infância e início da adolescência com minha avó. Olhares atentos ao desenho a ser tramado, olhares atentos aos movimentos dos braços, olhares atento às mãos que precisam adquirir firmeza, porém não rigidez, e flexibilidade para trocar os bilros.

Além disso, é necessário ter os ombros relaxados, algo que aprendi empiricamente, isto é, por tentativas e erros, pois, em meus primeiros dias de rendeira-aprendiz, senti dores

em partes do corpo como ombros e costas. E mediante isso, comecei a observar e perguntar mais, para as rendeiras, a respeito da postura.

Laurinha me alertou que a almofada precisa estar próxima das pernas, de modo que a coxa, parte da perna, encoste na grade dando-lhe firmeza para que a rendeira consiga enxergar cada ponto já trançado com os bilros. Os pés podem estar na grade ou no chão. O importante é que seu corpo tenha firmeza e flexibilidade para acompanhar os movimentos que cada ponto exige. Quanto mais firmeza, mais bem formados ficam os pontos e, quanto mais flexibilidade, mais improvisos são possíveis nos movimentos dos bilros em execução dos pontos.

De acordo com Meneses (2006), Socorro disse:

Temos mais firmeza no que fazemos, até pela experiência que adquirimos com o tempo. Os trabalhos melhoraram muito e temos tido sucesso. Fomos mudando de acordo com as vivências e necessidades e, cada vez mais, adquirindo conhecimento: uma coisa leva a outra (2006:39).

De modo geral, descrevi acima os principais movimentos do corpo, caracterizados como gestuais do render. Mostrarei nessa seção que cada ponto exige a movimentação de um número de pares de bilros, isto é, cada ponto exige a sua habilidade. O que há em comum em todos os pontos é que todos são feitos por pares de bilros. Isto é, a renda sempre terá no mínimo quatro pares de bilros para que haja uma troca de bilros entre eles.

De acordo com Ingold (2007):

a bordadeira (pessoa que borda) não começa com uma única, contínua linha de fios, mas com um conjunto de linhas paralelas a trama delicada e comprida, através da qual outra trama se tece. Se o tecido for só de uma cor, então a peça finalizada aparecerá como uma superfície ininterrupta e homogênea. No entanto, introduzindo trama de diferentes cores (...) olhando a uma certa distância parece com linhas desenhadas no material. Assim, enquanto o tecido é construído através do processo de bordar os fios coloridos da trama gradualmente dão a aparência de um traço sobre sua superfície (2007:62)⁹⁶.

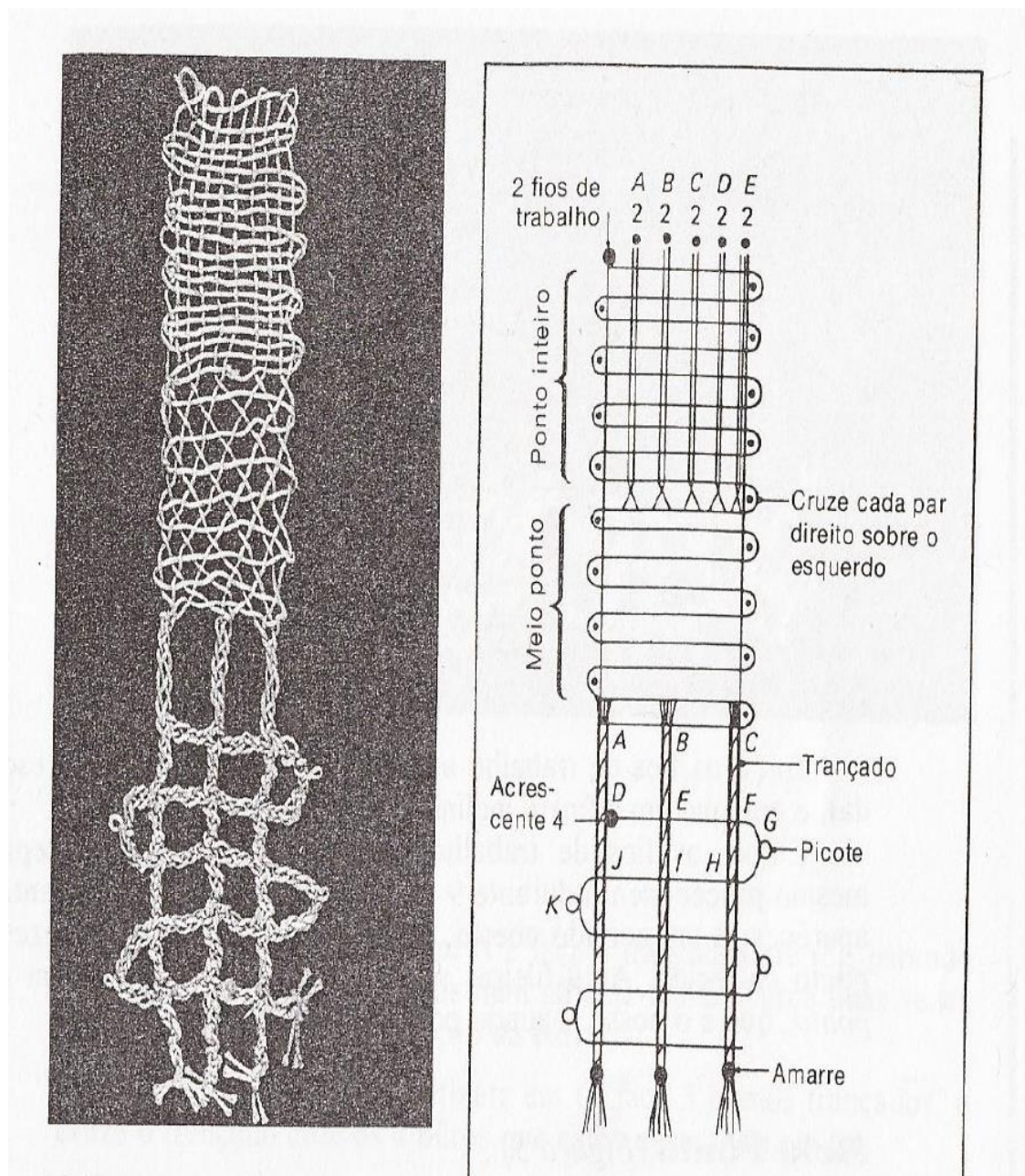
⁹⁶ Tradução minha: “the weaver starts not with a single, continuous line of yarn but with one set of parallel lines, the warp, strung lengthwise, through which another line, the weft, is threaded crosswise, alternately over and under the warp strings. If the weft is all of one colour, then the finished cloth will appear as unbroken, homogeneous surface. However, by introducing wefts of different colours (...) from a distance, these look like lines drawn across the material. Thus as the textile is built up through the process of weaving, the coloured threads of the weft gradually give rise to the appearance of a trace upon its surface”. (Ingold, 2007:62)

A partir do manual que ensina os pontos das rendas de bilros, mostrarei os pontos básicos da renda, em uma esquematização que mostra a direção e alternância dos bilros, tal como os aprendi. Para melhor visualização uso os desenhos esquematizados do manual. Minha intenção nesta seção é mostrar alguns movimentos e pontos das linhas das rendas de bilros⁹⁷.

Eu aprendi, na Casa das Rendeiras, os pontos aqui esquematizados, em três etapas, isto é, aprendi cada ponto separadamente a começar pelo *meio-trocado*. Seguirei os desenhos do manual e começarei pelo trocado inteiro para conseguir melhor visualizar e explicar, pois, quando comecei a aprender a render bilros percebi quão difícil é explicar e conhecer tramas das rendas, em palavras separadas do gestual concreto. Percebi a necessidade, tanto para professora quanto para alunas, de “apontar e tocar” nos materiais da renda, para explicar como se faz, de modo que a aluna entenda os movimentos.

O saber concreto é uma forma de revelar que o conhecimento do render tem o concreto inteligível, isto é, o gesticular das mãos, dos bilros, da almofada e das linhas é formado também pelo aprendizado do toque nos materiais.

⁹⁷ Enfatizo, aqui, que o uso do manual é uma forma de aprendizado que não deve ser equalizada ao modo de render das rendeiras na Casa. Como já dito anteriormente, tem o efeito de me ajudar a mostrar os movimentos das linhas dos bilros. Cada espaço de aprendizado de trocar bilros tem suas particularidades e variações.

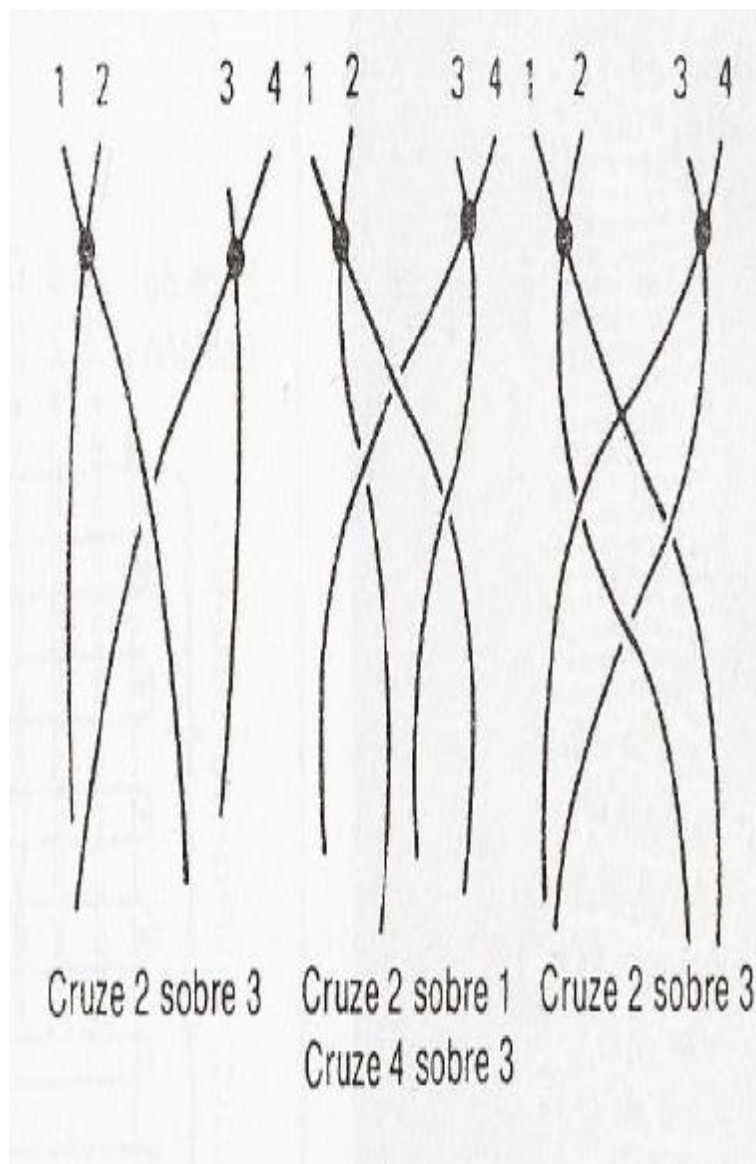


Pontos Básicos

Para começar é necessário enrolar a linha em 16 bilros que correspondem a 8 pares de bilros. Enroladas as linhas formam-se os pares unindo com um nó duas linhas de bilros.

Nas letras A, B, C, D e E do esquema acima, coloca-se um alfinete em cada letra. Este nó é colocado no alfinete, o que sustenta os bilros no papelão. Após a rendeira colocar os bilros nos alfinetes inicia-se a troca dos bilros. Os bilros que, ao trocar, passam sobre os outros são chamados de *ativos* e os bilros *passivos* são os que são passados pelos outros bilros e recebem a troca⁹⁸.

⁹⁸ Aqui é possível ver uma diferença no aprendizado de render pelo manual e no aprendizado na Casa. Os bilros denominados por Dawson (1984), como ativos e passivos são assim nomeados no manual, mas não são assim mencionados na Casa das Rendeiras. Nesta, para ensinar o trespassar das linhas nas trocas dos bilros, a professora mostra os movimentos para a aprendiz. Podem ser mostrados apenas com o apontamento do dedo na direção da renda ou podem ser mostrados pela rendeira professora que segura os bilros da aluna, e, trocando os bilros, mostra como se faz determinado ponto.



Trocado Inteiro

De acordo com a figura, a troca dos bilros começa entre 2 e 3, no seguinte movimento: pega-se a linha 2 e coloque-a sobre. A linha 2 passará sobre 3 e, em seguida, a linha 2 sobre 1, linha 4 sobre 3 e 2 sobre 3. Esta é a passada completa do ponto inteiro. Esse movimento se repetirá até os bilros terem cruzado todo desenho formando a trama.

Para a troca ou cruzamento dos bilros, movimentam-se dedos, mãos, braços e cotovelo diretamente, pois as mãos seguram o tucum dos bilros em cada espaço entre os dedos de modo que, os bilros, ao serem trocados são também trocados de espaço entre os dedos, movimentando-se com as mãos o tucum dos bilros. É necessário firmeza nas mãos,

para segurá-los, de modo que eles não caiam da mão, (de modo a “bagunçar” as linhas do ponto em formação) e flexibilidade nos dedos, mãos e cotovelo para que sejam trocados.

Terminada uma passada completa, é necessário o movimento de torcer as linhas uma vez, no sentido da direita sobre a esquerda, e coloca-se um alfinete de modo a não ficar muito apertado, pois esta é apenas a primeira passada do ponto que será fechada na segunda troca dos bilros, na segunda passada completa, e aí o alfinete é apertado sendo considerado um ponto inteiro.

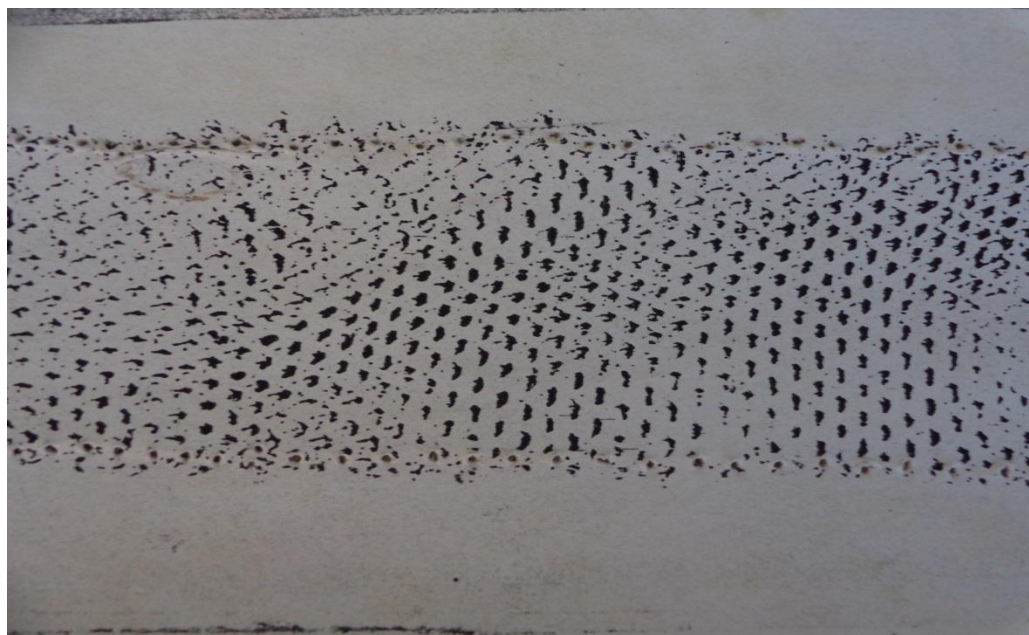




Foto do meu primeiro ponto inteiro e molde

Ao terminar o molde do ponto inteiro, passa-se ao meio ponto, assim chamado porque tem como referência o ponto inteiro, pois, no ponto inteiro fazemos quatro movimentos para uma passada completa e, no meio ponto, são três movimentos para uma passada completa.

Com a mesma quantidade de bilros, trabalhando sempre em pares, faz-se o cruzamento de cada par direito sobre o par esquerdo, para começar.



Meio Trocado

Cruzadas as linhas dos pares de bilros, deve-se passar o 3 sobre o 2, o 2 sobre o 1, o 4 sobre o 3 e deixar o primeiro par de bilros em um alfinete na almofada, para que o outro par de bilros seja trocado com outros, de modo que nenhum par de bilros fique sem trocar. O cruzamento dos bilros prossegue até a extremidade direita, que é a primeira passada.

Feita a primeira passada torcem-se os bilros que estão nas mãos e coloca-se um alfinete para marcar o ponto que se forma e deve ser fechado. É por isso que ocorre a torcida de bilros, para que se feche o ponto, neste caso. E segue-se a mesma sequência retornando à extremidade esquerda, de onde se começou, até acabar o molde desejado.

O terceiro ponto é um dos mais usados em peças de rendas de bilros, além dos pontos meio trocado e trocado inteiro. Ponto trançado ou trança traz em sua nomenclatura a imagem do ponto: um tecido trançado ou uma trança feita no cabelo. Trançado porque o principal movimento dos bilros para esse ponto é o trançado, trançar os bilros. Do mesmo modo, quando se está executando o ponto, seus movimentos lembram o gestual “de fazer” uma trança.

Para esse ponto é necessário visualizar as instruções no molde 1, tal como fizemos com os outros dois pontos. Com os quatro bilros colocados em A (2 pares de bilros colocados), deve-se executar três passadas completas, tal como fizemos no ponto inteiro (uma passada completa, isto é, “pegue o fio 2 e coloque sobre 3, passe 2 sobre 1, 4 sobre 3 e 2 sobre 3” (DAWSON, 1984: 29). Somente com os 4 bilros de A.

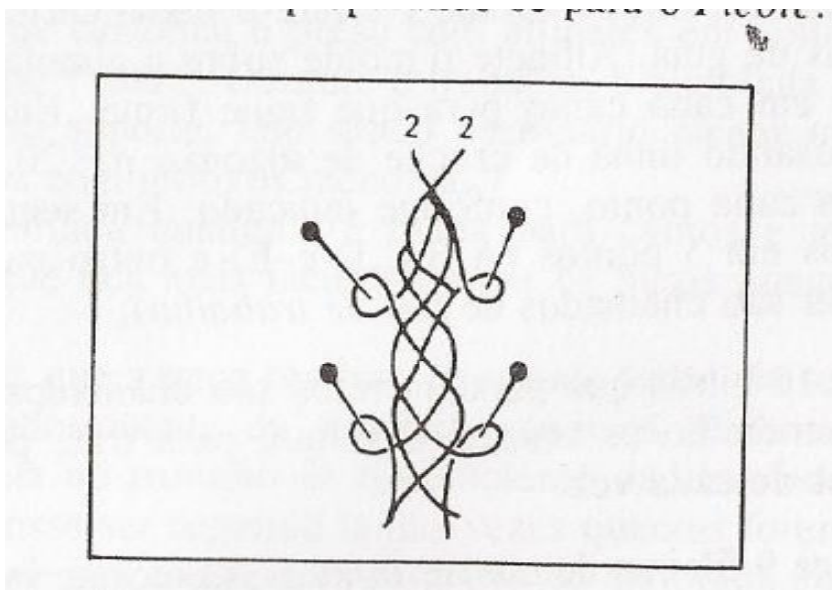
Feito isto, deve-se colocar mais 2 pares de bilros no ponto D, os fios do trançado que percorrerão B e C, tal como mostra o trânsito da renda no molde. Ainda, faz-se um ponto inteiro com estes 4 pares de bilros e o movimento de 3 trançados até E. Use os 3 trançados fazendo 1 meio ponto, coloque um alfinete para fechar (passando 2 sobre 3). E segue-se da mesma forma até F.

A partir de F, com 4 linhas de trançado “faça 4 pontos trançados, coloque um alfinete em G, pegue o bilro que estiver mais à esquerda” (DAWSON, 1984:32) e enrole a linha sobre o alfinete preparando-se para uma dobra de linha denominada *Picote*. Deve-se seguir executando pontos trançados, trabalhando sobre os três bilros que são trocados (são os bilros passivos).

Seguem-se os traçados dos bilros, em movimentos particulares e específicos de cada ponto para concluir o molde, e, depois, trança-se 4 vezes sobre esses três bilros *passivos*. Feito isso, cortam-se as linhas e deve-se dar três nós nas mesmas para que a renda não se desfaça. Este é o procedimento quando se termina a quantidade de pontos necessários para a trama da peça que está sendo confeccionada.

Em meu aprendizado, não havia o nome dos bilros, passivos e ativos⁹⁹. Na Casa os pontos passivos eram chamados de “aqueles que não passam por cima, os que são passados”. Desta forma, as rendeiras me apontavam os bilros sobre os quais estavam falando e, por vezes eu entendia, outras vezes só visualizava os pontos quando uma rendeira me mostrava os movimentos dos bilros em suas mãos.

⁹⁹ Denominações do manual de renda de Bilros, Amy Dawson, 1977.



trançado/trança

Olhando para as formas das linhas, nos modelos desenhados, o primeiro com os três pontos e os outros modelos cada um com um ponto, é possível perceber que essas linhas, em suas trocas de bilros, formam tramas das mais diversas formas, seguindo direções em zigue-zague, direções essas conduzidas pelas rendeiras e os materiais do ofício de rendar.

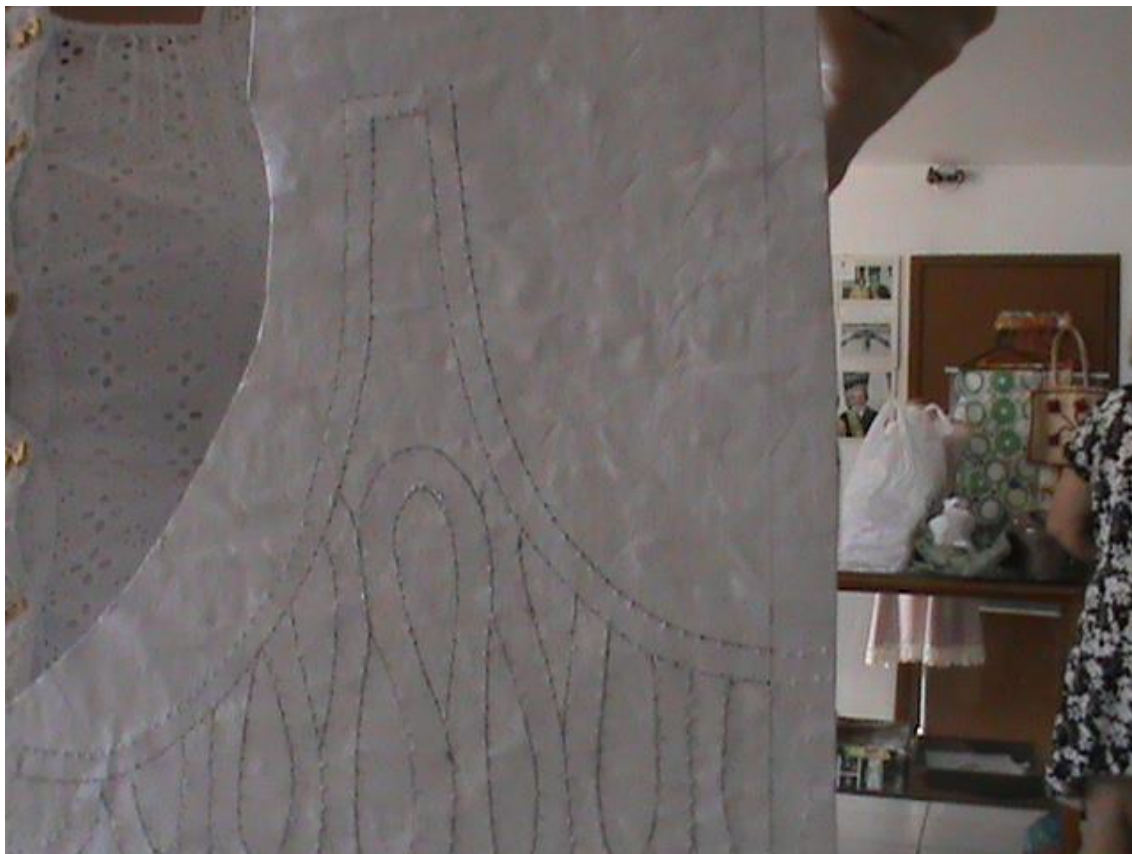
Os desenhos elaborados por Socorro

A presidente, diferentemente das outras rendeiras que tem filhos pequenos ou netos para criar, pode se dedicar exclusivamente ao ofício de rendar e às tarefas de presidente, tendo mais tempo para se dedicar a todos os processos que envolvem o ofício como, por exemplo, a administração da Casa.

Socorro tem dois filhos, já crescidos e independentes e mora apenas com o marido. Sua função diária na casa é cozinhar almoço para o marido. Seu cotidiano mostra-a uma mulher que dedica sua vida à atividade de rendar, tendo para com o ofício muito carinho e criatividade para fazer desenhos de rendas e experimentar novos modelos e tecidos para vender. Socorro tem melhor condição financeira que as outras rendeiras, atualmente.

Perguntei para Socorro como é o processo de criação:

“Ah, eu faço em casa mesmo, dou uma olhada nas revistas os modelos que eu acho bonito e vou tentando fazer na renda. Tem uns que ficam bons, outros eu nem trago pra cá (para a Casa) porque não fica bom, não. Eu queria que as outras rendeiras aprendessem a fazer o desenho, mas elas não querem. Quando a Leila¹⁰⁰ fazia renda aqui ela desenhava também, me ajudava. Porque como que vai ser quando eu não estiver mais aqui? Não vai ter como continuar desse jeito”.



Encontrei no trabalho de Meneses (2006) uma referência comum a respeito das rendas de bilros. É um livro a respeito da coleção de rendas do Museu Arthur Ramos em Fortaleza. Neste trabalho, Girão (1984) mostra-nos diversas imagens de rendas de bilros, coletadas pelo Brasil e outros países¹⁰¹. E ao examinar o livro, eu e Meneses tivemos impressões parecidas, como, por exemplo, o fato de que na seção destinada às rendas do Piauí, há muito poucas fotos de exemplares de motivos de rendas de bilros, algo que,

¹⁰⁰ Leila não renda mais na Casa das Rendeiras depois de ter ficado grávida de sua segunda filha.

¹⁰¹ Rendas brasileiras de: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Pará e rendas estrangeiras de: China, França, Espanha, Portugal, Itália. (GIRÃO, 1984: 21).

atualmente¹⁰², não procede nos Morros, pois é possível ver grande variedade de motivos de rendas encontrados nas peças da Casa.

Além disso, com referência às peças que eu e Meneses encontramos na Casa, podemos dizer que, ao compararmos as imagens do livro com as rendas confeccionadas atualmente, há similaridades com modelos vindos de outros estados e países.

Meneses conta que levou este livro para as rendeiras da Casa e elas também reconhecerem alguns dos desenhos do livro. Aproveitaram para copiar imagens para usá-las como referência em confecções de peças, posteriormente. Meneses ressalta que “esta pode ser uma técnica de reaver modelos que se perderam com tempo” (2006:14). E Meneses (2006), artista plástica, conta que se ofereceu para ajudar a confecção de moldes para algumas peças:

um molde de blusa que necessitava ser aumentado; outros, também de blusa, que deviam ser reproduzidos e alguns modelos para fazer palas que haviam encolhido três centímetros após o tingimento e deveriam ser aumentadas na proporção que encolheram (2006:15).

Primeiramente, é necessário observar que os dados acima, a respeito das rendas de outros estados e países demonstram e são mais um exemplo da circulação das rendas de bilros, movimentando-se em diversos espaços e assumindo reconfigurações e novos¹⁰³ usos, durante sua circulação.

A prática de confeccionar e reproduzir moldes de rendas a partir da ideia de outras pessoas (Meneses, 2006), mostra como as rendeiras da Casa são “abertas” para aceitar ajuda, sugestões e formas outras de aprendizado da renda, como, por exemplo, de um livro e não somente do aprendizado oral, que é bastante usado na Casa quando as rendeiras ensinam aprendizes, como eu, a render.

As estudantes e pesquisadoras de moda, da cidade de São Paulo¹⁰⁴, deixaram para a Casa um maço de folhas em que organizaram e sistematizaram a produção de cada renda caracterizando-as com o nome de cada rendeira que fez a renda, o material e os pontos

¹⁰² Atualmente me refiro a 2006, quando Meneses escreve sua pesquisa e a mim, com pesquisa de campo em 2011 e 2012.

¹⁰³ Novos no sentido de não usados habitualmente no local.

¹⁰⁴ Serão mencionadas mais à frente.

usados na peça e o tempo dedicado a cada peça. Um trabalho de conhecimento da história de cada peça e de sistematização do ofício de rendar.

De acordo com Socorro e Laurinha, a Casa das Rendeiras recebeu, além das estudantes de moda, algumas holandesas que frequentaram a Casa por três meses. Com a visita das três holandesas, houve troca de conhecimento do aprendizado das rendas e a diversificação de peças em rendas de bilro. Por exemplo, o colar de estrelas¹⁰⁵ começou a ser confeccionado na Casa porque as rendeiras holandesas apresentaram às rendeiras da Casa o desenho do colar para renda de bilros.

Anteriormente à visita das holandesas as únicas rendas de bilro feitas na Casa eram as rendas de bico, isto é, as rendas feitas em metro das mais diversas espessuras, que eram costuradas nas bordas de tolhas de mesa e panos de prato de algodão. Essas rendas eram vendidas em metros e seus pontos são os pontos mais antigos feitos na Casa das Rendeiras.

Diferentemente das rendas em metro, há também a confecção e venda de rendas em peças, como por exemplo, um colete inteiro de renda. As rendas de bico também são peças de renda, mas não são assim chamadas pelas rendeiras. São diferenciadas por rendas de bico e peça.

Um passeio pelo tempo: entre fotos, caixa e cadernos guardados

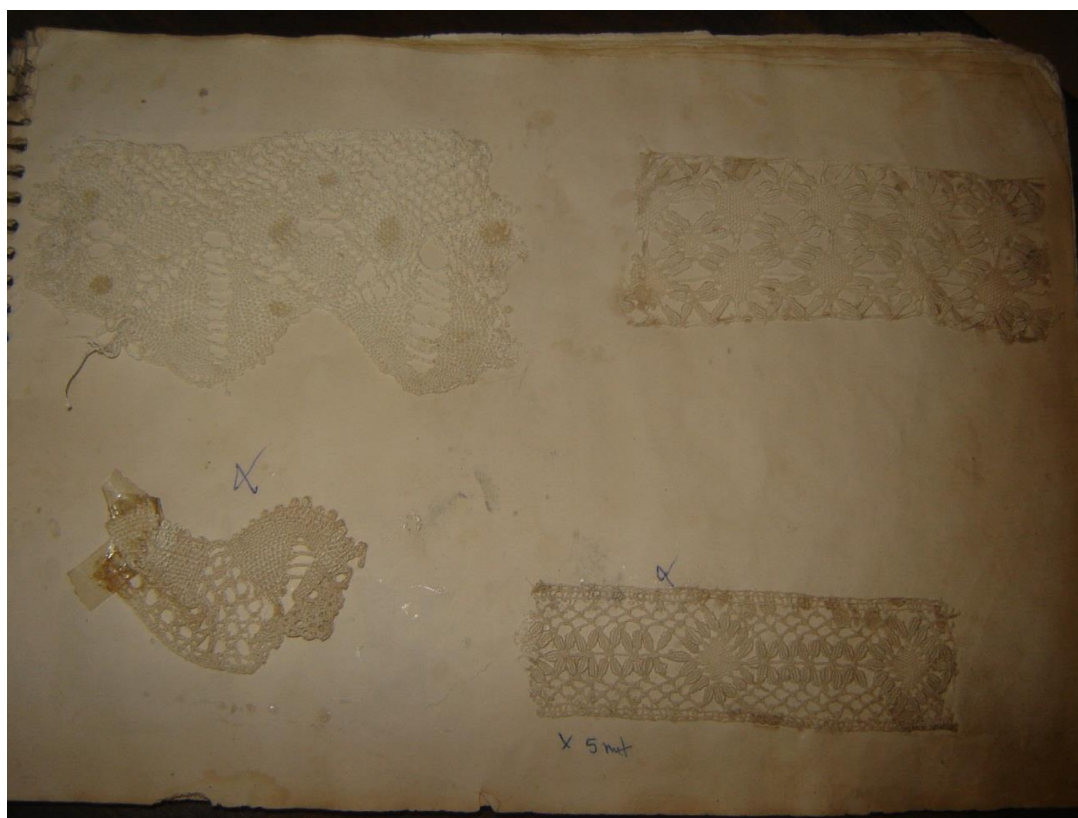
Existem pontos de rendas de bilro que são feitos há mais de cem anos, pontos estes que foram ensinados a algumas rendeiras da Casa por suas avós, mães, tias e amigas. Soube por Socorro que alguns desses pontos não são mais feitos porque nenhuma rendeira viva da região sabe fazer. Esses pontos dizem respeito a antigas rendeiras que faleceram e não puderam, de alguma forma, transmitir sua técnica.

Socorro costuma levar e trazer de sua casa uma caixa de papelão, no formato de uma caixa de sapato, que contém aproximadamente trinta amostras de rendas, soltas dela. Estas rendas, em cor branca e marrom claro também apresentam “manchadas”, quero dizer, escurcidas pelo tempo. Como Socorro é a criadora dos desenhos, baseados em pontos da

¹⁰⁵ Serão mostrados na seção “As rendas prontas na Casa ou As peças” .

renda já executados pelas gerações anteriores, carrega consigo a caixa de amostras, que, de acordo com ela, a inspiram a criar tal como o caderno de amostras de rendas, cujas amostras faziam parte desta caixa.

Encontrei, entre fotos e papéis guardados em um armário na sala do piso inferior da Casa das Rendeiras, um caderno de desenho em que estavam coladas, em cada folha, uma amostra em tecido, de pontos de rendas, isto é, pedaços de rendas de bilro com diversos pontos. Tais pedaços de renda serviam como amostras de renda, coladas no caderno, com o preço. E revelavam pontos de antepassadas das rendeiras. As amostras eram dispostas de vários modos, algumas folhas contendo apenas uma e outras folhas contendo várias delas.



A cor das amostras é o branco, escurecido pelo tempo. O preço inscrito no papel, ao lado da amostra de cada renda, é em Cruzeiros. O caderno não é mais utilizado, atualmente, como informante dos preços das rendas e encontra-se levemente empoeirado. Hoje em dia este caderno fica guardado no armário, com outras fotos, reportagens de jornal e

documentos relacionados a Casa. Na seção “Etnografia Visual”, mostrarei de modo mais detalhado as amostras do caderno de rendas.

Metodologia para abordar o render

De acordo com Ingold (2007), “todas as coisas são um parlamento de linhas. O que espero estabelecer (...) é que estudar pessoas e coisas é estudar as linhas de que são feitas¹⁰⁶”(2007:5). Minha intenção é pesquisar sobre as linhas que compõem as relações de rendas e rendeiras, sob a perspectiva de Ingold (2007) sobre o ofício de bordar. É possível pensar o render e o bordar, como, linhas feitas e organizadas do mesmo modo. Pela técnica do render e do bordar ocorre a transformação “de linhas em traços na constituição da superfície” (2002: 61).¹⁰⁷

De acordo com Ingold (2007), a própria etimologia da palavra *line* é um exemplo da transformação de fios em traços e sinais. Ingold cita o dicionário de Johnson Samuel, referindo-se à palavra *line*, e um de seus significados é *Lint*. *Lint* é derivado do latim, *linea* e significa “a thread made from flax” (2002:61), isto é, um fio feito de linho. Se a linha começa com um fio ao invés de um traço então o texto começa como um meshwork entrelaçamento de fios ao invés de traços inscritos. O verbo *weaven* in Latin é *texere* que é derivado da palavra *textile*, isto é, tecido.

De acordo com Ingold:

Como a pequena incursão na etimologia derivada de linha (*line*) e tecido (*tissue*) sugere, é talvez costurando e tecendo que nós encontramos os mais óbvios exemplos de como as superfícies são constituídas de fios, e como os traços são gerados no processo. (2007: 61)¹⁰⁸.

Ingold (2012) também propõe, a partir da ideia de malha (*meshwork*)¹⁰⁹, analisar as coisas em seus processos de formação e não em seu produto final, mostrando como as

¹⁰⁶ Tradução minha: “Every thing is a parliament of lines What I hope to establish, in this book, is that to study both people and things is to study the lines they are made of” (2007:5)

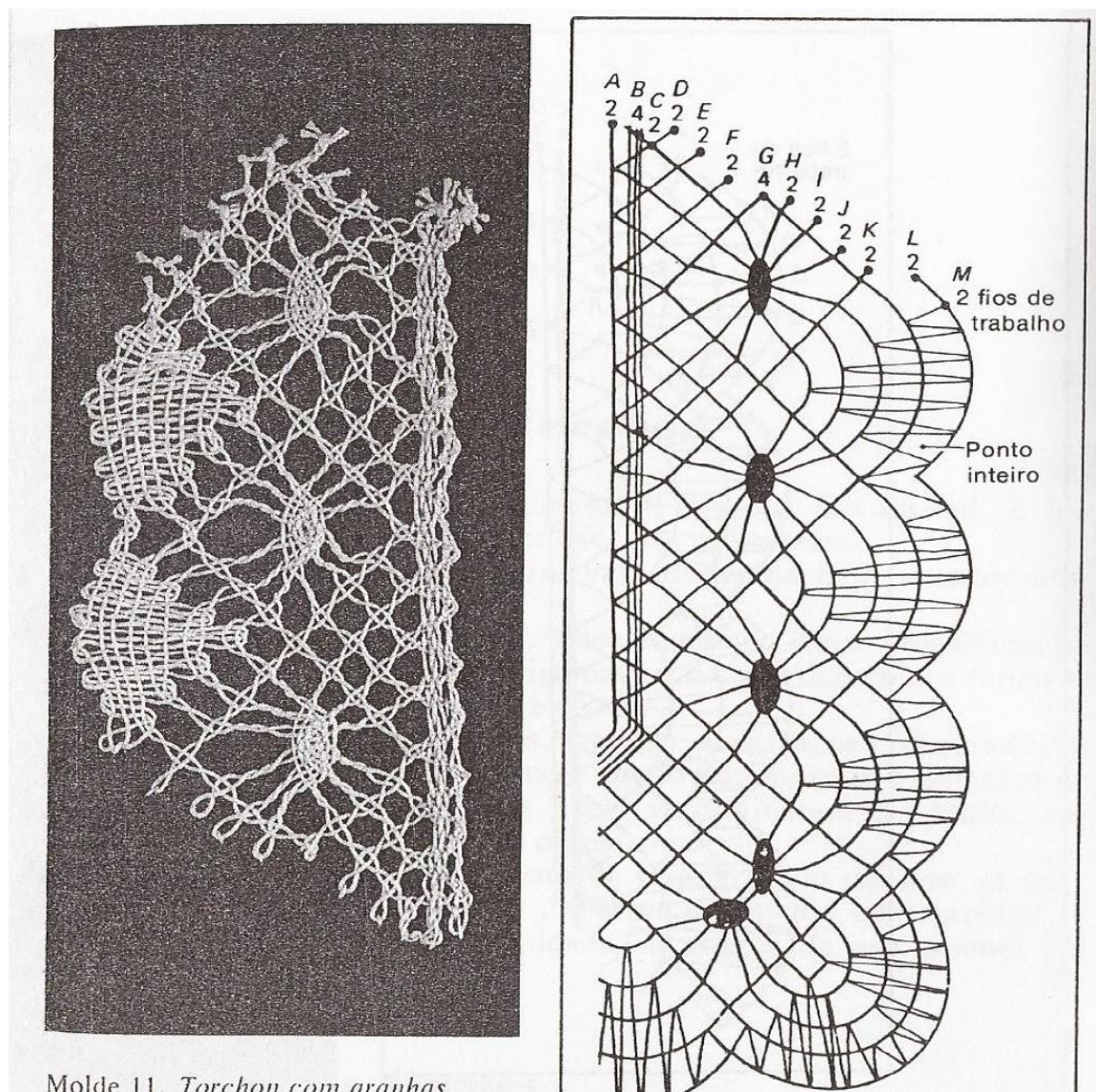
¹⁰⁷ Tradução minha de: “that of threads into traces in the constitution of surfaces” (INGOLD, 2007: 61).

¹⁰⁸ Traduzido de: “As our little incursion into the etymological derivation of line and tissue suggests, it is perhaps in stitching and weaving that we find the most obvious examples of how surfaces are constituted from threads, and how traces are generated in the process” (INGOLD, 2007:61).

¹⁰⁹ Ingold inspira-se em Heidegger e Deleuze para propor a ideia de malha.

coisas dão forma à vida. Segundo o autor, devemos conhecer estas formas em processo, buscando investigar a materialidade dessas formas como fluxos de materiais que traçam caminhos através dos quais “a forma é gerada (...) e o movimento por esses caminhos é criativo” (Ingold, 2012:27).

Criativo deve ser entendido aqui como “uma reunião improvisada com processos formativos” (2012) que são dados pelas práticas de formas improvisadas e se desenrolam em linhas “ao longo das quais as coisas são continuamente formadas” (2012). Isto é a ideia de malha (meshwork), ou seja, “um emaranhado de coisas, ou, uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento” (Ingold, 2012:27).



Molde 11. *Torchon com aranhas*

Ponto aranha

Assim, para utilizar o exemplo de Ingold, tal como uma teia de aranha¹¹⁰:

os fios de uma teia de aranha (...) são tecidos a partir de materiais exsudados pelo corpo da aranha e são dispostos segundo seus movimentos. Nesse sentido, eles são extensões do próprio ser da aranha à medida que ela vai trilhando o ambiente. Eles são linhas ao longo das quais a aranha vive, e

¹¹⁰Ingold diferencia sua noção de malha da noção de rede tal como formulada por Latour, um dos criadores da teoria ator-rede. Para Ingold, a palavra *réseaur*, do francês, que foi interpretada por Latour como “rede”, pode ser também pensada como “tecer” e isto cria diferenças entre as duas propostas. Para uma proposta de rede, as linhas criam conexões, para a proposta de malha, as linhas não criam conexões e interações, mas sim possibilidade de interação. As linhas de uma malha e a evidência da vida dos materiais não se dão por conexões, mas sim por meio da imersão nas circulações fluída destas linhas. É preciso percorrer essas linhas para encontrar a vida das coisas.

conduzem sua percepção e ação no mundo¹¹¹ (...) “Assim como a aranha, as vidas das coisas geralmente se estendem ao longo de, não uma, mas de múltiplas linhas, enredadas no centro, mas deixando para trás inúmeras “pontas soltas” nas periferias. (Ingold, 2012: 40-41)

A partir da imagem da teia de aranha, penso utilizar a noção de malha para investigar a circulação das rendas de bilro, que tem como pressuposto que, nesta circulação, as rendas e rendeiras compõem as vidas umas das outras.

Embora as linhas que compõem os pontos de tecitura¹¹² das rendas de bilros não sejam parte integrante do corpo das rendeiras, podem ser pensadas como extensões das rendeiras e seus materiais, quando estão em ofício de rendar. Tal como a habilidosa aranha, as rendeiras, com o hábil manuseio das mãos e dos bilros, que enrolam as linhas em movimento, formarão a tecitura de uma renda. Neste sentido, as linhas, enroladas nos bilros, são extensões das rendeiras¹¹³.

É na circulação e análise dos movimentos, compostos de fluidez, da Casa das Rendeiras, em Morros de Mariana que temos uma pista possível para investigar a vida dos materiais. Podemos pensar neste espaço como uma ponta solta, como periferia que pode ser seguida e conhecida como uma trama.

Há, a meu ver, um universo de relações ao longo das rendas e rendeiras que, se investigadas, podem nos mostrar as diversas vidas dos materiais e podem também nos mostrar a vida destas rendeiras que constituem suas vidas ao longo do tecer. Um aspecto

¹¹¹ Inspirado em Deleuze e Guattari, Ingold (2012) afirma que, “embora o valor da teia para a aranha esteja no fato de ela capturar moscas, o fio da teia não liga a aranha à mosca (...) Esperando no centro de sua teia, a aranha registra que uma mosca aterrisou em algum lugar nas margens externas quando ela envia vibrações através dos fios que são captados por suas pernas finas e supersensíveis. Ela pode então correr através dos fios da teia para reivindicar sua presa. Assim, as linhas-fios da teia colocam as condições de possibilidade para que a aranha interaja com a mosca. Mas elas não são, em si, linhas de interação. Se essas linhas são relações, então elas são relações não *entre*, mas *ao longo de*”. (Ingold, 2012: 41)

¹¹² Uso tecitura como: *sf(tecer+ura²)* - Conjunto dos fios que se cruzam com a urdidura. Retirado de: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=tecitura>

¹¹³ Utilizarei também Marcel Mauss (“Ensaio sobre a dádiva”). Nessa obra, o autor busca investigar a vida dos trobriandeses, a partir da circulação de braceletes e colares, durante o Kula, mostrando a importância de analisar essas coisas como extensão das pessoas que circulam esses materiais. E, para tanto, não posso deixar de citar Malinowski, em “Os argonautas do Pacífico”. Neste livro, o autor se propõe a investigar etnograficamente a circulação do Kula. Este livro é anterior ao de Mauss e tem contribuição relevante ao trabalho de Mauss. Portanto, a obra “Os argonautas do Pacífico” também tem grande relevância para a minha proposta de pesquisa e deverá ser consultada.

importante de investigação do universo das rendas e rendeiras é a socialidade na Casa das Rendeiras.

Parte 3

Interação – Socialidade

Interação entre as rendeiras na Casa

Observar a interação entre as rendeiras em ofício é imergir em uma amplidão de relações e situações, uma vez que a Casa das Rendeiras é um espaço em que entram pessoas, diariamente¹¹⁴, das mais diversas idades e regiões do país. Observar a interação entre as rendeiras é também imergir em um espaço de rotina das rendeiras¹¹⁵.

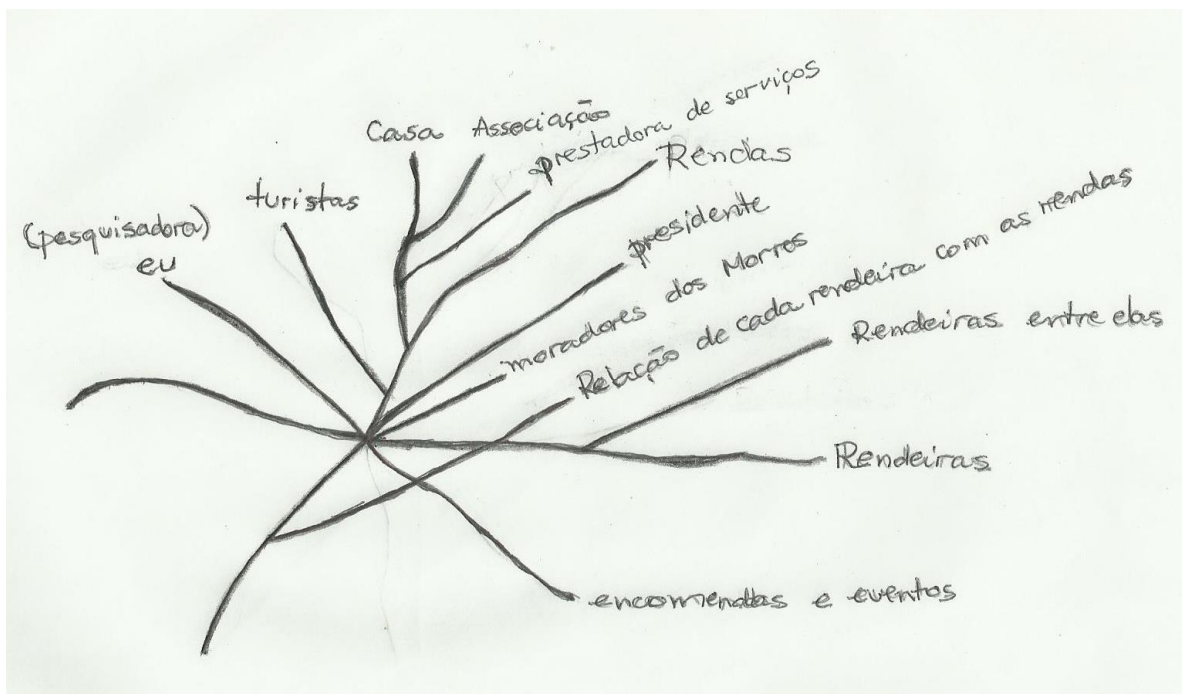
Assim, é necessário considerar que existe no espaço da Casa uma diversidade de relações que se constituem entre as rendeiras enquanto “rendeiras” da “Casa das Rendeiras” e os turistas. Isto é, “rendeiras” enquanto um termo genérico, pelo qual as mulheres da Casa são conhecidas pelos turistas. Constituem-se entre a presidente da Associação e as rendeiras e dessas para com os turistas. A relação entre rendeiras e rendeiras, entre outras, conjuga importantes informações a respeito da relação rendas e rendeiras, na Casa, diariamente.

Seguindo a proposta de Ingold (2012), mencionada na página 88, faço aqui um esboço de um *meshwork* da relação das rendas e rendeiras. Logo após o *meshwork*, explico, brevemente, essas linhas em movimento e sigo com a descrição e análise, em palavras¹¹⁶, das relações demonstradas no desenho.

¹¹⁴ Ao menos pelo tempo em que fiquei alojada neste espaço.

¹¹⁵ Há a configuração de uma estrutura formada por uma rotina no lugar.

¹¹⁶ Com isso quero dizer que continuarei a análise das diversas relações das rendas e rendeiras em palavras.



Este desenho é uma experimentação em minha pesquisa. Um *meshwork*, tal como Ingold (2012) propôs, possibilita mostrar que as coisas são reveladas em seus processos de formação, nesse sentido, as coisas dão forma à vida. A formação das coisas se desenrola em linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas.

Assim, esbocei no desenho as principais linhas, isto é, as relações que apreendi e busco mostrar nesta pesquisa. O centro, encontro de linhas, de onde as relações se formam é a relação rendas e rendeiras. Temos então a linha da Casa que, passando por esse centro, é pensada em três dimensões: a associação, a prestadora de serviços via cursos e as rendeiras enquanto espaço de socialidade.

Há também a linha dos turistas que constitui a relação da Casa com os turistas, além das encomendas, vendas e eventos. Prosseguindo o circuito da relação rendas e rendeiras, temos as outras diversas linhas: relação rendeiras e pesquisadora, rendeiras e moradores dos Morros e, ao redor, rendeiras e presidente da associação, relação das rendeiras entre si e a relação de cada uma delas com a renda de bilros. O tempo movimenta-se por todas essas linhas.

É necessário enfatizar que essas linhas prosseguem circulando, podendo formar outras diversas relações. No caso de minha pesquisa, o centro é a relação rendas e rendeiras, mas as relações estão em constante formação.

Relações entre as rendeiras e eu-pesquisadora

Quando cheguei pela primeira vez na Casa das Rendeiras, nos Morros, eram dez horas da manhã, um dia de Julho de 2011. Estava na Casa uma rendeira chamada Neili conversando com uma moça que aparentava a idade aproximada de 25 anos e olhava a almofada de Neili. Era a rendeira Leila.

Ao entrar na Casa, Neili me cumprimentou e eu fiz uma breve visita ao local. Olhei as rendas expostas para venda e a Casa, num olhar rápido e geral. Então me apresentei para as duas mulheres dizendo meu nome e o local de onde eu vinha. Conte também que estava pesquisando a respeito das rendas de bilros da Casa das Rendeiras que havia visto em uma reportagem de revista. E perguntei se elas me permitiriam fazer uma pesquisa no local. Disse que pesquisava enquanto estudante de Ciências Sociais, mais especificamente de Antropologia em uma faculdade de Campinas e Neili me disse que eu poderia fazer a pesquisa, mas deveria esperar para falar com a presidente da associação.

Alguns minutos depois, chegou uma mulher a quem Neili chamou de Socorro, e me apresentou dizendo que eu era pesquisadora de SP e que, precisava falar com ela. Socorro me cumprimentou rapidamente e colocou algumas rendas e papéis no balcão da Casa, onde estavam expostas as rendas para venda. Esperei-a terminar de escrever em um pequeno papel os preços das rendas e amarrá-los às rendas. E lhe disse meu nome e o que havia dito à Neili. Socorro me olhou fixamente e disse:

- Vixi... isso aqui tem muita história pra contar, não é rápido, não.
- Não estou com pressa, respondi.

Ela tornou a me olhar, agora com um sorriso no canto da boca e disse:

- Então, tá bom... seja bem vinda!

No mesmo dia na Casa, no período da tarde, estavam várias mulheres sentadas em roda, cada uma com uma almofada, rendando. Socorro estava entre elas e me apresentou

como “mulherada, essa é a Carolina, ela veio de SP pra estudar a Casa e as rendas”. As rendeiras me olharam, algumas me cumprimentaram dizendo “oi”. Outras, com olhares tímidos e curiosos, pareciam dizer-me que estavam me conhecendo com o olhar. E esta foi a primeira vez que anotei em meu caderno “o olhar de cada uma”.

A rendeira Francisca me convidou para sentar e conversar, dizendo-me que várias estudantes foram para lá estudar com elas, e, a partir de então, me contaram a respeito da visita de estudantes ao local. Uns dias depois, eu estava sentada entre as rendeiras, com uma almofada, recebendo minhas primeiras lições do primeiro ponto nas técnicas de render.

A primeira vez, entre as inúmeras, que as rendeiras me apresentaram aos turistas, foi Socorro quem o fez: “Olha, essa menina veio de SP para pesquisar rendas e aprender com a gente alguns pontos. Ela veio de longe pra pesquisar a gente”. Em outros momentos, outras rendeiras me apresentavam, do mesmo modo, aos outros turistas.

Eu era “*a pesquisadora que veio de SP estudar e render com a gente*”. Este nome que me explicava para os turistas parece ter se tornado o “cartão de visita” da Casa. As rendeiras, a começar por Socorro, valorizavam ou expressavam o valor de seu ofício para os turistas, ao dizerem que eu tinha vindo de muito longe para os Morros para aprender e pesquisar com elas. Sabiam que os termos “pesquisadora” e “SP” carregavam valor simbólico ao lugar, pois expressavam diariamente seu apreço por novelas, roupas e eventos de SP. Um destes eventos “veio até elas” e levou-as para o desfile Fashion Week, encabeçado por Walter Rodrigues, de São Paulo.

Mas é necessário esclarecer que todas as rendeiras tornaram possível uma relação comigo a seu tempo, isto é, passei a frequentar a “Casa das Rendeiras” diariamente, estando presente nos mesmos horários que elas, buscando contato intenso com a mesma rotina das rendeiras na Casa. Sentava-me na cadeira, tinha uma almofada e me comportava como uma aprendiz de rendeira. E nessa rotina pude me tornar mais próxima de cada rendeira, participando das conversas da roda, isto é, quando todas participavam de uma mesma conversa e também buscando contato com cada uma. Aos poucos, comecei a sentar no chão, ao lado de cada rendeira e sentindo-me à vontade para mudar a posição de minha cadeira ou andar pela casa olhando as rendas que estavam sendo feitas em cada almofada, perguntando a cada uma sobre o ofício.

No dia a dia eu era, para as rendeiras, a “Carol, Carolina”, por vezes “Catarina” (Socorro constantemente se confundia e me chamava de “Catarina”, pois dizia que eu tinha “cara de Catarina”). Ou ainda: “Gabi”. “Gabi” era o apelido de “Gabriela”, uma estudante de moda da cidade de São Paulo que, juntamente com duas outras pesquisadoras, ficou alguns meses no Morro aprendendo sobre rendas de bilros. Seu trabalho focalizava-se na área de design e moda e Socorro me mostrou um maço com mais de cem folhas que as estudantes tinham deixado em que estavam sistematizadas cada peça de renda de bilro confeccionada na Casa com as características que lhe eram próprias.

As rendeiras diziam que eu “lembrava muito a Gabi”, em seus trejeitos e aparência física:

ela era assim do seu jeitinho: baixa, magrinha e ficava conversando com a gente, como você, ela era a mais interessada em rendas das três. Era curiosa e queria aprender as coisas, com calma, assim como você. Ela se enturmava com a gente. Ria também quando errava e às vezes ficava preocupada de errar também, como você.

Neste trecho citado, a partir de minha vivência com “as rendeiras”, pude perceber que as rendeiras falavam a respeito de mim ao mesmo tempo em que falavam sobre Gabi, quero dizer, trazendo uma para falar de outra. Uma forma de dizer para mim, sobre mim e comigo, a Gabi, ativando a memória¹¹⁷. Utilizando a comparação como um recurso do discurso argumentativo, as rendeiras me elogiavam. E nesta interação penso ser importante mostrar um modo de relação das rendeiras para com “o outro”, que elas desconhecem.

Este modo de se dirigirem e falaram sobre mim mostrou-me sua forma (das rendeiras) de se aproximar de mim, me conhecer, testando meus limites, isto é, falando e interpretando minhas reações (meu jeito de olhar, ouvir e receber sua fala). Um modo de se protegerem e se aproximarem de mim associando-me a Gabi, alguém de quem elas gostam muito e que não está mais ali.

Protegem-se ao não dizerem “diretamente” minhas características. Revelam-se ao mostrarem simpatia, associando-me a características elogiosas. Este modo de interagir comigo, foi dito em um momento em que todas as rendeiras (nota) estavam na Casa, em seu ofício diário. Todas prestavam atenção na conversa e participavam a seu modo (por

¹¹⁷ Nesse contexto memória refere-se à lembrança.

sorrisos, olhares). As palavras foram pronunciadas por Socorro, Laurinha, Francisquinha e Edinalva. Confirmadas por Neguinha e Livramento.

Com esta reflexão, feita acima, intento mostrar um modo característico de se relacionar com pessoas que entram na Casa. Pessoas vindas de outros lugares, em papel de importância, com o título de pesquisadores de SP (influência de SP) assumem no local. Mas, percebo que esta forma de se relacionar é apenas com pessoas que participam do cotidiano da Casa. Com isso, tornam-se mais próximas, aos poucos, relacionando-se com a pesquisadora.

É possível conversar, trocar olhares, risos, com um repertório comum sendo compartilhado, participando diariamente do ofício de rendar na Casa, tornando possível uma “amizade”, isto é, um vínculo forte e duradouro entre as rendeiras e pesquisadora(s), diferentemente da relação com os turistas, que é amigável, mas breve, na maioria das vezes em interações de um único dia.

A presidente e as outras rendeiras

Início aqui a descrição e análise de relações que pude perceber na Casa das Rendeiras, enquanto pesquisadora. Observei que existe uma diferença de poder entre a presidente da associação e as outras rendeiras. Um dado que exemplifica tal afirmação é que os preços das rendas são determinados por Socorro, pois antes das rendas serem postas à venda devem passar pela supervisão da presidente.¹¹⁸ É Socorro quem responde pelas atividades da Casa das Rendeiras, legalmente, enquanto uma associação.

Com esta observação é possível dizer que existe uma relação hierárquica na Casa, especificamente entre Socorro e as outras rendeiras¹¹⁹. Uma relação de hierarquia de Socorro para com as outras rendeiras. A posição de poder de Socorro é afirmada pela posição de presidente da associação.

¹¹⁸ Embora existam situações em que a presidente não está na Casa e as rendeiras põem suas peças à venda, às vezes, por um valor maior do que o combinado.

¹¹⁹ Uso aqui o termo presidente, para discriminar Socorro das outras rendeiras, quando pensada na relação hierárquica aqui explicitada.

As rendeiras, entre si, costumam se chamar pelo nome ou apelido. Socorro é também chamada pelas outras rendeiras por Socorro, mas na frente dos turistas as rendeiras apresentam uma ação conjunta de enfatizar que Socorro é a presidente, assim, qualquer desconto que o turista possa pedir cabe à Socorro responsabilizar-se pela decisão.

Francisca diz que só vai a Casa pela manhã porque precisa agilizar seu trabalho, pois em sua casa não consegue rendar concentradamente. Mas a rendeira diz que não tem vontade de ir pela manhã para a Casa:

eu não gosto de ficar rendando só com Socorro pela manhã, porque ela fica falando mal das rendeiras. Como se a gente fosse tudo igual por isso que as outras não vêm. A Dinalva é uma que não vem por causa disso”.

Francisca disse-me que várias rendeiras deixaram de rendar na associação por causa de conflitos com Socorro e conta-me que para ela é mais difícil conviver com Socorro sem as outras rendeiras, uma vez que “as rendeiras” constituem-se um grupo em condições diferenciadas com relação à Socorro, diferentemente de quando há apenas uma rendeira trabalhando na Casa com Socorro.

Dentre as rendeiras com que convivi, Laurinha se mostra a pessoa mais próxima de Socorro na Casa. Disse-me que foram Socorro e Mazé que a ensinaram a rendar. Laurinha não costuma rendar na Casa pela manhã porque tem os netos para dar almoço, então, pela manhã prepara a comida e renda um pouco em sua própria casa. Laurinha ressalta “não entro em fofoca não... e essas coisas de falar mal das outras, eu tô fora”. E não me fala mais nada sobre isso.

Neguinha e Livramento demonstram desconforto em relação à Socorro. Pelo modo de olhar e pelos risos de canto de boca. E Ednaira não comenta nada sobre sua relação com Socorro. Parece estar na Casa para rendar por prazer, exclusivamente na convivência com as outras rendeiras. Mas não comenta nada sobre os preços das rendas. Bia me conta que não gosta de participar “das fofocas que acontecem lá, Socorro falando mal das rendeiras não é um clima bom pra trabalhar, né?”. Por isso tem evitado rendar na Casa.

Entre elas: as afinidades

Enfatizo aqui as relações de proximidade entre as rendeiras em seus contextos.

Francisca me contou que quando está só na Casa, pela manhã, fica pensando nos problemas e, às vezes, liga a televisão e assiste a uma missa, em um canal de temática religiosa: “Faço isso pra me distrair e pra pensar melhor na vida”.

Francisca disse-me que se tornou próxima à Ednaira, porque ficou com pena da menina que sempre ia buscar linha na Casa para fazer a renda em sua casa. Nas palavras de Francisca:

Ednaira num tinha nem muitos bilros, aí ficava desmanchando a renda pra poder continuar. E nunca acabava a renda que tava fazendo. Eu fiquei com pena dela e disse pra ela vir me fazer companhia, de manhã, agora ela vem sempre e a gente fica conversando.

Ednaira, por sua vez, disse-me que ficou com pena de ver Francisca rendando sozinha, pela manhã, e quis lhe fazer companhia. Assim, quando não vai à escola vai para “as rendeiras” e fica lá até a hora do almoço. Depois volta no período da tarde e, se pudesse faria renda na Casa à noite também, mas não tem a chave.

Socorro, no período da manhã, faz várias atividades, tais como preparar almoço para o marido, além de trazer encomendas para a Casa. Mas também costuma rendar no período da manhã, com a frequência de “quando dá tempo”, conforme suas palavras. E costuma conversar com Francisca sobre as encomendas e outras atividades relacionadas à venda das rendas.

No período da tarde, as rendeiras Edinalva, Neguinha e Livramento, que são vizinhas, costumam vir caminhando até a Casa juntas. No entanto, Neguinha e Livramento são “duas em um corpo só”, de acordo com as outras rendeiras da Casa, pois fazem tudo juntas. O dia que uma delas não pode ir “nas rendeiras”, a outra também não vai o que, pelo que observei, acontece com frequência mesmo, mas também já presenciei ocasiões em que Neguinha ia a Casa em dias em que Livramento não ia e vice-versa. O termo nativo “duas num corpo só” revela a afinidade das duas rendeiras, o modo como conversam entre si assuntos que as outras rendeiras não saberão. Entre estas rendeiras há compartilhamento de informações que se configuram (como) segredos para as outras rendeiras.

Uma relação de afinidade também se configura entre Francisca e Ednalva, pois Ednalva costuma se levantar de sua cadeira, quando está em ofício, várias vezes “pra esticar

as pernas, tomar uma água, eu gosto”, diz Ednalva. E muitas vezes, quando se levanta, Ednaira vai em direção à Francisca, olha sua almofada e troca algumas palavras. Além disso, em vários momentos de conversas entre mim e Francisca, a rendeira Ednalva era citada. Para exemplificar tal afirmação contarei uma conversa entre mim e Francisca um dia na Casa.

Francisca e eu estávamos sentadas em nossas almofadas e Francisca me disse que Ednalva não viria na Casa hoje porque tinha ido pescar com o marido:

Edinalva adora pescar, sair, viajar. Aí amanhã ela vai estar toda cansada. Eu sei quando a Dinalva tá cansada porque ela faz um jeito com a boca assim (Francisca faz o gesto com a boca) ¹²⁰ que eu percebo.

Ouso afirmar que a afinidade entre elas se dá pela atividade da pesca, pois o marido de Francisca é pescador e, às vezes, Francisca também vai pescar com ele; como Ednalva gosta de pescar, isto é um assunto afim entre estas rendeiras. Mas não tenho pretensão de afirmar que a afinidade entre elas se dá unicamente por esta via, isto é, a atividade pesqueira. Este aspecto foi o que consegui apreender ao longo da convivência com Ednalva e Francisca.

Laurinha e Socorro são mais próximas por estarem na Casa das Rendeiras há mais tempo que as demais rendeiras. Socorro foi uma das pessoas que ajudou a fundar a primeira Casa quando esta se localizava em outro lugar do Morro, e sobrevivia em difíceis condições de trabalho. Com idade aproximada à de Socorro, Laurinha foi convidada por Socorro para render em uma Casa, com outras rendeiras. Socorro ensinou Laurinha a render peças de renda de bilro, além dos bicos que já fazia, atualizando-se no mercado da moda.

Beatriz contou-me que tinha muita afinidade com Leila, rendeira que não estava mais frequentando a Casa, por ter ficado grávida, ou “buchuda”, como Bia me disse. Bia conta que as coisas na Casa já não estavam bem, pois Socorro criou inimizade com muitas rendeiras e elas foram saindo da associação, passando a render em suas casas e levando as rendas apenas para vender na Casa.

Bia diz que não estava mais gostando do ambiente descrito por ela como “ambiente de clima tenso” e, aproveitou que Leila ia sair e saiu também. Diz que Leila era o braço

¹²⁰ O gesto: prende os lábios superior e inferior, apertando-os.

direito de Socorro, pois a ajudava em tudo, inclusive a desenhar e dar aulas na Casa, quando havia cursos para rendeiras. Mas “Leila não aguentava mais, Socorro pedia tudo pra ela”, completa Bia.

Dividindo a confecção da renda

Início nesta seção algumas considerações a respeito da divisão de trabalho no ofício de rendar considerando que tal divisão é um aspecto de interação entre as rendeiras.

A demanda por atendimento ao mercado “de Teresina¹²¹ ou lá de São Paulo”, como dizem as rendeiras, mostra-se na produção da renda. E esta demanda se dá pelas encomendas feitas por turistas que visitaram a Casa das Rendeiras em algum momento, ou por pessoas que tomaram conhecimento sobre o ofício de rendar por outras pessoas que passaram pelo espaço da Casa. É frequente o som do toque do telefone, perguntando por Socorro, a presidente, para fazer alguma encomenda ou para saber se a encomenda, anteriormente solicitada, está pronta. Essas ligações costumam deixar Socorro agitada, pois é ela quem responde pelas encomendas. E, a partir destas ligações, Socorro diz às rendeiras para se apressarem com relação às encomendas. E, ao mesmo tempo, pede para que elas façam colares e tiaras para vender na Casa.

Esta demanda pela produção implica em diversos mal-estares de Socorro para com as outras rendeiras. Tal mal-estar afeta as rendeiras em ofício e é motivo de reclamação constante das mesmas.

Uma das estratégias das rendeiras é dividir a produção da peça encomendada, quando é uma peça “mais trabalhosa”, ou quando a rendeira que foi designada para fazer uma encomenda tem algum problema que a impossibilita de terminar a peça. Descrevo abaixo uma situação a respeito da divisão da produção que presenciei na Casa.

Laurinha está rendando um vestido preto, que é feito em duas partes: as costas e a frente. Laurinha diz que está terminando a primeira parte e que está demorando muito para

¹²¹ Capital do Piauí, em que mulheres que possuem lojas de roupas, caracterizadas como *boutiques*, vendem peças de renda encomendadas na Casa das Rendeiras.

rendar, por isso pede ajuda a Livramento, pois esta tinha terminado uma peça. Livramento aceita e começa a rendar a outra parte do vestido. Com isso, as duas rendeiras dividirão o valor da venda do vestido que totaliza R\$ 300,00 reais¹²².

A divisão de trabalho, exemplificada acima, “alivia” a rendeira Laurinha. No entanto, há ocasiões, em que não há rendeira disponível na Casa, isto é, não há rendeira sem rendar no momento em que é necessário dividir o trabalho. Quando isto acontece, Socorro procura por rendeiras fora da Casa para pedir ajuda dividindo o trabalho. E quando não encontra rendeiras dispostas a fazer o trabalho¹²³, as encomendas atrasam a data marcada para entrega. É a esta relação que me refiro quando uso a expressão *tempo de mercado*¹²⁴.

Rendas e rendeiras e os turistas

Há a relação com os turistas que entram na Casa para conhecer e para comprar presentes de viagem. Existe uma ampla variedade de turistas com diferentes interesses na Casa das Rendeiras. Há, por exemplo, os turistas que precisam levar algum presente do litoral piauiense para seus parentes e/ou amigos e a renda de bilro satisfaz o gosto de algum conhecido. Há mulheres que são admiradoras das rendas e querem conhecer mais sobre sua confecção. Há ainda homens, turistas, que acompanham suas esposas, namoradas ou parentes. Assim, enquanto elas escolhem o que comprarão, eles se sentam, e conversam com as rendeiras. E há homens que se interessam profundamente pela técnica da renda de bilro e outros que perguntam sobre a vida das rendeiras no cotidiano, em seu ofício de tecer.

De algum modo, percebo um interesse dos turistas na Casa das Rendeiras, motivado pelo imaginário que se tem de rendeira e trabalho artesanal. E é perceptível a habilidade com que a presidente da associação relaciona e aciona esse imaginário aos visitantes e

¹²² Cada rendeira receberá R\$ 150,00 pela encomenda.

¹²³ Uma das situações em que não se encontra rendeira para fazer o trabalho é quando as rendeiras disponíveis para o trabalho não sabem fazer algum ponto necessário da renda em questão.

¹²⁴ A categoria *tempo de mercado* foi por mim criada para pensar a relação do tempo de confecção das rendas de bilros (o *tempo da renda*), e suas variações, com o tempo do mercado na relação de encomendas e vendas das peças. O tempo do mercado destoa consideravelmente do tempo da confecção das peças de rendas.

como os visitantes “pedem” por esse imaginário. O discurso da presidente da associação, Socorro, nas vendas das rendas para turistas, evidencia-se pelo modo como ela fala das rendas e rendeiras.

Quando um turista pergunta: “isso aí passa de geração em geração?” Socorro diz que sim. Conta que na Casa das Rendeiras há mulheres das mais diversas idades e que muitas aprenderam a rendar com suas avós, tias, mães, amigas ou por cursos na Casa. Mas percebe-se uma “quebra de expectativa” de alguns turistas (que tem o imaginário da renda na relação familiar) quando a mesma conta que a Casa das Rendeiras já ofereceu cursos para mulheres aprenderem a rendar. O que evidencia que não são todas as rendeiras, ali associadas, que aprenderam a rendar com suas parentas¹²⁵. Embora se perceba uma cultura familiar local, de rendar renda de bilro, nas casas¹²⁶, há na Casa, um modo de ensinar a técnica da renda de bilro em cursos.

Mas os cursos também são valorizados por alguns turistas, pois demonstram que, de alguma forma, existe uma procura para o aprendizado da renda e sua inserção no mercado. Assim, dependendo do referencial que o turista tem da renda, e com base em suas perguntas, Socorro conta as histórias do aprendizado da renda.

Há turistas que perguntam, especificamente, para alguma rendeira, sobre sua história e as respostas variam de acordo com cada rendeira. Laurinha, depois de Socorro, interage bastante, verbalmente, com os turistas. Fala sobre seu aprendizado com as rendas, conta sua história, sobre sua vida no Morro e na Casa das Rendeiras. Costuma contar também sobre sua família, explicitando quantos filhos tem e a ocupação de cada um. Uma de suas filhas, Nara, disse-me não gostar de fazer renda de bilro, “ah, não me dou bem com isso não. Não tenho paciência”. Sua ocupação é de faxineira nas casas de moradores do Morro.

Ednaira chama atenção dos turistas, que comentam “olha só, tão novinha e já está rendando”. Francisca é reservada e tímida, costuma responder às perguntas que os turistas fazem de forma precisa e objetiva. Gosta da interação, mas, me diz “ai, e eu com tanto trabalho pra fazer, fico atendendo os turistas, aí não dá tempo. Eu já sou demorada aqui na

¹²⁵ Parentas aqui se referem à mãe, avó ou tia.

¹²⁶ Esse aspecto foi mencionado na introdução em “Pesquisa e entrada em campo em Morros de Mariana”, e será mais detalhado no decorrer da dissertação.

renda”. Neguinha não costuma entrar na conversa com os turistas espontaneamente, percebo nela expressões de timidez ao falar, olhando para baixo e rindo após responder alguma pergunta. Sua marca é o sorriso no rosto e sua sinceridade nas conversas com as rendeiras. Livramento fala estritamente o necessário com os turistas e com as próprias rendeiras, exceto por Neguinha, com quem conversa tranquilamente, e em voz baixa. Livramento aparenta expressão de dedicação e seriedade em seu trabalho. Ednalva, de expressão tranquila, conversa um pouco com os turistas, espontaneamente, e conversa bastante com “minhas comadres” enquanto renda.

Exceto por Socorro e Laurinha, as outras rendeiras não fazem questão de conversar com os turistas. Limitam-se a responder perguntas técnicas sobre a renda e, quando perguntadas, sobre sua família e a ligação desta com as rendas, se houver.

É notória a insistência dos turistas em inserir a vida das rendas-rendeiras no imaginário do ofício da renda de bilro enquanto um trabalho especificamente de tradição familiar. Não nego que em meus dias de campo percebi que existe relação entre as rendas e as famílias das rendeiras. Mas também existem mulheres que não aprenderam a rendar com suas avós ou tias. Muitas das rendeiras tomam contato com a renda de bilro pela primeira vez ao verem suas parentas¹²⁷ e vizinhas rendando, com uma almofada em casa. Mas existe, por exemplo, a rendeira Francisca que me conta que aprendeu a rendar em um curso oferecido pela Casa das Rendeiras, por incentivo de uma amiga. Há envolvimento familiar no aprendizado, mas não é a única forma de aprendizado de renda de bilros na Casa das Rendeiras.

Socorro me conta que “hoje em dia não há mais muitas mulheres, como antigamente, querendo fazer renda... vão trabalhar em outras coisas” (fala em tom de reprovação).

Encomendas

¹²⁷ Novamente aqui o termo parenta refere-se a mães, tias e avós.

Observei alguns aspectos da relação das rendeiras para com os clientes que encomendam rendas da Casa. Esses clientes podem ter-se ligado a Casa de diversas formas, por diversos motivos. Uma das formas é através da visita como cliente da Casa por motivos de passeio turístico quando adquire uma peça de renda, por exemplo, uma blusa ou colar, e precisa da peça de outro tamanho e/ou cor, no caso da blusa. Para encomendas que necessitam medidas, Socorro anota as medidas e dados pessoais do cliente como endereço e telefone para contato. Quando a peça fica pronta, Socorro liga para o cliente e avisa que estará enviando a peça pelo correio. Após a chegada da peça, o dinheiro deve ser depositado na conta da Casa das Rendeiras. Outro modo de encomendar as rendas é por meio de parentes ou amigos que já visitaram a Casa e levaram lembranças de rendas e as pessoas presenteadas desejam outras peças, assim, entram em contato com a associação, por telefone.

Presenciei encomendas feitas por telefone, pois as rendeiras da Casa me pediam, às vezes, para que eu atendesse ao telefone. Em algumas dessas vezes, atendi a telefonemas de clientes que se identificavam e pediam para falar com Socorro, e caso esta não estivesse na Casa, pediam para falar com alguma outra rendeira para pedir informações sobre encomendas ou para pedir encomendas. Em uma das ligações Socorro me contou que uma artista plástica de São Paulo pediu uma encomenda de camélias para um desfile¹²⁸.

Presenciei também uma encomenda na Casa, feita por uma mulher chamada Georgina, dona de uma *boutique*¹²⁹ de roupas, em Teresina, e que, de acordo com as rendeiras, sempre encomenda peças de rendas para aplicar em roupas que serão vendidas em sua loja. Observei Georgina um dia na Casa das Rendeiras conversando com Socorro a respeito de uma encomenda. Ela estava vestida com uma blusa branca, de tecido de malha e *cotton* com uma aplicação de renda de cor branca nas costas. Comentei com Francisca que a blusa era muito bonita; então Francisca me disse que aquela aplicação de renda fora feita por ela. Disse-me que o tecido da blusa é um tecido simples e barato e que blusas assim, com a aplicação e rendas eram vendidas por Georgina em sua loja por preços altos.

¹²⁸ Na página 112 detalho aspectos de um desfile relacionado à Casa das Rendeiras, mas não se trata deste desfile citado aqui. Sobre este não tenho mais informações.

¹²⁹ Termo usado por Francisca quando estava me contando sobre Georgina.

Houve uma situação que presenciei na Casa, no período da tarde, em que o nome de Georgina foi citado. Laurinha estava rendando a frente de um vestido encomendado por Érica (uma das clientes da Casa, que já frequentou o local para aprender a render) e Livramento estava fazendo a parte de trás do vestido, e ouvi as rendeiras falarem que Georgina viria na Casa, pois tinha ligado para buscar alguma encomenda. Por isso, Laurinha iria cobrir o vestido que estava fazendo para que Georgina não o visse e Livramento disse que não iria cobrir. Este modelo de vestido já havia sido feito para Georgina em outra ocasião e ela ficaria brava se visse que está sendo feito o mesmo vestido para outra cliente. Ela desejava exclusividade no modelo.

Laurinha disse que não queria confusão e Livramento disse que não se importava em Georgina ver o vestido sendo feito para outra pessoa. As rendeiras diziam que Georgina não podia cobrar exclusividade de uma peça, mas algumas tomavam a posição de não se confrontar com Georgina enquanto outras, como Livramento, diziam não se importar com o que a mesma pensaria sobre elas.

A Relação de cada rendeira com as rendas de bilros

Nesta seção abordo a relação das rendeiras com as rendas de bilros confeccionadas, diariamente, na Casa. Essas relações compõem-se de aspectos como a subjetividade e a estética próprias de cada rendeira. Inicio a seção mostrando ações do cotidiano das rendeiras em ofício para explicar ao leitor a relação de cada rendeira com as rendas de bilros, aprofundando as particularidades dessa relação e evidenciando aspectos estéticos e subjetivos. Termina a seção mostrando os critérios comuns, entre as rendeiras, para uma renda de bilros ser considerada bem feita e a noção de partilha entre as rendeiras na Casa.

No período da manhã, Francisca é, às vezes, acompanhada no ofício por Socorro e Ednaira. Quando está só na Casa, liga a televisão, de acordo com ela, para companhia e distração, mas também aproveita os momentos de silêncio na Casa (quando não liga a TV, quando não há não turista e nenhuma outra rendeira) para pensar na vida e, em outros momentos, para aquietar os pensamentos e ficar concentrada apenas em sua renda.

Edinalva, Neguinha e Laurinha costumam fazer (mais) rendas para encomenda, levando poucas peças para vender na Casa e, quando há encomendas, a rendeira deve fazer a renda da cor que foi pedida pelo cliente, diferentemente das rendas à venda na Casa, em que a rendeira tem a opção de escolher a cor da renda que fará e que será exposta para venda.

Socorro, enquanto presidente da associação, é quem “toma nota e se responsabiliza” pelas encomendas, que são anotadas em um caderno, juntamente com as medidas do cliente. É Socorro, portanto, quem cobra as outras rendeiras a respeito das encomendas, prazos, valores e cores pedidas pelos clientes. Também é ela quem verifica as peças expostas para venda na Casa e pede para as outras rendeiras reporem o que foi vendido. Socorro leva de sua casa, semanalmente, para a associação, rendas prontas com modelos diferenciados, bem como encomendas. É a rendeira que mais tempo fica na Casa, fazendo contas, preenchendo papéis, trazendo de sua casa material para rendar ou rendas prontas.

As rendeiras, durante o ofício, conversam sobre acontecimentos cotidianos do Morro, trazendo experiências de fora da Casa, cujas impressões são ali partilhadas. Neste espaço, cada uma delas, com suas próprias experiências, impressões e características, constitui relações e é constituída por essas relações. Mas estou movendo esforços para pensar estas relações de modo a não caracterizar as experiências de cada rendeira a priori, refletindo sobre as relações em constante movimento que compõem o espaço, com as diferenças e subjetividades de cada rendeira que também são compostas por relações criadas na Casa. Exemplifico o que quero dizer com subjetividades e experiências individuais na relação rendas e rendeiras em uma situação que vivenciei na Casa.

Francisca e Livramento se mostram as rendeiras mais ligadas ao aspecto estético das rendas. Cada uma delas diferencia-se no modo como se posicionam na Casa, com relação a este aspecto.

Francisca havia feito um colar de estrelas, na cor laranja, em sua casa e trazido para a Casa para vender. Comentei com esta rendeira que havia um colar novo à venda e ela me disse que havia feito o colar laranja para experimentar, pois não é costume fazer colar dessa cor, mas ela achou que ficou muito bonito: “vamos ver se vende... o povo costuma só comprar branco... renda branca é o que mais vende, agrada”.



Esta não foi a primeira vez que Francisca levou um colar de cor diferente das usuais¹³⁰. E, a partir do assunto sobre o colar de cor laranja, Francisca me contou: “eu outro dia.. até espantei que vendeu rápido o colar azul que eu fiz...”

Diferentemente de Francisquinha, neste aspecto, Livramento costuma fazer as rendas com a finalidade primeira de vender rapidamente. Assim, faz as peças para vender na Casa nas cores que vendem mais rápido. As duas rendeiras necessitam do dinheiro da renda de bilros para o sustento da família.

Livramento, considerada pelas rendeiras da Casa a mais calada e tímida das rendeiras, interessou-se em conversar comigo quando me viu olhando as rendas nas almofadas e, comentando o quanto eu achava bonita a blusa vermelha que ela estava fazendo. Foi a partir deste comentário que Livramento começou a conversar comigo, com seu jeito tímido e calmo, mostrando empolgação para conversar. Falamos então das cores

¹³⁰ Os usuais são de cor branca e cor cru.

de que mais gostamos e, nesta conversa, Livramento ressaltou que gosta muito das cores vermelha e preta e que as rendas nestas cores ficam mais bonitas, mas que as pessoas pedem, normalmente, em branco. Disse-me que o preto tem boa saída nos meios da moda, mas, que são peças mais difíceis de fazer e é dificultoso enxergar a linha preta depois de vários pontos feitos. Mas, como costuma fazer rendas para vender rapidamente, põe à venda na Casa as rendas de cores brancas, exceto quando há encomendas.

Aspectos da subjetividade e estética nas relações das rendeiras com as rendas

“o tom, a cor, o gosto, o senso de uma atividade” (Stocker, M e Hegeman, E., 2002)

Considerando a situação descrita acima que ilustra a diferença entre as rendeiras Francisca e Livramento, a partir de um aspecto estético, analiso, agora, mais detidamente essa diferença para mostrar que a experiência estética de cada rendeira envolve gostos subjetivos, como a cor das rendas. E as diferentes posições das duas rendeiras com relação a isso podem ser pensadas a partir de sua formação no aprendizado de rendar¹³¹.

A renda de cor laranja, confeccionada por Francisca me faz pensar a respeito do seu caráter, diferenciado na Casa, de experimentação, ao colocar para vender uma renda que ela achava que dificilmente seria comprada. É certo que o dinheiro da renda é necessário para Francisca, mas isso não impediu que ela experimentasse fazer um colar com linha de cor laranja, que ela não sabia se venderia. O branco era mais certo de ser vendido, de acordo com o que me contou.

Francisca aprendeu a rendar via cursos na Casa das Rendeiras. Suponho que o modo de aprender pelo curso possa tê-la influenciado na “ousadia” de fazer colares de outras cores, pois os cursos, diferentemente do aprendizado conhecido e considerado tradicional de rendar bilros, já são uma reconfiguração das formas de aprender a rendar e da inserção destas rendas no mercado. Os cursos se voltam para um público que parece aceitar melhor as novidades, isto é, colares de cores não muito convencionais. Pode ser que Francisca

¹³¹ Com “formação no aprendizado de rendar” quero dizer o modo como cada rendeira tomou contato com as rendas e aprendeu a rendar.

tenha contado com o fato de que algum turista poderia gostar desta inovação e seu modo de agir enquanto rendeira lhe permitiu correr o risco de não vender a peça de outra cor.

Quando há encomendas, a rendeira deve fazer a renda da cor que foi pedida, mas quando a renda é para ser vendida na Casa, a rendeira escolhe a cor da linha em que quer fazer a peça. Livramento me disse que acha as rendas nas cores preta e vermelha mais bonitas. A renda preta é mais demorada de rendar, pois é mais dificultoso para enxergar a linha depois de vários pontos feitos. Costuma fazer rendas só para vender¹³², assim, põe à venda na Casa as rendas de cores que vendem rapidamente, diferentemente de Francisca.

Por exemplo, apesar de achar bonitas as peças de rendas de cores vermelhas, só as faz quando são encomendadas, pois do contrário diz que demorarão para vender. E como já comentei, as duas rendeiras necessitam do retorno financeiro que a renda de bilros possibilita. Mas a formação de Livramento, diferentemente da de Francisca, foi por observar uma prima rendar. A meu ver, as pessoas que aprendem a rendar via padrões considerados tradicionais, por parentes ou amigos, são menos ousadas em ofício, executando as peças de rendas que são pedidas apenas, não sendo tão abertas quanto Francisca à inovação, isto é, modelos e cores diferentes das comuns, usuais, nos Morros. Isso pode influenciar, inclusive no “gosto” de cada rendeira, o que elas consideram cores bonitas ou não, para a renda.

Nesse caso, as categorias *tradição* e *invenção* podem revelar algumas características e valores entre as rendeiras da Casa, incluindo o primeiro contato com as rendas e com o ofício de rendar. Ao mostrar a relação das rendeiras Francisca e Livramento com as rendas de bilros tive como intenção mostrar a experiência estética que as duas rendeiras tem com as rendas e, portanto, com seu ofício.

Além disso, almejei mostrar que o modo de se relacionar com as rendas tem uma dimensão subjetiva, envolvendo a sensibilidade e o gosto das rendeiras. Cada rendeira que compõe a Casa mostra suas particularidades partilhando nas conversas com as outras

¹³² Fazer rendar só para vender, aqui, quer dizer que ela faz a renda de acordo com a cor pedida pelo cliente que encomendou a renda.

rendeiras suas experiências e gostos¹³³. E essas experiências estendem-se para relações extra Casa.

Porém, há critérios comuns para uma renda “bem feita” e esses critérios estão intimamente relacionados aos pontos das rendas. Alguns dos critérios são: renda feita com linha mais fina é considerada, pelas rendeiras da Casa, uma renda mais delicada, mais elaborada (“trabalhosa”) e mais valorizada por elas: tem maior precisão dos pontos e, como demora mais para ser feita, deve custar mais caro em relação a uma renda que demora menos tempo. Pontos de renda com linha mais fina exigem maior número de bilros, maior atenção, habilidade e domínio de manuseio dos bilros. Como me disseram as rendeiras: “tem que ter mais paciência”.

Pela minha pesquisa de campo, posso afirmar que noção de renda *bem feita* pode ser considerada renda bonita. Os usos da palavra bem feita e bonita, a respeito das rendas, podem ter o mesmo significado, numa conjugação de sentidos, quando uma renda é elogiada, ao ser colocada para vender, por exemplo, em momentos da Casa em que outra rendeira chega com uma renda ou termina uma renda e mostra para outras. Quando a renda é elogiada é chamada de bonita e é bonita porque está bem feita, isto é, os pontos da renda estão “vivos”, os pontos ficaram esticados, não apertados, bem delineados e podem ser notados e diferenciados um em relação ao outro. São as rendas mais precisas as mais bem feitas e mais bonitas. Este é o consenso entre as rendeiras da Casa.

Os desenhos elaborados por Socorro são combinações e arranjos de pontos da renda, em diversas peças, como vestidos ou boleros. Os pontos da renda são inspirados pela caixa de amostra de rendas, já mencionada. Com isso, Socorro experimenta diferentes tecidos e modelos de peças para costurar a renda, além de experimentar linhas de diferentes espessuras.

Percebo que Socorro é a “detentora do saber”, configurando-se um poder, ela é a pessoa que faz os desenhos e a pessoa pela qual as rendas têm que passar antes de serem vendidas ou entregues às encomendas, é quem aprova ou desaprova o preço sugerido pela rendeira que fez a peça ou, em alguns casos, é a própria Socorro quem determina o preço

¹³³ Evidenciei diferenças entre as rendeiras Francisca e Livramento porque foi o caso mais observado por mim e, assim, tive mais dados para explicar. Mas pretendo, no doutorado, aprofundar mais nas diferenças entre as rendeiras com relação à estética.

(este aspecto é assunto de constante reclamação e conflito entre as rendeiras e Socorro, por vezes entre as próprias rendeiras).

Há desenhos de rendas que apenas Socorro sabe fazer e que, quando a rendeira leva o desenho para a Casa mostra para as outras rendeiras e pergunta o que elas acham. Algumas arriscam uma sugestão para as peças seguintes baseadas na peça que Socorro está mostrando. Depois, quando Socorro não está na sala, outras rendeiras com mais afinidade comentam mais francamente sobre a peça.

As rendeiras compartilham, entre si, ideias e sentimentos de revolta e injúria para com Socorro quando se sentem menosprezadas, pois Socorro diz que “as rendeiras não querem trabalhar”, algo que as ofende. Ofendem-se, inclusive, porque Socorro refere-se às rendeiras em geral, sem levar em conta as particularidades entre elas no que se refere ao trabalho e ao ritmo de trabalho.

Há entre as associadas uma noção moral de compartilhamento de “bem estar”, no ambiente da Casa, e a busca por um ambiente prazeroso para o ofício de rendar, o que faz com que Socorro, de certo modo, tenha que controlar suas irritações e cobranças, para que as rendeiras não abandonem (esvaziem) a Casa, algo que prejudicaria muito as vendas, pois para as rendeiras que vão a Casa rendar, o espaço significa um lugar específico para fazer seu ofício, sem ter que cuidar de filhos e da casa.

Relação Rendeiras Extra-Casa

Como mencionado anteriormente, a Casa pode ser pensada enquanto um espaço de associação e de socialidade. É possível mostrar e pensar relações extra Casa, que se ligam a ela, de alguma forma, pelas rendeiras que são associadas e que também participam dessa dimensão da Casa quando levam suas peças (feitas em casa) para vender na Casa das Rendeiras, mantendo contato com as rendeiras que exercem seu ofício na Casa.

Considero as rendeiras que levam suas peças para vender na Casa, mas não rendam lá, relações de extensão “das rendeiras” que participaram do cotidiano na Casa exercendo ofício, e que agora mantêm outro modo de relação com o espaço da Casa. Selecionei duas

rendeiras com quem tive contato fora da Casa, embora as tenha conhecido na própria Casa, com base no material de campo que coletei.

Neili, rendeira de 38 anos, mora a aproximadamente cinco quarteirões da Casa das Rendeiras. Mora com o marido, moto-taxista da região Ilha Grande – Parnaíba, e com um casal de filhos adolescentes. Tal como mencionei em minha primeira pesquisa de campo, explico que conheci Neili quando ela ainda exercia o ofício na Casa das Rendeiras. Ela ainda mantém contato com algumas das rendeiras da associação como Francisquinha e Laurinha que frequentam sua casa. Contou-me que vai a Casa para levar suas rendas, em horários em que Socorro não está e o fato de Neili não rendar mais na Casa está intimamente ligado a sua relação com Socorro. Explicou-me que teve conflitos e desentendimentos com a presidente. Disse-me que saiu da Casa no momento em que não se sentia mais vontade de ficar, pois Socorro costumava gritar com as rendeiras, nervosa a maior parte do tempo, dizendo que as rendeiras não sabiam trabalhar e que não queriam trabalhar e não aceitavam fazer as encomendas que os clientes solicitam.

De acordo com as palavras de Neili, as rendeiras “têm má vontade com Socorro”, pois sentem que estão sendo exploradas pela presidente. As rendeiras estão ganhando muito pouco com suas vendas, porque Socorro se nega a aumentar o preço das peças elaboradas pelas associadas e, no entanto, quando se trata de suas peças costuma vendê-las (feitas por Socorro) por um preço mais alto. E quando as rendeiras pedem para aumentar o preço de suas rendas, Socorro nega.

Neili explicou-me que tem muito prazer em rendar e não saberia viver sem seu ofício. A renda de bilros lhe possibilitou ajudar nas despesas dos filhos, complementando a renda (financeira) da casa, com o marido:

Graças à renda de bilros eu e meu marido conseguimos fazer uma reforma na casa. Eu só tenho que agradecer o meu ofício de rendeira. E eu gosto de rendar mesmo, com capricho. A renda tem que sair bonita quando eu termino ela. Por isso faço com paciência, mas eu sou uma das rendeiras mais rápidas da Casa e minhas peças saem bem feitinhas. Eu gosto de ver a renda bonita, sabe? Em primeiro lugar pra depois vender.

Neili me contou que conhece as rendeiras de Raposa, no Maranhão, de Florianópolis e de Fortaleza e me disse que há diferenças entre as rendas feitas na Casa e as rendas feitas nos outros lugares. Por exemplo, em Fortaleza as rendeiras não trabalham com linha fina.

O trabalho com renda grossa deixa o ponto da renda muito aberto, pela espessura da linha. E vende-se mais barato. Os turistas chegam a Casa e dizem que pagaram mais barato uma blusa, mas Neili diz que não há comparação com o trabalho das rendeiras da Casa. Há também turistas que chegam aqui e ficam encantados com a delicadeza de nossas rendas, pois são rendas mais finas, os pontos ficam mais “juntinho”, delicado. Já as rendeiras em Raposa só trabalham com linha colorida e não com peça inteira da mesma cor.

Neili explicou-me que na Casa, trabalha-se mais com o branco, embora façam colorido também, mas os clientes pedem muito branco. De acordo com a rendeira, os turistas dizem: “branco é branco... todo tempo é novo”. Ela faz colares na cor verde e vermelho, mas diz que demora para vender e os de cor branca e cru são vendidos rapidamente. Desse modo, as coloridas são feitas, geralmente, por encomenda.

Conheci Leila, 26 anos, em minha primeira pesquisa de campo, período em que Leila rendava na Casa nos períodos da manhã e da tarde. À noite, rendava em sua própria casa. Disse-me que na Casa ela conseguia render mais, isto é, se concentrar exclusivamente nas rendas, pois em sua casa sua mãe¹³⁴ sempre a chamava e ela tinha que parar o que estava rendando, e então “já perdia o ânimo e não fazia mais”.

Me fala sobre o som dos bilros: disse que acha bonito o barulhinho dos bilros, mas, por já saber a técnica e estar muito acostumada, não presta mais atenção. Leila me conta:

as pessoas dizem que se você não faz o barulhinho você não é rendeira. Mas sabe que quando eu vejo alguma gravação da Casa eu penso, nossa, é a gente que faz esse barulhinho? Fico abismada.

Leila mora nos Morros, em Ilha Grande, em um bairro chamado “Baixão”, um pouco mais distante da Casa das Rendeiras do que a casa da maior parte das demais rendeiras. Mora com os avós, uma tia e suas duas filhas, Grazy e Julya. Mora ao lado de Francisquinha, que é sua tia, casada com o tio (irmão do pai) de Leila, pertencendo à mesma família.

Em minha primeira pesquisa de campo, nos Morros, assim como Neili, Leila ainda exercia o ofício de rendeira na Casa. Era considerada pelas rendeiras da Casa, o “braço direito” de Socorro, pois ajudava na administração das encomendas e nos desenhos das

¹³⁴ Leila se referia à sua avó paterna que foi quem a criou.

rendas, pois sabia desenhar moldes de rendas, no papelão. Leila ia de sua casa para a associação de bicicleta e tinha mais afinidade com a rendeira Bia, por serem da mesma faixa etária.

De acordo com Bia, Leila não estava contente na Casa, por causa de conflitos com Socorro e sentia-se cansada, porque era muito trabalho que ela tinha que dar conta para Socorro. Quando ficou grávida, aproveitou para render só em sua casa. Atualmente, frequenta a associação apenas para levar e buscar encomendas e peças de renda para vender na Casa. Vai até lá pelo menos uma vez por semana.

Com os exemplos das rendeiras Neili e Leila (a partir da apresentação destas duas rendeiras), tive como objetivo mostrar a circulação das rendas de bilros e suas relações extra Casa das Rendeiras. Em um caminho que vai constantemente de um espaço doméstico, a casa das rendeiras, para a associação das rendeiras, a Casa: o ofício de render e sua circulação no espaço da casa das rendeiras para a associação. Nesta circulação, pude mostrar algumas relações e afinidades das rendeiras que não rendam mais na associação e suas ligações com a Casa: amizade, hábitos e contexto de suas vidas.

Leila, ao frequentar a Casa para pôr à venda sua renda na exposição da Casa ou na entrega de uma encomenda para Socorro, que será enviada ao cliente via correio, participa de uma relação de circulação das rendas que chegam aos clientes dos mais diversos estados.

A circulação das rendas pode ser pensada desde a coleta de materiais, como linhas, bilros e almofadas, bem como o entremear das linhas nas mãos das rendeiras em ofício até as vendas tanto na Casa como as vendas feitas por correio, nas exposições e feiras. Consideremos, também, que são diferentes clientes a depender do local em que a renda circula.

Descrevi os materiais necessários ao ofício das rendas de bilros, a relação de rendeiras extra Casa, dissertei brevemente sobre os turistas e sua relação com as rendas na Casa, mencionei também como é feita uma encomenda de rendas na Casa e por telefone. Além disso, mencionei, brevemente, as rendas feitas para um desfile “SP Fashion Week” que abrange público de desfiles e lojas sofisticadas (*boutiques*) em que, sob diversos modelos e tecidos, as rendas são comercializadas.

Resta, ainda, mencionar as vendas nas feiras e exposições. Para isso, disponho de pouco material e saliento que esta fase da pesquisa, apesar de ter sido pensada para o mestrado, necessita de mais tempo. Dito isto, tenho como exemplo de circulação das rendas as feiras e exposições.

O evento Fashion Week

No ano 2000, em São Paulo Socorro e mais duas rendeiras foram para São Paulo, de avião, para verem suas peças expostas na passarela, no desfile de moda chamado Fashion Week, após terem confeccionado as peças de renda de bilros para o estilista Walter Rodrigues. Assim, as rendeiras ganharam as passagens e a hospedagem, em São Paulo, para assistir ao evento.

De acordo com Meneses (2006), Socorro descreve o momento:

“Em Teresina pegamos o avião, muito nervosas ainda, sem acreditar que daria tudo certo. Mesmo depois de embarcar no avião, não acreditávamos no que estava acontecendo (...) A emoção de ver nossas rendas na passarela durante o desfile eu nunca vou esquecer: eram as peças mais bonitas do desfile” (2006: 42).

Socorro conta ainda que este evento contribuiu muito para a renovação de modelos de rendas da Casa das Rendeiras. Graças ao desfile e às peças feitas com Walter Rodrigues, hoje a Casa vende peças de renda como: coletes, boleros, camisetas e acessórios. Antes da visita das holandesas e de Walter Rodrigues, a Casa das Rendeiras só fazia rendas de bico e por isso não tinha um mercado consumidor, como agora.

Além disso, Socorro conta que o fato de as peças feitas na Casa terem sido expostas no desfile, fez com que se ampliasse o mercado consumidor das rendeiras, pois elas se tornaram conhecidas no estado de São Paulo e, com isso, o número de encomendas aumentou muito:

nos tornamos tão conhecidas que até a Marisa, mulher do presidente Lula, encomendou uma renda da gente, através do Walter Rodrigues. Ela nunca veio aqui, mas usou nosso vestido na posse do Lula e ficou lindo!

Socorro contou ainda que houve outro evento em que conheceu muitas coisas novas que contribuíram para sua inspiração em modelos diferentes de peças. O evento era uma

exposição com representantes de artesanato de todo o Brasil, em um local chamado “Casa Mínima”, Buenos Aires. Socorro disse que mais de 3000 pessoas visitaram a exposição das rendas da Casa:

Fiquei fazendo renda para as pessoas poderem ver como é o ofício e meu estande foi muito visitado. As pessoas ficavam admiradas com a rapidez com que manejo os bilros. No final da exposição, havia vendido tudo o que levei: almofada, grade, bilro, tudo.



Houve uma proposta do grupo do SESC, da cidade de Luis Corrêa¹³⁵, para a exposição e venda das rendas de bilro da Casa das rendeiras, pois ia ocorrer um evento do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES Nacional) em uma assembleia destinada a discutir indicativo de greve. Neste evento, eu tive a oportunidade de acompanhar a rendeira Ednalva para expor e vender as rendas no SESC.

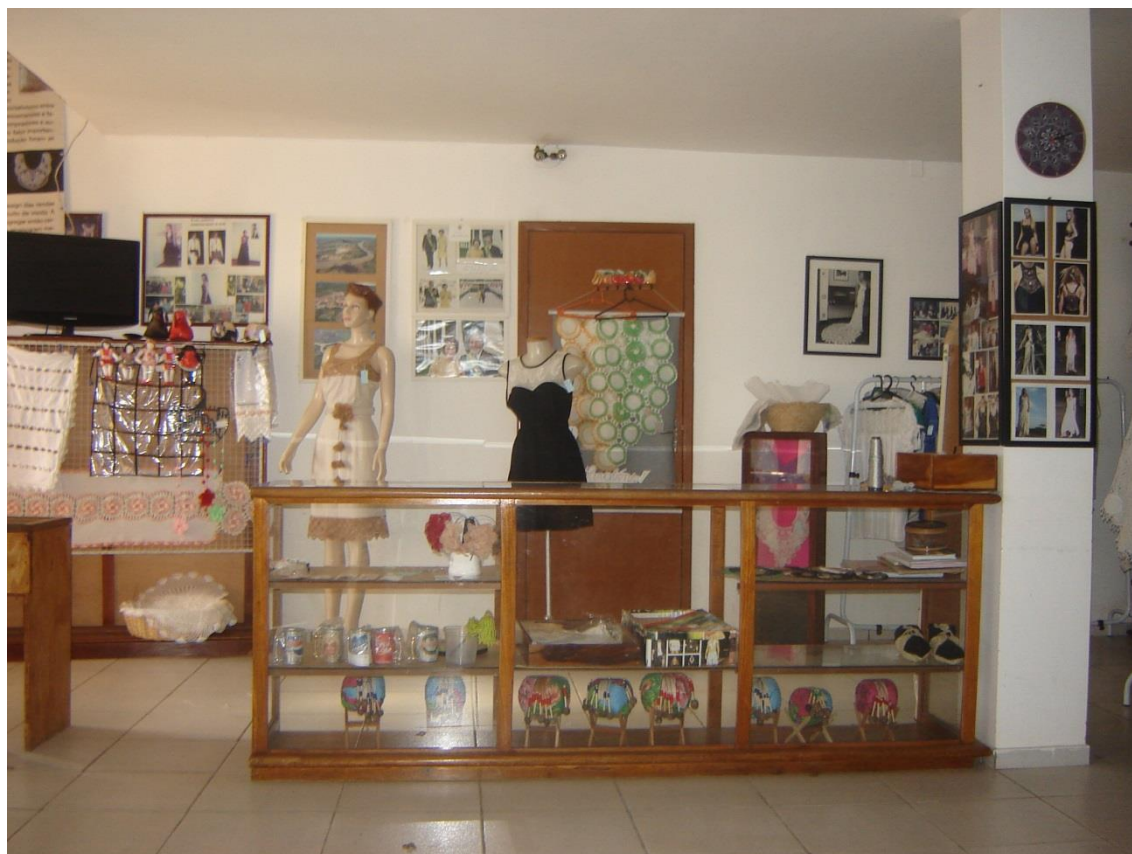
¹³⁵ Cidade vizinha a Parnaíba.

Os clientes, isto é, o público que estava na assembleia era de professores de ensino superior.

Para o evento, o SESC contratou uma van para buscar as rendeiras e outras artesãs que iriam expor e vender artesanato também. A van passou em Morros de Mariana para buscar-nos, em seguida em Parnaíba para buscar as outras artesãs e seguimos em direção ao SESC de Luís Corrêa, cidade vizinha a Parnaíba.

As rendas prontas na Casa ou As peças

A “Casa das Rendeiras”, como já mencionado, é também espaço de venda das rendas. Diariamente, turistas visitam-na por estar situada na avenida Turiano Ribeiro, importante para o turismo, pois passa-se por esta avenida para chegar ao Delta, principal ponto turístico da região.



No convívio com as rendeiras pude presenciar e fazer várias vendas das rendas. Pessoas batiam na porta da Casa mesmo quando ela estava fechada para almoço, por exemplo. O horário dos turistas passarem pela Casa, muitas vezes não coincidia com o horário de trabalho das rendeiras. Várias vezes, quando Francisca estava saindo para almoçar (por volta das 11:20 h da manhã), chegava algum turista pedindo para conhecer a Casa. E isto era visto com um certo cansaço pela rendeira, que tinha que ir para sua casa, de bicicleta, para almoçar e voltar às 13:30, pois tinha muito o que render. Dizia “preciso terminar essa encomenda”.

Notei que muitos turistas pedem desconto no preço das rendas e/ou dizem que as rendas estão muito caras. Diante disso, Socorro, quando está presente, explica que existe um tempo para fazer a renda. Tempo este que não está aparente na renda depois de pronta. Um vestido, por exemplo, pode demorar três meses para ser feito, dependendo dos pontos, detalhes, número de rendeiras e a habilidade e agilidade de cada uma. O tempo da renda não está em harmonia com o tempo do mercado turístico, do qual as rendeiras dependem para a venda.

Quando Socorro não está na Casa, outras rendeiras fazem a venda, entre elas, Francisca, Laurinha e Neguinha. Quando perguntadas pelos turistas se há desconto, cada uma tem seu jeito de responder. Laurinha, assim como Socorro, explica a questão “temporal” das rendas. Francisca fica bastante envergonhada e “sem graça”, e diz que a peça já está com desconto. Neguinha também se envergonha e diz que não tem desconto.

Socorro me disse que coloca o preço um pouco mais alto, pois já sabe que terá que fazer desconto. Mas há peças em que não há como, pois cada peça é feita por uma rendeira: “se o turista compra duas peças, de duas rendeiras diferentes, ela não pode dar desconto em uma e não em outra”. Além disso, existem peças que são mais trabalhosas que outras.

Percebo que as rendeiras se incomodam com o pedido de desconto dos turistas. Com relação ao preço das rendas, há, inclusive, um conflito de interesses entre a presidente e as outras rendeiras associadas. Algumas me disseram que Socorro vende muito barato o trabalho delas, mas não o seu próprio trabalho. Dizem sentirem-se exploradas. Digo conflito de interesses, pois Socorro como presidente da Casa diz ser necessário ter clientes

que comprem, quanto mais, melhor. Diz que os turistas não pagam o preço que a renda realmente vale. Chega a dizer que “as rendas não tem preço”.

As rendeiras, por sua vez, embora estejam interessadas em vender suas peças e necessitem do dinheiro da renda não se sentem bem com o fato de saber que suas rendas, que deram tanto trabalho, sejam vendidas a um preço muito baixo. E parecem não estar tão convictas de que vender mais é melhor. Quando as rendeiras dizem a Socorro que o preço de suas rendas está muito baixo Socorro responde que é ela que sabe o valor, pois está por dentro do preço de mercado.

Perguntei a Francisca quais são as referências para calcular o preço das rendas. Disse-me: “teve uma moça que veio aqui ensinar a gente a calcular o preço de acordo com os gastos com material”. Francisca emprestou-me uma apostila que mostra como calcular o preço, mas diz que a conta é muito complicada e que é Socorro quem acaba por colocar os preços, pois eles sempre têm que passar por sua supervisão.

A apostila intitula-se “Curso de Gestão Coletiva e Formação de preços”. Na capa, há o desenho de algumas pessoas sentadas em cadeiras assistindo a uma pessoa explicando algo, em pé, em um quadro, com uma régua na mão apontada para o quadro. Entre as pessoas sentadas há um homem que está com a mão erguida. Perto dele estão outras duas pessoas, em pé, falando também. E abaixo do desenho as palavras, em letra maiúscula: “Aprendendo a decidir! Acreditem, Juntos seremos fortes” e logo abaixo a expressão “Boa Sorte”, em letras minúsculas.

De acordo com a apostila, o item 6 mostra uma planilha como modelo para ser preenchida com o mês da venda e os seguintes dados: data, nome da artesã, valor total da venda, R\$ pago para o artesão, R\$ pago ao fundo de caixa e comprovante do recebimento.

O item 7 expõe sobre “Indicativos para a formação dos preços”, explicando que, para formar um preço justo pelo trabalho artesanal, é necessário considerar os custos diretos referentes à mão de obra, materiais e embalagem e custos indiretos, que são descritos como Aluguel, Taxas, Água, Luz, Telefone, Combustível, Passagens, Transportes, Depreciação, Outros.

A apostila indica também outras planilhas a serem feitas para controle mensal de matéria-prima e estoque da mesma. Ainda, para calcular custos de comercialização são

utilizados percentuais pré-estabelecidos dispostos em uma tabela: imposto sobre vendas 15%, Comissões sobre vendas 3%, Frete 3%, Taxa de participações em feiras 1%, Cartaz/Propaganda 2%, Outros custos 1%. Total dos custos de comercialização 25%.

Ao analisar esta apostila - uma orientação empresarial para a associação – e, considerando as particularidades da cultura material em questão, bem como a relação rendeiras e renda de bilro, na Casa das Rendeiras, no contexto do norte do Piauí, percebo que uma peça como um colar, por exemplo, que é vendida por 15 reais, na Casa, pelas contas indicadas na apostila seria vendido por um valor bastante superior, que poucos turistas estariam dispostos a pagar, constituindo uma venda inviável. Isto se torna visível na observação de vendas na Casa, para o público e cliente turista, que, frequentemente, dirige-se às rendeiras em tom de autoridade, durante a venda ou na efetuação do pagamento das rendas. A relação turistas-rendas-rendeiras torna-se tensa, evidenciando que, no item “Indicação para formação de preços” da apostila, o item “Depreciação” seria de alto valor.

Para analisar a relação econômica envolvida nas rendas de bilro, isto é, os preços das rendas e a relação de comércio entre as rendeiras e os turistas, na Casa, é necessário considerar quantas pessoas estão disponíveis para o trabalho a ser exercido, o tempo de cada rendeira em seu ofício, as particularidades e condições para exercer o ofício.

Com relação aos preços das rendas, presenciei o que pode servir como um exemplo da maneira como o preço termina por ser estabelecido pelas rendeiras, na Casa: o telefone da Casa das Rendeiras tocou, era uma mulher que queria falar com Socorro, a presidente. Esta nos contou depois, que a mulher é uma artista plástica de São Paulo que fará um desfile de roupas e pede uma encomenda de 1000 camélias, no valor de R\$1,00 cada. Socorro diz que o valor deveria ser, no mínimo R\$1,50 e a cliente diz que pagará no máximo R\$1,25, pois não tem condições de pagar mais. Socorro me pergunta, “tá bom R\$ 1,50, né?”, enquanto Francisca me sussurra que deveria ser uns R\$2,50, pois o pistilho, uma peça que compõe a flor de camélia, é uma parte trabalhosa da renda. A encomenda é aceita.

A camélia é composta por três flores, uma pequena, uma média e uma grande e um pistilho. Essas flores são feitas independentemente, bem como o pistilho. Depois de feitas, uma a uma, as três flores são costuradas por uma agulha de modo a se tornarem,

esteticamente, somente uma, ou seja, compondo uma unidade de camélia. O pistilho é costurado em seguida, formando o núcleo da flor.



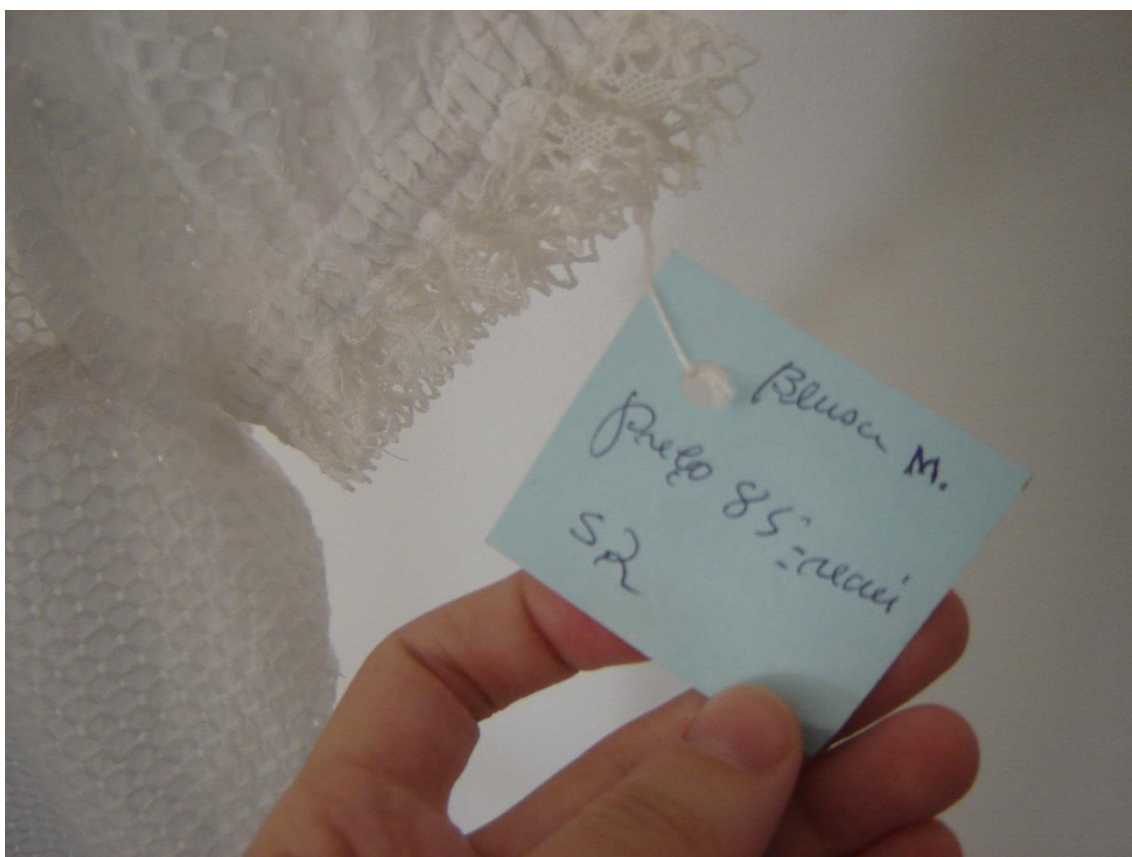
Além das compras feitas na Casa, as rendas circulam por encomendas que são feitas e enviadas pelo correio para diversos estados do Brasil. Socorro diz “às vezes a pessoa chega aqui, gosta e não tem pronta a peça ou não tem o tamanho dela e deixa a encomenda com o número de telefone. Quando fica pronta (a renda), eu mando”. O pagamento é feito mediante depósito em uma conta da “Casa das Rendeiras”, após a peça ficar pronta. Quando a renda é feita por mais de uma rendeira como, por exemplo, um vestido, cobra-se por partes.

Duas semanas depois que me estabeleci na Casa das Rendeiras, fotografei cada peça de renda de bilro que estava exposta para ser vendida na Casa. Nesta época, Socorro se mostrava preocupada com o mês de Julho “mês de muito turista”. Neste mês, duas rendeiras que rendam frequentemente na Casa iam viajar. Ednalva viajaria para Brasília, para visitar a família que lá reside. Francisca ia para o interior do Pará, onde mora seu pai. Disse que ele está muito doente e que faz cinco anos que não o vê.

Pelo fato de as duas rendeiras não estarem na casa no mês de Julho, a produção seria mais baixa, o que significa que a reposição de rendas para venda seria menor e que Socorro teria que recorrer a muitas rendeiras que trabalham a domicílio para fazer “pelo menos colares e brincos pra ter o que vender na Casa... senão turista chega aqui e não tem mais nada no final do mês”.

Relação das rendas em exposição e venda

As rendas ficam dispostas em um suporte de madeira, mostruário com vidro que permite que as pessoas as vejam. Há também um armário de madeira onde estão expostas algumas rendas e um cabideiro, em que ficam penduradas as blusas e vestidos. Em geral, as rendas estão dispostas para venda, portando um um pequeno pedaço de papelão em que fica inscrito o nome da rendeira.



No final de Julho, a Casa das Rendeiras tinha poucas peças expostas¹³⁶ para oferecer, uma vez que estavam com menos duas rendeiras e encomendas para entregar, o que tornava mais difícil ainda a reposição de peças.

¹³⁶ Tenho foto de quase todas as peças citadas. Estas fotos farão parte da dissertação.



Marcadores de página de livro:



2 cruces – R\$25,00 – Maria José (R\$ 12,50 cada)

Uma gravata fundo preto e renda colorida de branco, verde e vermelho (sem nome e preço)

Aplicações:

1 vermelha, 1 amarela, 1 verde – R\$ 4,00 (sem nome)

1 aplicação vinho (sem nome e sem preço)

1 aplicação marrom R\$ 2,00, Teresinha

2 aplicações, quadradas, pretas R\$ 10,00 cada, Iracema

1 aplicação branca, pequena-redonda, R\$3,00 (sem nome)

4 aplicações (presas por uma linha no mesmo papelão) R\$ 25,00 cada, Laura

2 aplicações brancas (meio sujas de ficarem guardadas - empoeiradas) R\$ 2,00 cada, Lele

Aplicação branca R\$ 15,00, Ana Costa

2 aplicações R\$ 50,00 cada, Ana Costa

4 aplicações R\$ 3,00 cada, Ana Costa

Toalhas:

1 toalha branca – Socorro Reis – R\$280,00

1 centro de mesa R\$35,00, (sem nome)

1 toalha de mesa branca R\$250,00 (S).

1 toalha de mesa bege Zélia R\$1800,00

4 caminhos de renda em linho R\$145,00 (sem nome)

Flores de cabelo: - tamanho pequeno R\$5,00 – médio R\$8,00 (sem nome). Cores: linha colorida, branca, rosa bebê, vinho, verde claro, roxa mesclada com rosa, lilás, preta cintilante, rosa cintilante, bege, azul bem clarinho.

Bicos:

6 metros de bico de cor verde R\$ 15,00, Hortência

3 metros de bico R\$ 15, H

2,5 metros de bico R\$ 20,00, H

3 metros de bico R\$5,00, H

(Pique) 4 metros a R\$ 10,00 (Azul) sem papel, Conceição.

5 metros de bico R\$ 5,00 o metro, H

Pequena 2 m a 8 reais

5 m a R\$ 8,00 o metro, Jesuila

6 m de bico R\$ 10,00, Eneolina.

5 metros de bico a R\$ 8,00, Quinha

5 metros de renda R\$22,00 o metro (sem nome)

5 metros de bico a R\$5,00 reais, Bete Matos

5 metros de bico a R\$ 7,00 reais (sem nome)

5 metros a R\$10,00 o metro, Jesuila

10 metros de R\$6,00 o metro (sem nome)

5 metros de bico a R\$ 22,00 o metro

2,5 metros R\$ 20,00, Albertina

4 metros a R\$5,00, Toinha

5 metros a R\$ 6,00 reais, Creuza

3 metros de bico de R\$ 20,00, Hortência

9 metros de bico a R\$5,00 o metro (sem nome)

3 metros de bico a R\$ 10,00, Enedrina

Colares:



Colar de estrela cor laranja R\$ 15,00, Francisca

Colar de estrela verde R\$ 15,00, Neili

Colar de estrela preto R\$ 15,00, Elani

Colar de estrela bege R\$ 15,00, Leila

Colar de estrela branco R\$ 15,00, Livramento

Colar de estrela verde claro R\$15,00, Neili

Colar redondo R\$15,00, Livramento



1 colar verde R\$20,00, Edilva

2 colares pretos redondos R\$ 20,00, Edilva

1 colar redondo preto

1 colar estrela bege R\$15,00, Joana

1 colar branco estrela, sem nome e sem preço

1 gargantilha preta R\$ 15,00, Ednalva

4 tiaras coloridas sem nome e sem preço:

Brincos:



Brinco azul escuro de estrela (não comprado) R\$6,00, Neili

Brinco vermelho (não comprado) R\$6,00, Neili

Brinco de estrela preta R\$6,00, Neili

Brinco de estrela verde R\$6,00, Neili

Brinco redondo branco e verde, R\$7,00, Judite

Brinco de coração branco com missanga vermelha, R\$7,00, Judite

Brinco de pingo branco com missanga rosa, R\$7,00 Judite

Brinco preto de pingo grande, R\$6,00 Ednalva

Brinco verde claro de estrela (mais comprado) R\$6,00, Maria José

Panos de Bandeja:



Pano de bandeja, R\$ 20,00, Lidiene
 Pano de bandeja R\$30,00, Neide
 Pano de bandeja R\$ 30,00, Chiquinha
 Pano de bandeja R\$ 8,00, Ananda
 Pano de bandeja R\$30,00, Hortência
 Pano de bandeja, R\$ 15,00, Hortência
 2 Pano de bandeja, R\$15,00, Meire Ceição
 Pano de bandeja R\$8,00, Prima da Branca
 Pano de bandeja, R\$ 15,00, Bete
 Pano de bandeja (bege), R\$30,00, Teresa
 Pano de bandeja Amelia R\$35,00
 Pano de bandeja de centro, R\$20,00, Graça Carvalho
 1 pano de bandeja, R\$30,00 Ana Costa
 4 panos de bandeja ,R\$10,00, Meire
 1 Pano de bandeja, R\$15,00, Laura
 1 pano de bandeja, R\$20,00, Lelé

1 pano de bandeja, R\$15,00, Larisse
1 pano de centro, R\$15,00, Graça Carvalho
1 pano de centro, R\$ 15,00, Mércia
1 pano de bandeja, R\$10,00 Meire C.
1 pano de bandeja (bege)R\$15,00, Tereza
1 pano de bandeja rosa (sem nome e sem preço)
2 panos de bandeja de cor preto e branco R\$8,00 cada, Iracema
1 pano de bandeja R\$30,00, Mércia
1 pano de bandeja, R\$20,00, Chiquinha
1 pano de bandeja, R\$30,00 Laura
1 pano de bandeja, R\$15,00, Yolanda
1 pano de bandeja vermelho, R\$35,00, Hortência
1 pano de bandeja R\$ 8,00, (sem nome)

Vestidos:

1 vestido bege, de linho, acompanhado de um cinto com uma camélia - R\$230,00, Socorro
1 vestido “Broderi” de algodão, preto e renda de cor branca, com o cinto – R\$235,00, Socorro



Palas:

- 1 pala branca – R\$ 25,00, Rosilda
- 1 pala branca e preta – R\$ 40,00, Hortência
- 1 pala preta e vermelha R\$ 25,00, Hortência
- 1 pala marrom claro R\$ 40,00, H
- 1 pala vermelha R\$ 25,00, H
- 1 pala branca R\$ 30,00, Ana Costa
- 1 Pala bege R\$25,00, Leyla
- 1 pala de costa R\$45,00, Lelé
- 1 pala R\$45,00, Livramento
- 1 pala R\$15,00, Sobradinho
- 1 pala R\$35,00, Neili
- 1 pala (costa) roxa R\$50,00, Dadyane

Blusas, batas e camisetas:

- 1 bata branca gola de renda azul R\$75,00, sem nome

Blusa preta em renda R\$80,00, Albertina
1 blusa marrom com renda marrom, R\$70,00, Socorro Reis
Blusa vermelha com gola laranja R\$70,00, Socorro Reis
Blusa branca R\$65,00, Socorro Reis
Camiseta preta de malha com renda R\$40,00, Socorro
Blusa vermelha de malha com renda R\$35,00, Socorro
Blusa malha verde com renda R\$65,00, Socorro
Camiseta malha de renda colorida R\$38,00, Socorro
Blusa com pala de renda R\$80,00, Socorro
Blusa rosa com renda branca, Socorro
Blusa branca com pala branca, Socorro
Blusa azul R\$65,00, Socorro
Blusa preta com renda colorida, R\$75,00, Socorro
Blusa preta R\$65,00, Socorro
Bata branca R\$75,00, Socorro
Blusa branca R\$85,00, Socorro
Blusa tamanho M R\$75,00, Socorro
1 blusa branca R\$ 120,00, Terezinha Sales
1 blusa branca R\$130,00, Alda
Regata preta em renda R\$80,00, Cida Roque
1 blusa amarela R\$95,00 Iolanda
1 blusa preta R\$100,00, Lelê
Blusinha com pala de renda, R\$75,00 S.

Boleros:

1 bolero tamanho P branco R\$80,00 (sem nome)
1 bolero M branco R\$120,00, Deuza
1 bolero G branco R\$150,00, Deolinda

Coletinho preto R\$120,00 (sem nome)



Parte 4

Intersecção de linhas das rendas de bilros – O Tempo

“Uma bifurcação da estrada parece dividir, não só este caminho, mas também o tempo” (Meneses, 2006:18).

O tempo é uma categoria e fator de grande importância para entender e expressar a relação rendas e rendeiras. O tempo é a linha que intercepta todas as relações expostas na dissertação para abordar a relação rendas e rendeiras e é explicitado no enunciado das rendeiras: “isso não tem preço”. Este enunciado me revela que o tempo da renda está em conflito constante em sua relação com o tempo do mercado.

A renda, ou melhor, o ofício de rendar, exige tempo de vida, dedicação, priorização, compartilhamento, amizade, dificuldades, conhecimento e aprendizado. O próprio fato de as rendeiras estarem na Casa, com a finalidade de rendar, exclusivamente, explicita a dedicação de que a renda necessita.

Além disso, o valor atribuído às rendas no mercado não paga o ofício de rendar, precisamente porque este ofício exige tempo de vida, dedicação, organização, disciplina, conhecimento, aprendizado, cumplicidade, compartilhamento de informações e amizade. As rendeiras me perguntam e se perguntam ao mesmo tempo: como se mede tudo isso? Como se coloca um preço, um valor a tudo isso que a renda envolve?

O significado de a renda não tem preço também está associado ao baixo valor com que são pagas as rendas, mediante a venda na Casa, nas feiras e encomendas, pois o tempo de fazer uma renda, o tempo de encomenda e de venda do mercado não são correspondentes ao tempo do rendar, cujos processos são minuciosamente explicitados, principalmente, na seção “Fazer”.

O baixo valor pago às peças de rendas me leva a considerar também a falta de reconhecimento do trabalho manual nesse contexto e o próprio reconhecimento da profissão de rendeira no mercado.

As professoras de renda, quando financiadas para dar cursos, percebem/reconhecem a existência de um estatuto diferenciado perante a sociedade em termos de reconhecimento

de uma profissão remunerada; não receber um salário fixo ao fazer renda para vender para turistas é desconfortável para as rendeiras, pois o dinheiro varia muito de mês para mês e não há garantia nenhuma de uma remuneração básica. As mais jovens deixam de render, principalmente por não ser uma profissão de prestígio social. Elas querem trabalhar com a moda divulgada pela TV e receber um salário fixo.

Elas assumem isso como uma dificuldade e também um desprestígio da profissão, que não é remunerada por um órgão de estado ou da iniciativa privada, configurando menor valor diante das outras profissões da sociedade. Existe essa comparação com outras profissões, um problema para as rendeiras que estão acima de 30 anos é esse.

Outra relação deste contexto que é perpassada pelo tempo é minha relação com as rendeiras, pois no tempo em que estive na Casa, criei um vínculo de amizade com as rendeiras que compreenderam que eu demoraria um tempo para revê-las. E, após dois anos, ainda se comunicam comigo pelo telefone e facebook e aguardam a minha volta. Existe um tempo para tornar-se amiga e alguém de confiança das rendeiras e para isso também cada rendeira tem seu tempo. A Casa é frequentada por pessoas das mais diversas gerações.

Outra forma de mostrar-me o tempo, na Casa, foi meu passeio pelo armário da Casa das Rendeiras, em que encontrei fotos de diferentes momentos de localização e construção da associação enquanto Casa. Assim como o caderno, que me revelou, por meio de amostras de rendas, o momento em que alguns pontos de rendeiras do passado atualmente tornam-se inspiração para os desenhos da renda. Alguns pontos das rendas de muitos anos atrás ainda são feitos por essas rendeiras, outros se tornaram memória¹³⁷ em um caderno.

Ao pesquisar sobre a circulação das rendas, e suas possíveis formas de movimentação da Europa para cá, busco tramas de rendas em outros países e em tempos remotos, por exemplo, o tempo da colonização do Brasil.

O caderno de rendas de bilros é, a meu ver, a prova viva de que o tempo perpassa todas as relações que pude apreender na Casa. A seguir, apresento uma etnografia visual a respeito deste caderno buscando conhecer uma relação de conhecimento (os pontos da renda) e tempo.

¹³⁷ Nesta seção, utilizo o termo memória que, além do sentido de lembrança também remete à transmissão de um conhecimento, isto é, à transmissão do ofício de render. Alguns pontos, deste caderno, são feitos ainda por Socorro, como inspiração para os desenhos de molde de rendas, mas há pontos que não serão mais feitos.

Etnografia Visual de um acervo comum: o caderno

Minha dissertação faz uso da fotografia sob duas óticas. O primeiro uso que faço da fotografia é do começo da dissertação até a parte 3, inclusive. Nesta parte, as fotografias expostas na dissertação tiveram como finalidade e intenção revelar um trabalho de registro, em que palavra e imagem se encontram. Mas conversam e entrelaçam-se sem o critério para uma etnografia visual ¹³⁸. Na parte 4, as fotografias ganham um trato diferente sob a perspectiva de uma etnografia visual.

Explicarei, primeiramente, as razões que me levaram a fazer um uso ilustrativo das fotos até a terceira parte (inclusa) da dissertação. Em seguida, explicarei minha perspectiva a respeito da etnografia visual, e, para fazer esta etnografia, orientei-me por dois autores: Etienne Samain e André Alves ¹³⁹.

Quando fui a campo, tinha em mãos uma máquina fotográfica, uma câmera para filmagem e total amadorismo em conhecimento em fotografia, além das que via e gostava, mas não sabia explicar como nem por que eram minhas fotos favoritas. Pensei: é só apertar o botão no momento em que algo me chamar a atenção ou quando, aparentemente, nenhum fato ou momento chamar-me a atenção.

Quando entrei na Casa das Rendeiras, percebi que, se assim prosseguisse, teria muitas fotos sem saber o que fazer para organizá-las e adequá-las à minha intenção etnográfica. A Casa, já no primeiro olhar, mostrava grande número de rendas em exposição e, simultaneamente, para venda.

Tive a oportunidade de ter muitos olhares sobre a Casa, com a Casa e suas relações mais íntimas, pois nela dormia e acordava. Pude acompanhar esse espaço em relações e minha peça chave eram as rendas de bilro que se mostravam espalhadas por todos os cantos da Casa para as mais diversas funções. Deste modo, optei por fotografar, intuitivamente, no momento em que pudesse, uma vez que as próprias fotografias são uma negociação constante em campo.

¹³⁸ E isto tem uma razão que será ainda explicada nesta seção.

¹³⁹ Detalharei a respeito de um trabalho destes dois autores mais à frente.

Minha moeda de troca com as rendeiras era minha companhia e a emoção visível que eu sentia toda vez que olhava uma renda de bilros, em confecção e em peça exposta. E esta foi uma característica minha, enquanto pesquisadora, antropóloga: não esconder jamais a emoção curiosa ao ver cada renda em cada momento. E percebi que esta minha característica chamava a atenção das rendeiras. Percebi também que meus primeiros passos de registro das rendas foram acertados para eu ganhar a confiança necessária para interagir e aprender com elas. Fotografei todas as peças que estavam para venda na Casa no mês de junho.

A partir deste registro com as rendeiras na Casa, elas se interessaram por mim, pelas minhas perspectivas, meu ofício, meu modo de apreciar e chegar até as rendeiras. A partir de então, as fotos “rolaram soltas” (se intensificaram de modo fluido, espontâneo). A fotografia nos uniu, diferentemente do que costumava acontecer com jornalistas quando pediam para tirar foto das rendas¹⁴⁰. A fotografia possibilitou a criação de um vínculo entre nós, dando-nos outras formas de expressão e possibilidades. Como, por exemplo, nos momentos em que Livramento, a rendeira da Casa que não gosta de ser fotografada, senta-se à vontade para me chamar e dizer : “Olha, Carol... como ficou bonita essa renda? Tira uma foto!”.

Havia também momentos em que Francisca pegava a câmera e filmava as outras rendeiras e a mim em ofício. Aprender o ofício de rendar bilros foi a segunda aproximação bem sucedida, pois permitia-me sentir a dor nas costas e sentir a falta dos óculos. Quando um ponto se desmanchava... ou uma ponta de linha no bilros arrebentava, ou quando pedia ajuda. E como era intrincado, para mim, aprender os pontos, considerados pelas rendeiras, mais simples e fáceis.

Quando voltei para Campinas, tinha tantas imagens fotográficas que não sabia como lidar com elas em minha pesquisa. No momento em que escrevi a primeira linha da dissertação com o intuito de explicar um ponto que aprendi das rendas de bilros, na Casa, percebi que as palavras não eram suficientes. Mas em momento algum pensei que as palavras poderiam ser substituídas por imagens. Não se trata de substituição, trata-se do uso

¹⁴⁰ Nesse momento a fotografia, de acordo com minhas observações de campo, afastavam as rendeiras mais tímidas, deixando-as encabuladas e respondendo brevemente qualquer pergunta.

da imagem a fim de mostrar possibilidades outras de percepção. Como nos alerta Alves (2004):

a fotografia registra, muitas vezes de forma eficiente do que o texto, os aspectos materiais (o que pode ser visto, tocado), mas não pode registrar o significado que os objetos ou os gestos representam no imaginário de quem os realiza ou os observa. Uma canoa pode ser fotografada. Ela estará materializada na fotografia. Mas não é possível registrar em sua imagem o que ela representa para o seu dono, todas as histórias nas quais esteve envolvida, enfim, o seu conteúdo simbólico, pois este não pode ser registrado por meio da imagem (2004:234).

Do material fotográfico de campo, após uma análise com uma especialista da área de antropologia e fotografia¹⁴¹, percebi que se objetivasse fazer uma etnografia visual teria que abordar minhas fotos sob outra ótica. Deveria exercitar um olhar mais detalhado nas fotos focalizando os detalhes de cada renda e seus pontos algo que, em meu amadorismo, a respeito da fotografia e suas técnicas não consegui fazer nas pesquisas de campo e eu não teria condições financeiras para voltar a campo.

Mediante tal percepção, a respeito de minhas fotos tiradas em Morros de Mariana, entrei em contato com as rendeiras da Casa e perguntei se havia possibilidade de elas me emprestarem o caderno para a pesquisa. Quinze dias depois, via correio, o caderno estava em minhas mãos¹⁴².

Agora em condição privilegiada por receber, pelo correio, um caderno com antigas¹⁴³ amostras de rendas escolhi fazer uma etnografia visual de um momento de minha pesquisa, o momento de inspiração, referências e transmissão do ofício de render. A inspiração em movimento, que estava guardada no armário da Casa. Um caderno que tem a mesma função de uma caixa, que Socorro carrega consigo de casa para a Casa e vice-versa.

Para tanto, baseio-me no livro de Alves (2004), em sua pesquisa a respeito dos caçadores de caranguejos ou, para usar a palavra escolhida por Alves, *Os argonautas do mangue*, propositadamente associado ao livro de Malinowski, *Os argonautas do*

¹⁴¹ A pesquisadora doutora Fabiana Bruno.

¹⁴² Após voltar para Campinas, depois de minha pesquisa de campo, mantive contato com as rendeiras por telefone e *facebook* e isto me possibilitou continuar o vínculo com as rendas e rendeiras. Por isso, pude pedir o caderno emprestado.

¹⁴³ Não obtive uma informação a respeito de quando é este caderno, apenas pude saber pelos sinais do tempo e pela rendeira Socorro que esse caderno está no armário da Casa há mais de anos. Por esse motivo uso a palavra *antiga* para caracterizar o caderno e as amostras de rendas.

Pacífico Ocidental (1976). Homens guerreiros¹⁴⁴, caranguejeiros do município de Vitória (ES), conhecedores e sapientes do mangue, dos temperos da natureza dos fatores naturais que “regem seu funcionamento” (ALVES, 2004:77), e, das técnicas para apanhar os caranguejos¹⁴⁵.

O trabalho de Alves (2004) é significativo para minha etnografia visual, pois aborda a coleta de caranguejos como um modo de conhecimento que possui uma técnica, experienciada e aprimorada constantemente pela prática da coleta. Seu trabalho mostra também a transmissão desse conhecimento entre os homens de Vitória.

Desse modo, vejo o trabalho de Alves (2007) próximo ao meu, na medida em que minha pesquisa também aborda a relação das rendas e rendeiras em ofício, como um modo de conhecimento cuja técnica exige contato frequente com os materiais da renda, além de mulheres que possam transmitir esse saber. A habilidade de render é adquirida com a prática e a convivência com outras mulheres em ofício.

Mas meu trabalho distancia-se um pouco do de Alves (2007) com relação à apresentação das fotos. Diferentemente de Alves (2004), que apresenta as fotografias em pranchas, em uma sequência de momentos em campo, minha etnografia visual propõe-se a fotografar o caderno de amostras de rendas de bilros guardado em um armário da Casa sem um plano sequencial dos processos do ofício de render, mas sim de um momento desse ofício. Mas as fotos de Alves (2004) me auxiliaram a tomar contato com o campo da etnografia visual em estudos da antropologia e a imagem e, assim, registrar o momento das amostras do caderno. Além da importante revisitação de Samain (2004), a obra visual *Balinese Character* (1942). Nesta análise e revisitação, Samain (2004) discute e mostra a importância das imagens para o estudo da antropologia e nos dá pistas de como começar a trabalhar com as imagens.

¹⁴⁴ De acordo com Alves (2004) Argo foi o primeiro navio de grande porte com o qual os gregos navegaram em mar aberto.

¹⁴⁵ Os argonautas do mangue apresenta o prefácio de Etienne Samain a respeito da *Balinese Character* (Re)Visitado, uma introdução à obra visual de Gregory Bateson e Margareth Mead, considerados os primeiros antropólogos a proporem uma etnografia visual em *Balinese Character*.

Minha primeira incursão à etnografia visual

Antes de prosseguir, preciso dizer que este é o começo de minha incursão na antropologia visual e meu primeiro contato com a etnografia visual. Assim, é um trabalho de experimentação e busca de conhecimento dessas imagens. Um trabalho que seguirá no doutorado de modo mais detalhado e preparado. Por hora, não quis perder a oportunidade de revelar imagetivamente o caderno de amostras. Minha etnografia visual segue no sentido de mostrar um modo de conhecimento, não em suas diversas etapas, mas em um momento específico: o momento da composição e um caderno que já foi utilizado como referência de preços para venda de rendas na Casa.

O caderno contém pedaços de rendas, em metro, com diversos motivos de rendas revelando combinações de pontos que não são mais feitas. Inspiram a reconfiguração de desenhos sob diferentes combinações de pontos¹⁴⁶ e revelam que um dia esses pontos foram feitos pelas rendeiras dos Morros.

Não possuo informações em palavras a respeito do caderno, uma vez que, em minha pesquisa de campo, não consegui saber há quanto tempo este caderno está na Casa e sua movimentação. E, nesse sentido, as imagens são uma possibilidade bem vinda e não menos importante de conhecimento a respeito da relação das rendas e rendeiras.

Ofereço aqui imagens em que é possível identificar um momento do ofício de rendar. O momento das rendas em desenhos, moldes de papelão e em amostras do caderno. É possível observar a passagem do tempo nesse caderno, com o desgaste, enferrujamento de algumas rendas e das folhas em que se encontram as rendas, pelo uso em momentos anteriores e o pó, sinal do caderno guardado no armário há algum tempo.

No entanto, mais do que ilustrar um movimento das rendas do caderno, intento revelar a possibilidade de conhecer rendas pela imagem de sua textura e diferença em seus pontos. A mesma amostra contém vários pontos e a imagem revela a formação desses pontos e as diferenças de um para outro. Por isso, fotografei, em alguns momentos, apenas

¹⁴⁶ Socorro inspira-se em rendas iguais as amostras do caderno para fazer seus desenhos. Mas usa somente os pontos que sabe fazer. Ou que alguma rendeira mais velha pode ensiná-la. Mas alguns pontos já não são mais de conhecimento de nenhuma rendeira.

uma renda, proximamente, para focalizar o desenho de seus pontos em linhas. Fotografei também algumas páginas, revelando a disposição¹⁴⁷ dessas amostras nas folhas.

Por fim, minha intenção é revelar um caderno por imagens. Um material que possibilita o conhecimento de rendas sob outra perspectiva além da palavra. E é um exercício apreciativo, “no que diz respeito às relações existentes entre as potencialidades do suporte verbal e as potencialidades do suporte imagético, no quadro desse monumento da antropologia visual. (SAMAN, 2004:)”.

Apoio-me em Samain (2004) sobre o ofício do antropólogo:

O antropólogo (...) procura observar, conhecer e entender o “real”, esse campo vastíssimo da “realidade” humana. (...) Um gigantesco território vivo, recortado, no tempo e no espaço, por histórias, memórias, imaginários; atravessado por símbolos, sonhos e novos recomeços. Eis o que procuramos definir minimamente, quando falamos de “culturas” humanas. Delas, todavia, podemos entrever apenas o que oferecem à nossa observação e à nossa experimentação (...) O cientista social sabe (...) que dessa complexa realidade humana, somente pode recolher “pedaços” e “fragmentos”. A não ser que seja estúpido, tem consciência de que tudo aquilo que tentará evocar, mostrar ou descrever permanecerá sempre um estilhaço, ou algumas migalhas da “realidade” (2004:67).

No entanto, assim como as notas de campo de um texto final exigem elaboração intelectual dos dados:

a fotografia, para transmitir o que se está vendo e o que se sente no momento do clique, exige uma elaboração plástica do que se tem enfocado. Se não existir uma coerência mínima na organização dos elementos que compõem a imagem, o leitor simplesmente não vai entender a mensagem que quis com ela transmitir. E essa fotografia será, conseqüentemente, mais uma daquelas que devem ser explicadas para que possam ser entendidas (...) As fotos escolhidas têm de transmitir com clareza o que se estava enfocando no momento do clique. (2004:233).

O caderno é aqui fotografado e pensado como coisa e matéria¹⁴⁸, transmissor de um saber, através de gerações, do render bilros revelando conhecimento, transmissão, antepassados e memória, um ofício que exige imensa dedicação cotidiana.

¹⁴⁷ Não segui a disposição das fotografias, em prancha, como no trabalho de Alves (2004), seguindo os comentários pessoais na banca de qualificação de Fabiana Bruno. Segundo a professora, dispor as fotos em pranchas acabaria por ocultar a visualização do ofício de render em movimento, ressaltando seus pontos separados. Nesse sentido, ao usar tal disposição nessa seção de fotos, busco capturar essas linhas em todos os seus movimentos, mostrando as relações das rendas e rendeiras.

¹⁴⁸ Na concepção de Ingold (2012).

A etnografia do caderno, a cujas informações tenho acesso por imagens palpáveis, e não pelas palavras, revelam a memória¹⁴⁹ de um rendar considerado antigo e não mais feito. As amostras do caderno inspiram formas para desenhos de moldes da renda de bilros. A textura, a cor, o pó e o tempo estão impregnados nas páginas do caderno. Senti-me como que abrindo um baú empoeirado. E entendi que a memória é das rendeiras e minha também.

Algumas das rendeiras da Casa não reconhecem as rendas ali coladas, assim como eu que não conhecia as rendas de bilros de modo técnico. Mas, ao receber o caderno, tive a lembrança do lugar onde passei três meses em pesquisa de campo: a Casa, os Morros de Mariana, as rendas e rendeiras.

O caderno é a memória de uma Casa, de um tempo e de uma geração. É, ao mesmo tempo, acervo de emoção e história, ainda que em desuso na Casa. O caderno veio do Piauí para Campinas, trazendo consigo as rendas e rendeiras, convivências e histórias. O movimento das linhas que compõem as rendas e sua circulação. Uma forma de circular marcada, inclusive no tempo, a partir de uma tabela de preços, ainda em cruzeiros, registrada ao lado de cada amostra de renda. Além disso, é possível observar entre as rendas, palavras escritas a tinta, que revelam medidas de peças que foram encomendadas, anotadas, a quantidade e o preço.

Caderno, capaz de ativar minhas próprias memórias pessoais. Lembranças de um recipiente de cor preta e de um vidro colorido que ficavam atrás da máquina de costura de minha avó. O recipiente preto assemelhava-se a um cesto de lixo e continha pedaços de pano das mais diversas texturas e qualidades. Retalhos de tecidos que minha avó, costureira, guardava. Não sei ao certo para que ela os guardava, mas ali estavam e fizeram parte de minha infância e adolescência. Quanto ao vidro colorido, este continha botões das mais diversas formas, cores e aspectos. Assim, meu envolvimento pessoal com o ofício de rendar diz respeito à minha atração e curiosidade por trabalhos manuais, as rendas, particularmente, pela estética e beleza. Mas, sem dúvida, pela proximidade de muitos familiares que trabalhavam com trabalhos manuais. Minha avó materna era costureira,

¹⁴⁹ O termo memória, aqui, refere-se aos pontos de rendas que foram feitos por rendeiras que já morreram. Memória também diz respeito à transmissão de um conhecimento. Transmissão essa no ensino de alguns pontos das rendas de bilros. Esse caderno guardado no armário estava em desuso, mas, Socorro carrega várias amostras similares as do caderno, em uma caixa, para se inspirar em desenhos de rendas.

minha tia materna bordava e costurava também. Meu avô materno era carpinteiro da Ferrovia Paulista de Estradas de Ferro (trabalhou com as pequenas tábuas de que eram feitos os trens de madeira no início do século passado) e fazia materiais em madeira, dos quais tenho ainda hoje uma pequena cadeira. Minha avó paterna exercia a profissão de cabeleireira. Além disso, fui criada ao redor de muitas rendas, pois minha mãe gostava de ornamentar a casa com rendas de diversas técnicas.

Deste modo, as fotos revelarão meu envolvimento no processo de pesquisa:

a fotografia, na antropologia, tem (...) esta distinção ou franqueza ímpar: a de nos mostrar o que o fotógrafo viu ou quis ver num dado momento. E se é verdade que o antropólogo/fotógrafo pode, ele também, na construção de seu discurso imagético, eleger ou esconder algumas de suas fotografias, resta que as fotografias apresentadas nunca poderão revelar outra coisa a não ser o que elas, efetivamente, registraram. (SAMAIN, 2004:54).

Ao etnografar visualmente o caderno, mostro um conjunto de fotos, às vezes uma, às vezes duas por página, em que privilegio o olhar estético e técnico dos pontos das rendas e as características sensoriais das mesmas expostas no caderno. Fotografias que privilegiam os detalhes desses modelos e mostram a disposição dessas amostras em folhas de caderno.

Além disso, fiz uma breve etnografia, também, visual de alguns dos materiais trazidos por mim da Casa das Rendeiras. São eles: pontos de rendas em metro, feitas por mim, moldes em papelão de rendas que são utilizados na Casa e, por fim, o molde de uma peça do ponto de renda de bilro chamado ponto *aranha* associando este ponto ao elaborado tecer de uma aranha, a sua teia. Com essa exposição, tenho o intuito de mostrar uma variedade de materiais do universo das rendas de bilros¹⁵⁰.

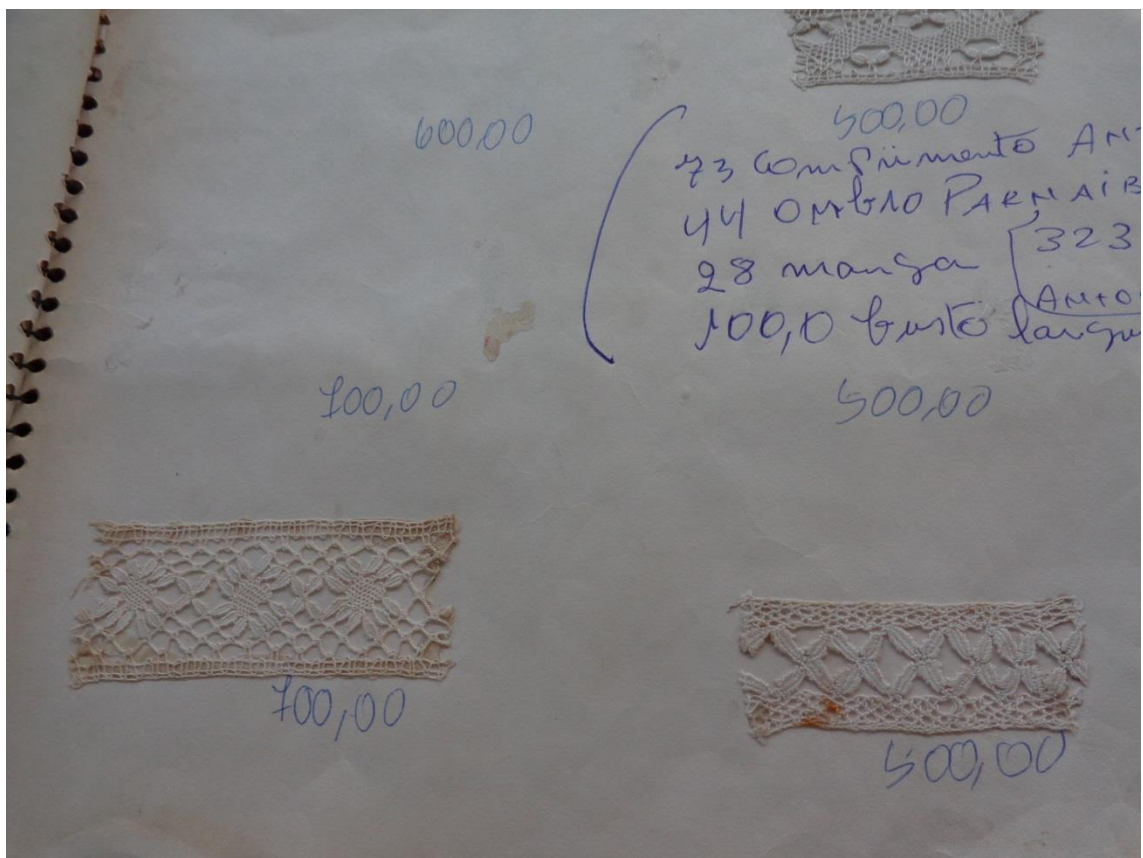
Disposições, pontos e sinais do tempo

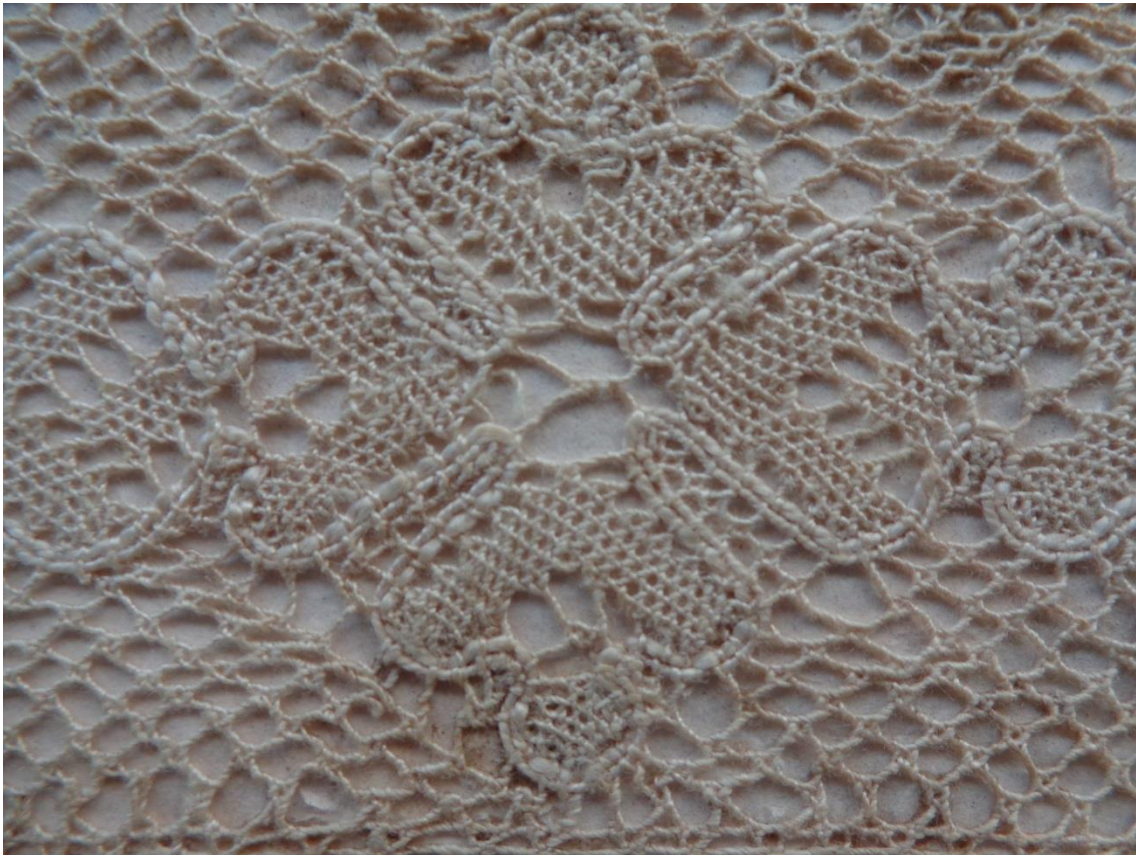
O acervo do caderno

¹⁵⁰ As fotografias do caderno e do molde de papelão foram realizadas com uma câmera fotográfica Sony, Cyber shot. 16.1 Mega Pixels. DSC-W690.



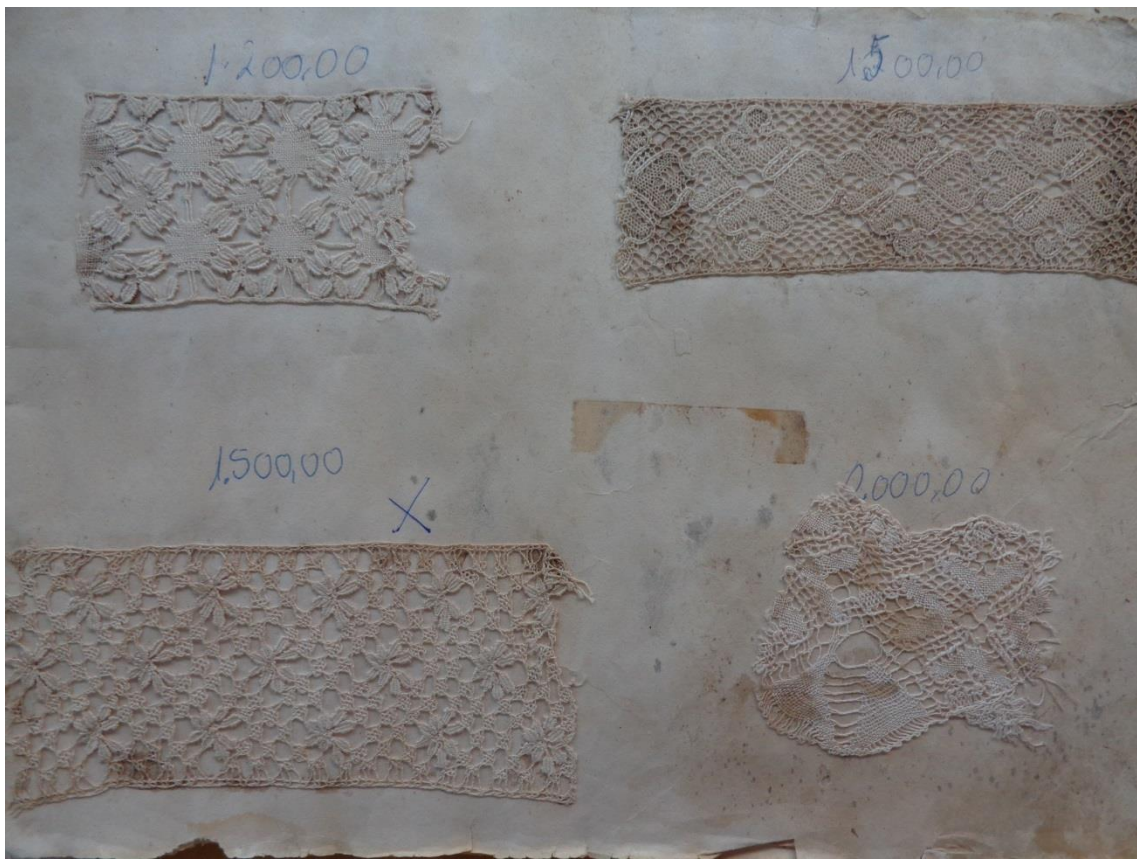






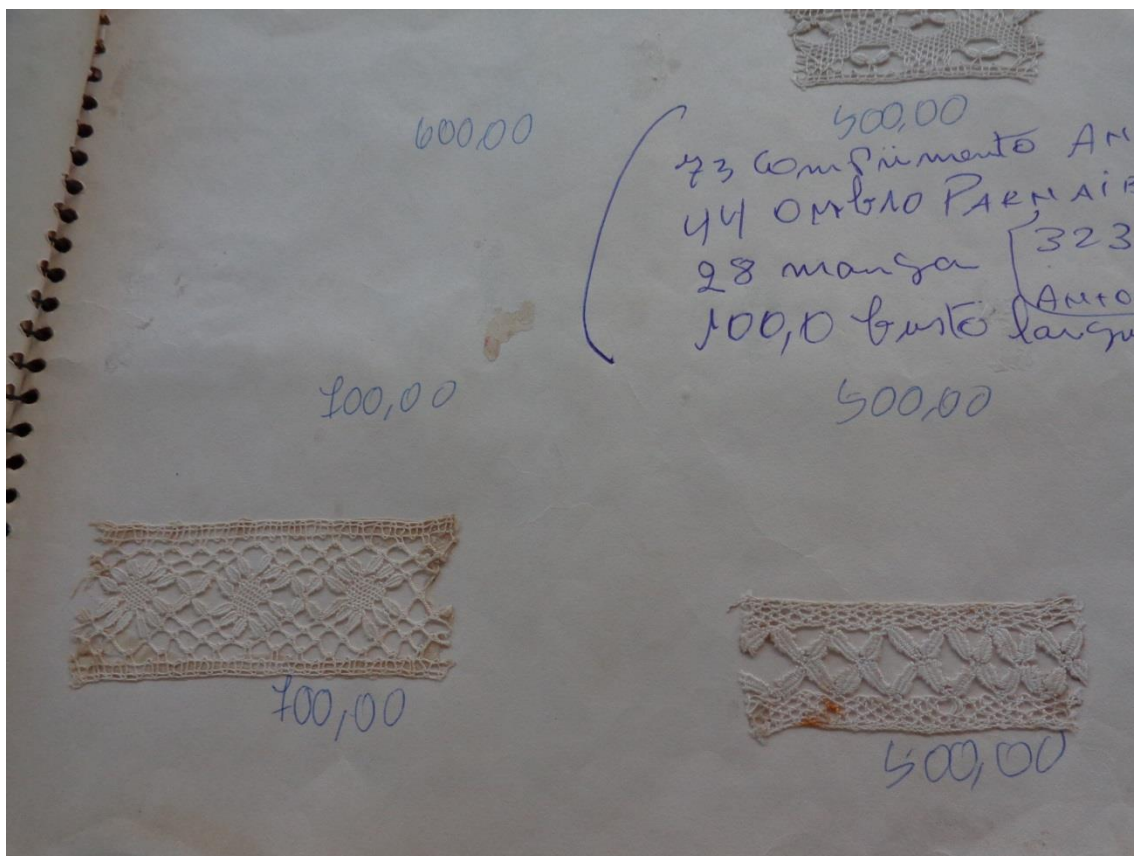






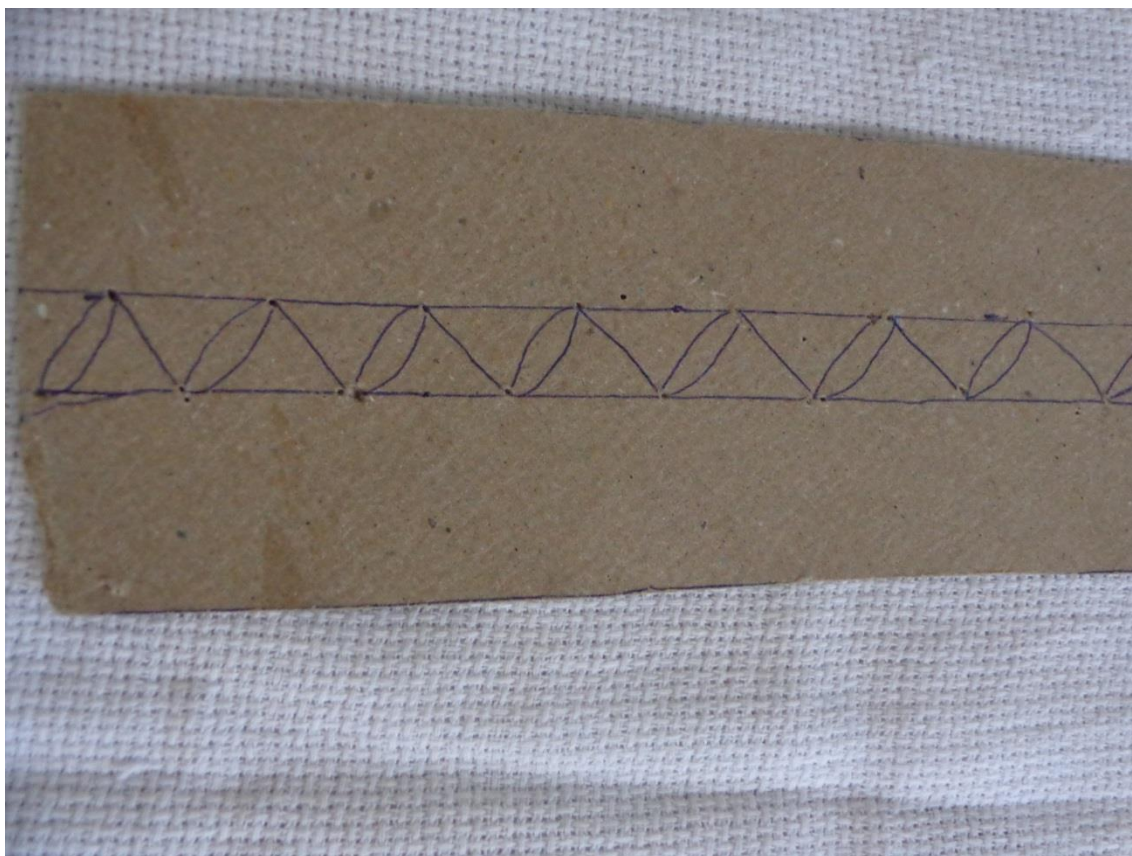


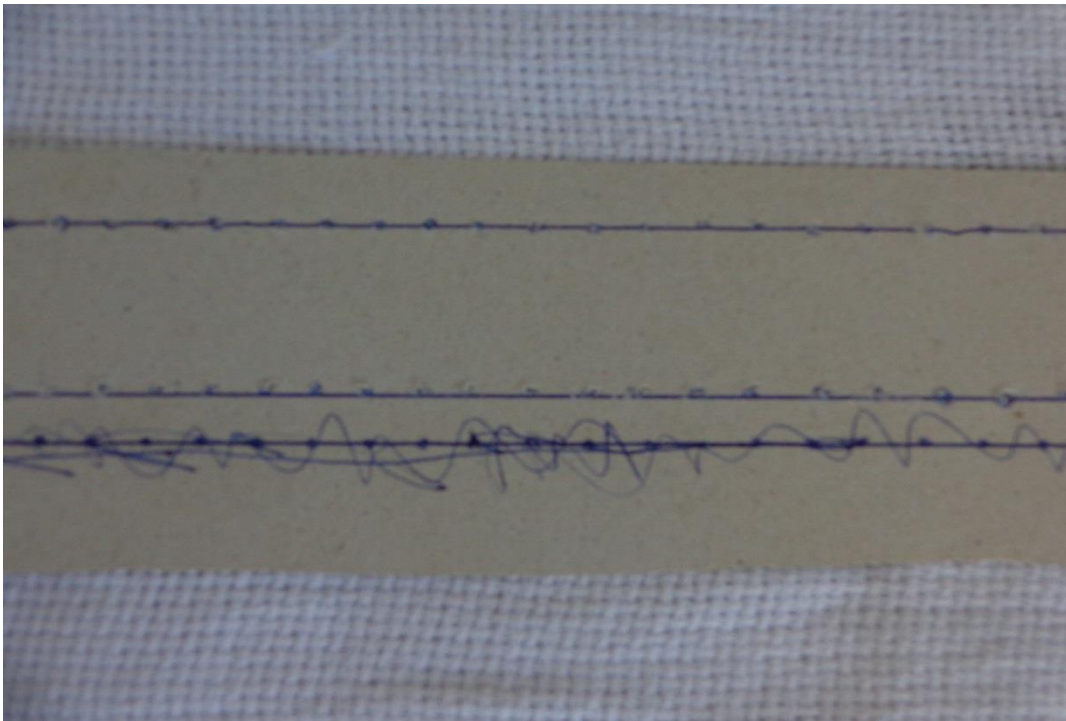
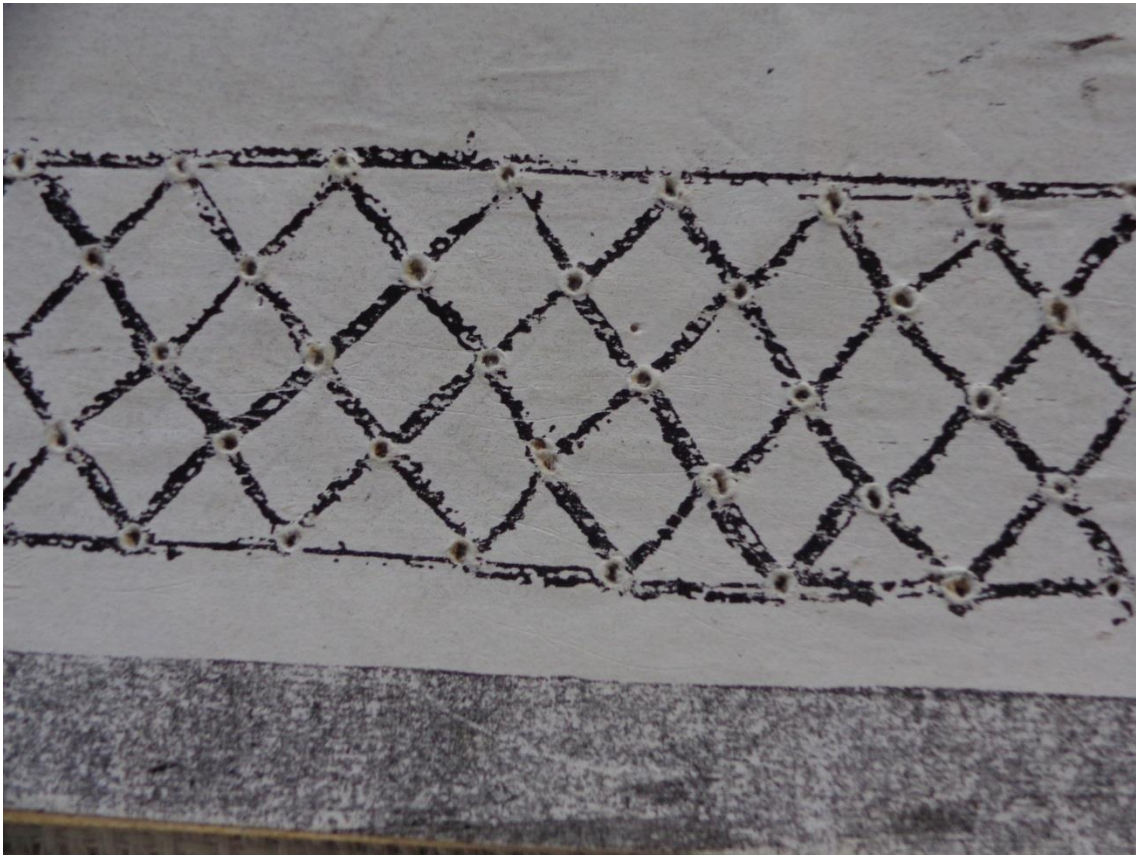


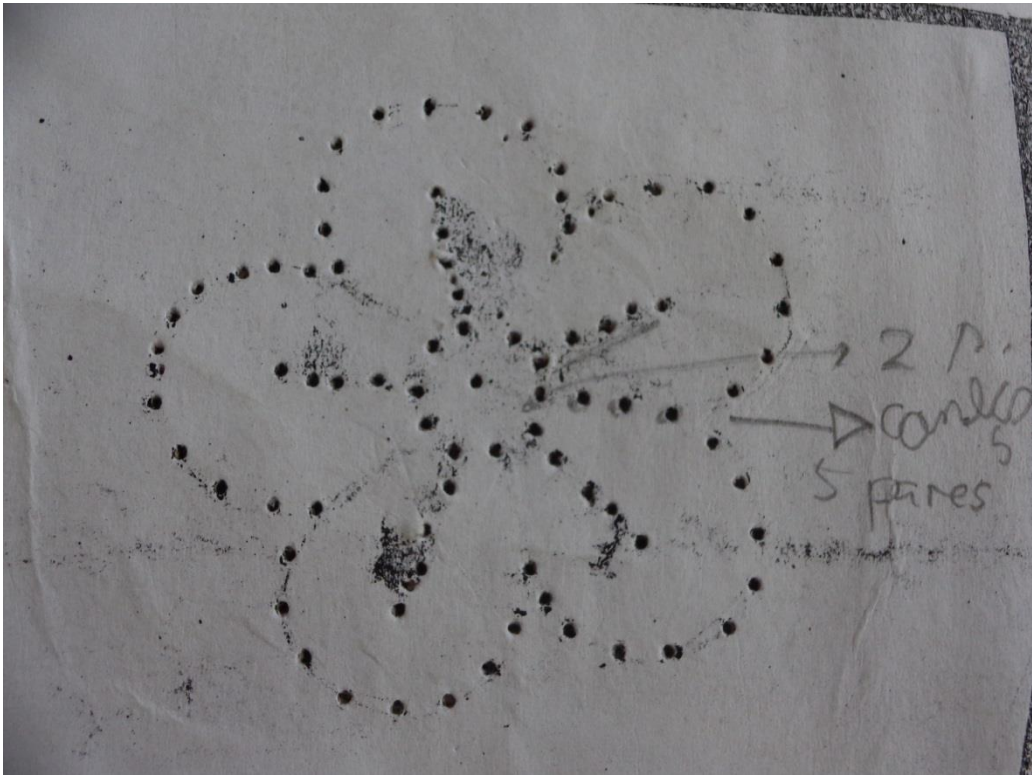




Moldes no papelão

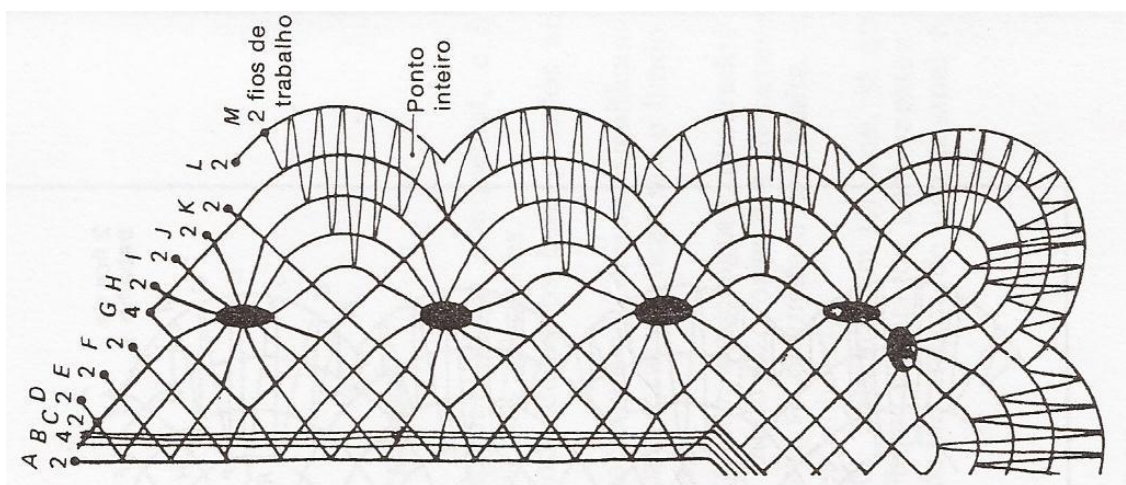


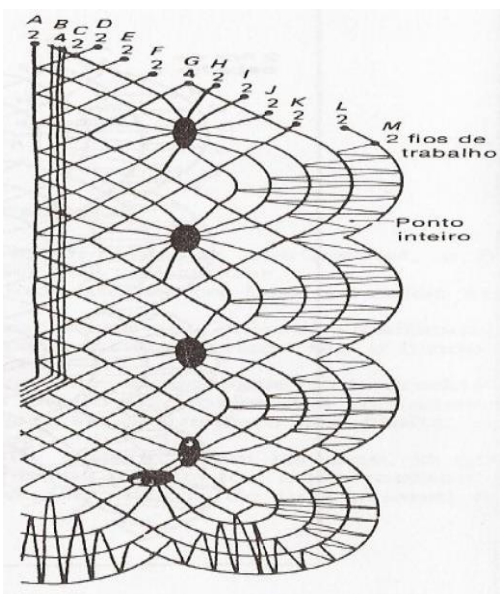






O ponto aranha





Considerações Finais

Quando voltei para casa, depois de minha segunda pesquisa de campo, carregava na mochila um computador, minha câmera fotográfica marca SONY¹⁵¹. Carregava também uma pequena mala que continha roupas, uma caixa de papelão embalava uma almofada de rendas de bilros, uma grade, dois novelos de linha e aproximadamente 20 bilros.

Além dos bilros que comprei de Nonato, trazia alguns outros especiais. Bilros doados: antes de eu ir embora, cada rendeira me deu um de seus bilros, usado, e eu dei um bilro meu para cada uma delas.

Quando comecei a organizar as fotos e dados do meu caderno de campo para começar a escrever a dissertação, senti falta do movimento da Casa das Rendeiras, minha morada por dois meses. Sentia falta das pessoas, das rendas, das vozes, das conversas, dos passos, da comida. Meu corpo sentia falta do esforço que fazia para percorrer os Morros de bicicleta. Tinha saudades dos banhos de rio e de mar¹⁵².

Com isso, percebi que teria que escrever um texto sobre essa vivência e com essa vivência, há muitos quilômetros de distância. Estava preocupada em como fazer um texto acadêmico, sendo que sentia tamanho envolvimento emocional com meu local de pesquisa de campo.

Minhas estratégias para escrever foram: rever as fotos do campo¹⁵³ e ouvir as gravações que trouxe do Piauí. Com as fotos pude pensar em imagens e escrever sobre as rendas e rendeiras, com as rendeiras, para as rendeiras, entre as rendeiras e os turistas e sobre as rendeiras e eu, os pontos das rendas... Retomando minha proposta de pesquisa, fiz uma etnografia a respeito das rendas de bilros e rendeiras, na Casa das Rendeiras em Morros de Mariana. Para tanto, busquei descrever as principais relações das rendas e rendeiras, em uma abordagem que me possibilitasse mostrar essas relações em constante movimento, evidenciando a circulação das rendas de bilros na Casa. Fiz uma síntese acerca

¹⁵¹ As fotos das partes 1, 2 e 3, tiradas por mim, também foram feitas com essa câmera. Não possuo mais essa câmera para saber características mais específicas além da marca.

¹⁵² As rendeiras ligavam constantemente no meu celular além de mandarem mensagens.

¹⁵³ Tive a primeira pista ou sinal, aqui, de que as imagens teriam grande importância para a escrita da dissertação.

das possibilidades de origem das rendas de bilros e sua circulação no Brasil, buscando o contexto das rendas e das bibliografias já conhecidas a respeito do ofício de rendar na Europa e sua circulação para o Brasil.

Evidenciei a Casa das Rendeiras enquanto associação, micro empresa financiada pelo Sebrae¹⁵⁴ para dar cursos e espaço de sociabilidade das rendeiras. Procurei utilizar uma abordagem que me permitisse descrever as relações das rendas e rendeiras para além das relações econômicas. Isto é, uma abordagem que permitisse descrever o envolvimento emocional e estético das rendeiras para com as rendas.

Busquei contextualizar o local de minha pesquisa de campo e a história da Casa das Rendeiras, enquanto um espaço de socialidade das rendeiras, (“nas rendeiras”), a Casa enquanto associação e laços extra domésticos possíveis de serem descritos nos meses vividos nos Morros, observando a circulação das rendas de bilros, das rendeiras, turistas, pesquisadores e outros visitantes da Casa.

Com o intuito de me aprofundar na análise do ofício das rendas de bilros em relação com as rendeiras, baseei-me em Ingold (2007, 2012, 2012), que aborda a existência das coisas enquanto seres que, como qualquer ser vivo, só existe mediante o estabelecimento de relações. Essas relações podem ser conhecidas pelas linhas, os vestígios que as coisas imprimem em sua existência. Assim, para conhecermos e investigarmos as coisas, suas materialidades, é necessário pensar que todas as coisas existem em relação e tem a forma de linhas ao longo das quais se movimentam.

Busquei descrever os movimentos que me foram possíveis apreender: a investigação a respeito dos materiais da renda e sua relação com as rendeiras, na confecção dos materiais e na movimentação destes em ofício. Como tive a oportunidade de aprender alguns pontos da renda de bilros, tornei mais descritivo o aspecto da transmissão e da aprendizagem do ofício de rendar, na escrita. Fiz o possível para mostrar alguns pontos transmitidos pelas rendeiras a mim, e para mostrar as relações das rendeiras para com a presidente da Casa e a relação das rendeiras entre si em afinidades e diferenças no ofício e rendar. Além das relações entre rendeiras e turistas.

¹⁵⁴ Com relação a essa dimensão da Casa com o Sebrae pretendo buscar mais informações a respeito no doutorado. Por hora, consegui descrever e analisar a relação das rendeiras com os cursos que foram oferecidos pela Casa (para isso me apoiei no material de Meneses (2006)).

Devido à importância da fotografia para minha aproximação em campo e na volta de campo, procurei fotografar o que pudesse transmitir o que mais me impressionou em minha pesquisa, isto é, o envolvimento e dedicação necessários para que a renda torne-se uma peça (que as linhas se tornem tramas) e a riqueza de detalhes que as peças de renda de bilros pode conter. Esses detalhes oferecem, visualmente, resultados melhores do que a palavra, principalmente, no momento do aprendizado da renda, motivo pelo qual coloquei conjuntamente a explicação em palavras e desenhos de um manual de rendas. Neste caso, imagem e palavras me pareceram indissociáveis, uma vez que, ao tentar explicar em palavras um ponto básico das rendas de bilros, procurei a imagem e o material das rendas.

No entanto, ao pensar no caderno e em moldes de renda de bilros, vi a etnografia visual uma possibilidade de aproximar a técnica do rendar a pessoas que nunca viram o rendar de bilros. Ouvir dizer e ver são expressões distintas que acarretam diferentes percepções. Para mim é um experimento de alto risco, uma vez que não tenho habilidade fotográfica e o exercício de etnografia visual chega a ser ousadia. Acabei por assumir os riscos da empreitada com a noção clara de que é apenas o início de uma experimentação, da qual ainda há muito para conhecer.

Minha investigação acerca das rendas e rendeiras segue no sentido de conhecer de modo mais aprofundado, os movimentos das rendas de bilros na Casa das Rendeiras, em relação às rendeiras. No doutorado prossigo com a investigação da Casa e amplio minha investigação para uma associação de rendeiras em Vila do Conde, Portugal, como técnica das rendas de bilros. Pretendo pesquisar nesse local a técnica, transmissão, saber e outras relações das rendas e rendeiras em um contexto diferente do norte do Piauí. Pensando, inclusive, em como as diferenças de rendar entre esses locais pode enriquecer a pesquisa. Meu interesse continua sendo a movimentação e as possibilidades de relações das rendas e rendeiras agora em dois espaços diferentes.

Meu maior esforço na pesquisa foi no sentido de etnografar a relação das rendas e rendeiras mostrando que há diversas possibilidades de conhecer essa relação e que é

possível utilizar várias formas e sentidos para conhecer as coisas¹⁵⁵ que se criam nas relações.

Espero que essa pesquisa possa contribuir para ampliarmos debates acerca de métodos e modos de fazer conhecimento na antropologia. Não de modo pretensioso, mas de modo a contribuir para reflexões sobre abordagens visuais, sensoriais e sensíveis. Para que ampliemos nossos modos de conhecer e transmitir o que aprendemos.

¹⁵⁵ Na concepção de Ingold (2007; 2012).

Bibliografia

ADAM, Barbara. 1994. *Perceptions of time*. In: Ingold, T. (org.). Companion Encyclopedia of Anthropology. London & New York; Routledge: 503-526.

ALVES, André e SAMAIN, Etienne. 2004. *Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado*. Campinas: Editora Unicamp/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Associação para a Defesa do Artesanato e Patrimônio de Vila do Conde Câmara Municipal de Vila do conde. *Rendas de Bilros de Vila do Conde*. S/data. ISBN: 972-9453-16-0.

BRUSSI, Julia Dias Escobar. *Da “renda roubada” à renda exportada: a produção e a comercialização da renda de bilros em dois contextos cearenses*. Brasília, DF, Unb, 2009.

CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen (eds.). 1995. *About the House: Lévi-Strauss and Beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro, vol 2*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, Ediouro, sd.

CATÁLOGO - *Rendas portuguesas e estrangeiras dos séculos XVII a XIX*. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa - Maio de 1948.

DANTAS, Beatriz Góis. *Rendas e rendeiras no São Francisco*. Estudos e documentos sobre a renda de bilro de Poço Redondo/SE. Paulo Afonso/BA: Editora Fonte Viva, 2006.

DAWSON, Amy. *Renda de Bilro para principiantes*. EDIOURO: 1984.

DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens, vinte anos depois. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, jul./dez. 2007.

DUMONT, Louis. *Homo Aequalis*. Edusc, 2000.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. In: Cadernos de Campo, n.13, São Paulo, 2005, p.155-161.

_____ Deadly Words: Witchcraft in the Bocage. London: Cambridge, University Press, 1980.

FERREIRA, Daniela Caruza Gonçalves. *Teresina*. 2009.

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger Fleury. E. *Renda de Bilros, Renda da Terra, Renda do Ceará: A expressão artística de um povo*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

FORTI, Laura Artigas. *As rendeiras do Piauí*. Reportagem: “Elas tecem o futuro” p.73. Revista “Brasileiros”, número 34 – maio de 2010.

GELL, Alfred. *Art and Agency – an anthropological theory*. Oxford: Clarendon University Press, 1998.

GIRÃO, Valdelice C. A renda de bilros e seus artífices. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1984.
HEIDEGGER, Martin. *Poetry, language, thought*. Trans. A. Hofstadter. New York: Harper & Row, 1971.

HENARE, Amiria; HOLBRAAD, Martin and Wastell, Sari. (Eds). *Thinking Through Things: Theorising Artefacts Ethnographically*. London: Routledge, 2007.

INGOLD, Tim. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. London and New York: Routledge, 2011.

_____ *Lines: a brief history*. London and New York: Routledge, 2007.

_____ *Key debates in Anthropology*. In 1988: debate Social Anthropology is a generalizing science or it is nothing. Edited by Tim Ingold. London: and New York: Routledge, 1996.

_____ *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling, and Skill*. London and New York: Routledge, 2000.

_____ *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n.37, p.25-44, jan./jun. 2012.

_____ www.pontourbe.net/edicao11-entrevista/267-entrevista-com-tim-ingold.

JANETnet Carsten and Stephen Hughjones. *About the house: Lévi-Strauss and Beyond*. eds. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

LAGROU, Els. *Antropologia e arte: uma relação e amor e ódio*. ILHA. Florianópolis, v.5, n.2, dezembro de 2003, p. 93-113.

_____ *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*, Rio de Janeiro, TopBooks, 2007.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.

_____ *Como prosseguir a tarefa de delinear associações. Configurações*, n.2, Universidade do Minho: p.11-27, 2006.

LEROI-GOURHAN, André. O gesto e a palavra – vol. 2: memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1971.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Minhas palavras*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____ *Tristes trópicos*.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico*, São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Editora EPU e Edusp, 1974.

MENESES, Ana Cláudia Pires Fonteneli de. *Rendeiras-Professoras o caso da Associação de Rendeiras dos Morros de Mariana – P.I. Fortaleza 2006*. Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará. Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação Curso de Especialização em Arte e Educação.

MILLER, Daniel. 1998. *Why Some Things Matter*. In: D. Miller (ed.), *Material Cultures*. Chicago: The University of Chicago Press.

OVERING, Joanna. *Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma sociedade amazônica*. In: Mana. Estudos de antropologia social, vol. 5, n. 1 Rio de Janeiro: Apr. p.81-107, 1999.

_____ *Reason and Morality*. ASA monographs 24. London and New York: Tavistock Publications, 1985.

RODRIGUES, Walter: *Revista Moda e Contexto*. Ano 02. n. 2. São Paulo. Bookmarks. P. 78-81.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1976.

SAMAIN, Etienne. 1995. *Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia* em Horizontes antropológicos n.2, P.A.p.19-48.

<http://www6.ufrgs.br/ppgas/ha/>

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. *O Arpão e o Anzol: Técnica e Pessoa no Estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*, Departamento de Antropologia, UnB. Brasília, 2007.

SILVA FILHO, José Osmar da. *Ilha Grande Histórico...* s/data (mimeografado).

SILVA, Sônia. *Vidas em Jogo. Cestas de adivinhação e refugiados angolanos na Zâmbia*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2004.

SEVERI, Carlo. *Le principe de la chimère: une anthropologie de la mémoire*. Paris: Editions Rue D'Ulm; Musée du Quai Branly, 2006.

SOARES, Simone Miranda. *Onde há rede, há renda: técnica e gênero em Raposa/MA*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

STOCKER, M.; HEGEMAN, E. *O valor das emoções*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

STRATHERN, Marilyn. *Key debates in Anthropology. 1989 debate: the concept of society is theoretically obsolete*. Edited by Tim Ingold. London: and New York: Routledge, 1996.

TOREN, Christina. *Key debates in Anthropology. 1989 debate: the concept of society is theoretically obsolete*. Edited by Tim Ingold. London: and New York: Routledge, 1996.

Sites

www.acasa.org.br/autor/walter-rodrigues Acessado em: 10/12/2013

<http://bolsafamilia.net/bolsa-familia-2012-reajuste-valor-bolsa-familia.html>. 10/12/2013

[http://4.bp.blogspot.com/-](http://4.bp.blogspot.com/-zlGJeD3Uc/UGpGZQkR_9I/AAAAAAAAAAuc/esBuxd0mwcU/s400/mapa-de-ilha-grande-no-piaui-1348680484775_300x245.jpg)

[zlGJeD3Uc/UGpGZQkR_9I/AAAAAAAAAAuc/esBuxd0mwcU/s400/mapa-de-ilha-grande-no-piaui-1348680484775_300x245.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-zlGJeD3Uc/UGpGZQkR_9I/AAAAAAAAAAuc/esBuxd0mwcU/s400/mapa-de-ilha-grande-no-piaui-1348680484775_300x245.jpg) Acessado em: 14/04/2013

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20091017112003AAThsK1> Acessado em: 08/03/2014.

<http://www.cabecadecuia.com/noticias/42068/casa-das-rendeiras-do-piaui-e-premiada-do-top-100-de-artesanato.html>. Acessado em: 09/02/2013

<http://www.deltadorioparnaiba.com.br/MapaRotaEd.jpg>. Acessado em: 14/04/2013

<http://www.deltadorioparnaiba.com.br/delta.htm> Acessado em: 14/04/2013

<http://www.ifch.unicamp.br/proa/resenhas/resenhachristiane.htm>

http://www.meionorte.com/imagens/2013/03/18/9877c6bb96cf22fa70d8d4a80890c1a7_400_300.jpg Acessado em: 12/05/2013.

<http://plantaseflor.blogspot.com.br/2012/10/camelia.html>

<http://pt.db-city.com/Brasil--Piau%C3%AD--Ilha-Grande> . Acessado em 11/04/2013

[pt.wikipedia.org/wiki/Emoção](http://pt.wikipedia.org/wiki/Emo%C3%A7%C3%A3o) Acessado em: 15/01/2014

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha Grande %28Piau%C3%AD%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Grande_%28Piau%C3%AD%29) Acessada em: 12/04/2013

www.pontourbe.net/edicao11-entrevista/267-entrevista-com-tim-ingold Acessado em: 21/02/2014.

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do;jsessionid=43A3E3EFD75794FDA643B78546F950ED> 11/04/2013

<http://www.sebrae.com.br/> 11/04/2013

.

.